

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Conflito e Sociabilidade em uma pequena escola de
samba: O Acadêmicos do Dendê da Ilha do
Governador**

Ricardo José de Oliveira Barbieri

Rio de Janeiro/2010

Conflito e Sociabilidade em uma pequena escola de samba: O Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador

Ricardo José de Oliveira Barbieri

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Orientadora: Profa. Dra. MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI

Rio de Janeiro

2010

Conflito e Sociabilidade em uma pequena escola de samba: O Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador

Ricardo José de Oliveira Barbieri

Orientadora: Profa. Dra. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Aprovada por:

Profa. Dra. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Profa. Dra. Karina Kuschnir

Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira

Rio de Janeiro

Junho 2010

*Aos meus
pais e meu irmão
em retribuição ao
carinho infinito.*

Agradecimentos

Foram dois longos anos até a conclusão deste percurso. Dois longos anos resumem a preparação desta pesquisa, antes, porém já no processo de idealização da mesma contei sempre com a companhia e apoio da minha orientadora Maria Laura Cavalcanti. É a ela a quem faço questão de agradecer inicialmente. Desde a inspiração no início da minha trajetória acadêmica, passando pela ajuda nos momentos difíceis, pela sabedoria nos meus momentos de indecisão e pelo carinho em todos os momentos. Sem ela nada disso seria realizado.

Todas as reflexões aqui realizadas devem também aos funcionários e professores do PPGSA, especialmente Karina Kuschnir e seu sensível e perspicaz olhar sobre a cidade. Sem o suporte do Programa nada seria possível. Agradeço aos colegas da turma 2008 de mestrado que sempre mostraram interesse em minha pesquisa e foram pacientes com minha timidez, em especial Ludmila, Thaís, Frank, Mário, Antônio, André, Nilton e Nina.

Agradeço aos companheiros orientandos da professora Maria Laura que compartilharam importantes reflexões sobre os estudos de rituais e festas como Flora Moana, Bárbara, Luciana, Ronald, Valéria, Celine e Renata.

Muito fortuita para a conclusão desta foi a experiência desde o início de 2009 lecionando no Instituto de Artes da UERJ. Agradeço aos professores Felipe Ferreira e Ricardo Lima, bem como alunos, funcionários e colegas com quem convivi neste ano.

Aos amigos de folia Vinicius Ferreira, Anderson Baltar, Gustavo Andrade, Fábio Pavão, Chico Frota, Rafael Marçal, Thiago Lepletier, Diego Ferreira, Freddy Ferreira, Renato Buarque, Marco Maciel e Felipe Damico com quem compartilhei angústias e alegrias da elaboração desta. Aos guerreiros do site OBatuque: Wellington, Daniel, David e Marcão. Aos mestres e companheiros do programa Cidade do Samba na rádio Manchete: João Estevam, Patricia Amaral e Júnior Jeremias.

À minha família que sempre esteve ao meu lado e sempre “sonhou meus sonhos”. Agradeço especialmente ao meu pai Ricardo Barbieri e meu avô Felipe Maciel de quem herdei o orgulho de ser carioca, sambista e “insulano”.

Finalmente agradeço ao Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador e seus bravos componentes a quem dedico todo meu carinho e admiração. Que a vitória seja uma constante e que o Dendê brilhe sempre na avenida!

Sumário

Resumo	8
Introdução. - A escolha do Dendê e minha história – o desafio de “estranhar o familiar”	10
1. Para brilhar na Sapucaí: O desfile na perspectiva de uma pequena escola	17
1.1 . As escolas de samba do Rio de Janeiro e sua estrutura ritual competitiva.....	17
1.2 . Quadro de referência da hierarquia competitiva.....	19
1.2.1 . Os grupos e suas entidades organizadoras: como funciona a hierarquia competitiva.....	20
1.2.2 . As organizações.....	21
1.2.3 Número de escolas e componentes de cada escola.....	27
1.2.4 Dias e Locais de desfile.....	31
1.2.5 Locais de preparação do desfile.....	37
1.2.6 – Os blocos de enredo.....	39
2. O Acadêmicos do Dendê e a Ilha do Governador: Competição e colaboração com as escolas “insulanas”	41
2.1. Objetivos desta pesquisa: “a alma encantadora dos barracões”	41
2.2. O Acadêmicos do Dendê na Ilha do Governador.....	45
2.3. As interseções entre as escolas da Ilha: O pertencimento e a disputa festiva.....	50
2.3.1. A “simplicidade” e “alegria” da União.....	54
2.3.2. Boi da Ilha do Governador ou Boi da Freguesia: entre ser escola ou ser bloco.....	60

2.4 Acadêmicos do Dendê: Por um lugar ao sol.....	65
2.4.1. O Dendê vira escola de samba.....	72
2.4.2. O Acadêmicos do Dendê sem Miltinho.....	75
2.4.3. Começar outra vez: O ressurgimento do Acadêmicos do Dendê.....	78
3. Drama social e sociabilidade urbana: o carnaval 2009 no Dendê.....	87
3.1. As eleições na União da Ilha e a definição do enredo no Acadêmicos do Dendê: a criação de um projeto de desfile.....	90
3.2. “Carandiru”: barracão do Dendê e o “fato total”.....	97
3.2.1. Por onde passam os conflitos: o barracão em movimento.....	108
3.2.1.2. O Dendê com novo carnavalesco: os diversos responsáveis pelo carnaval	115
3.2.2. Os ateliês do Dendê: o da “comunidade” e o de “Dona Marli”..	116
3.3. O desfile.....	119
3.3.1. A concentração.....	121
3.3.2. Escola em desfile: a comissão de frente.....	123
3.3.3. Escola em desfile: Bateria.....	125
3.3.4. Escola em desfile: O casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira	126
3.3.5. Escola em desfile: O carro de som, a harmonia e o samba-enredo.....	127
3.3.6. As alegorias e fantasias em desfile.....	129
3.4. A “apuração” e um balanço das redes de sociabilidades e influências....	131
4. Conclusão.....	135
5. Bibliografia.....	137
6. Anexos.....	144

Resumo

O trabalho lida com as redes de relações sociais estabelecidas pelos componentes de uma escola de samba no processo de preparação do seu carnaval. Para tanto foi escolhida uma pequena escola carioca da Ilha do Governador: O Acadêmicos do Dendê e a pesquisa de campo foi desenvolvida entre setembro de 2008 e maio de 2009. As relações do Dendê com as outras duas escolas da Ilha do Governador, bem como as formas de expressão simbólica do pertencimento ao bairro são aqui tomadas como objeto de análise. A memória da história da escola, vinculada à memória de seus desfiles e o fabrico das alegorias no barracão, elemento central no atual formato dos desfiles serão o ponto de partida para observação dessas relações. Nesse percurso observaremos o comportamento dos mediadores das redes de relações sociais nos processos de sociabilidade dentro da escola. Para tanto os conflitos ocorridos durante a preparação e os desdobramentos do desfile enquanto situações sociais são tomadas sob a perspectiva de “dramas sociais” em uma tentativa de iluminar o processo de reflexão.

Palavras-chave: Carnaval; Escolas de Samba; Bairro; Drama; Sociabilidade

Abstract

The work aims to elucidate the networks of social relations established by the components of a samba school in the process of preparing its carnival. For such a small school was chosen: The Acadêmicos do Dendê and field research was conducted between September 2008 and May 2009. The relations of Acadêmicos do Dendê with the other two schools at Ilha do Governador, as well as forms of symbolic expression of belonging to the neighborhood will be taken here as an object of analysis. The memory of the history of the school, as well the memory of their annual parades and manufacture of floats in their factory, a central element in the current format of the parade will be the starting point for observation of these relationships. This route will be important to observe the behavior of mediators of social networks in the processes of socialization within the school. To this end the conflicts that occurred during the preparation and unfolding of the parade as social situations are taken from the perspective of "social dramas" in an attempt to illuminate the process of reflection.

Keywords: Carnival, Samba Schools, Festivals, Neighborhood, Drama; Sociability

Introdução: A escolha do Dendê e minha história – o desafio de “estranhar o familiar”

Meu envolvimento com o tema que hoje pesquiso remonta à minha infância. Foi lá que eu era embalado pelos sambas de enredo das escolas. Uma paixão que herdei do meu pai e posso dizer que foi passada a ele por meu tio-avô China, da velha-guarda da Portela. Meu avô, muito tempo antes, já envolvia-se com aqueles que fundaram a União da Ilha, na década de 50. Na época seu interesse não era samba e sim futebol. A escola de samba do bairro – o Cacua - onde fui criado, onde meu pai foi criado e onde ele foi criado, na Ilha do Governador, nasceu o União Futebol Clube. O tempo passou e os colegas de infância foram se afastando; os interesses tornaram-se díspares, como acontece em qualquer ciclo de amizade. Esse meu avô paterno, que na época não gostava de samba, talvez não imaginasse que a transmutação que transformaria o time de futebol do Cacua em escola de samba fosse resultar em uma das paixões fervorosas do seu neto.

Lá seguiram nossas vidas de um lado a outro, superando as dificuldades e celebrando as alegrias. Quando nasci fui levado da maternidade no centro do Rio para o Jardim Primavera, em Duque de Caxias. E da Baixada Fluminense para Guarulhos, em São Paulo, bastaram-se dois anos. Era em Guarulhos que escutava incessantemente o LP de Sambas de Enredo e com apenas 2 anos decorava todas as faixas. Mais dois anos e estaríamos de volta ao Rio de Janeiro, de volta à Ilha do Governador, morando no bairro das Pitangueiras. Até meus dez anos passei minha vida freqüentando esporadicamente os ensaios da União da Ilha, nas quartas-feiras, levado pelo meu pai. Ali eu olhava fascinado para tudo: os trejeitos dos cantores Quinho e Aroldo Melodia¹ o desenho e as coreografias dos tamborins². Fui envolvendo-me e entusiasmando-me com os desfiles. Ficava acordado o máximo que agüentava para assistir aos desfiles pela

¹ Quinho e Aroldo Melodia são dois intérpretes que começaram suas carreiras na União da Ilha e tornaram-se nomes muito associados à escola. Aroldo Melodia foi intérprete de outras escolas como Mocidade e Unidos da Ponte. Faleceu em 2008, mas deixou Ito Melodia, seu filho, como cantor da União da Ilha. Quinho, atualmente é intérprete do Salgueiro, mas ainda mora na Ilha do Governador e frequentemente participa dos eventos na quadra da União da Ilha.

² Na bateria de escola de samba cada instrumento tem uma característica, uma forma de tocar, muito particular de cada escola. Os tamborins, especificamente, são os mais inusitados dentro da bateria por desempenharem um ritmo diferente a cada ano, adaptando suas batidas ao samba-enredo.

televisão. Na escola, cantava de frente para turma cada um dos sambas do ano, enquanto os demais brincavam com massa de modelar. Lembro-me que uma das maiores tristezas da minha infância foi quando o juizado de menores me impediu de assistir aos desfiles na Sapucaí, em 1990.

O envolvimento que crescia a cada ano culminou em 1994. Neste ano, eu finalmente realizaria meu sonho e desfilaria pela União da Ilha do Governador na ala das crianças. Aproveitei intensamente o período de ensaios que precedia o desfile. O desfile foi um momento mágico. Naquele ano, a escola terminou na quarta colocação do Grupo Especial – o grupo que reúne as chamadas grandes escolas do carnaval carioca – e voltou a desfilar no sábado das campeãs na Passarela do Samba erguida na Avenida Marquês de Sapucaí, localizada no centro da cidade. Foi a última vez que a escola desfilou no sábado das campeãs³.

O tempo passou e eu fiquei afastado do carnaval. Vários fatores levaram-me a apenas observar os desfiles. Um deles foi o cansaço daquele ano de 1994, com ensaios quase todos os dias da semana. Não deixei, entretanto, de acompanhar, sempre que possível, os ensaios dos outros carnavais, ao lado do meu pai. Com o tempo nossas idas à quadra da escola foram tornando-se escassas, até que entrei na adolescência e deixei de frequentá-la. Nunca deixei de comprar e ouvir o CD de sambas de enredo. Sempre acompanhei os desfiles e passei a ouvir os programas de rádio sobre carnaval, conforme foram surgindo.

Foi assim que, em meados de 2004, já cursando Ciências Sociais na UFRJ, participei de um concurso, realizado pela Rádio Roquete-Pinto, em que o vencedor cantaria no carro de som de uma escola carioca. Não venci o concurso, terminei em terceiro lugar, mas fui convidado pelos organizadores do concurso a cantar o samba deles, que concorria em uma disputa de samba na União da Ilha. Naquele ano tudo mudou em minha vida. Eu, que andava meio sem rumo no curso de ciências sociais, fui selecionado para participar, na condição de bolsista da Iniciação Científica, do projeto de pesquisa da professora Maria Laura Cavalcanti de acompanhamento da recém-

³ No momento que escrevo essa dissertação, a União da Ilha prepara-se para realizar seu desfile no Grupo Especial, depois de oito anos ausente do mesmo. Um retorno cercado de expectativa, alimentada pelo desafio de ser a segunda escola a permanecer no mesmo desde 2002, quando apenas uma escola passou a ser rebaixada para o Grupo de Acesso.

construída Cidade do Samba⁴. Dessa forma, minha vida acadêmica voltou-se para o carnaval. Simultaneamente, o carnaval continuou como meu hobby. No mesmo ano, desfilei pela Acadêmicos da Barra da Tijuca como intérprete de samba⁵, na Avenida Intendente Magalhães, localizada no bairro de Campinho e onde desfilam as pequenas escolas de samba.

No ano seguinte, em 2005, conheci o desfile que, com seu estilo despojado, me fascinou e veio a integrar o objeto de meu projeto de dissertação. Impressionou-me a forma como as escolas que desfilavam na Intendente de Magalhães enfrentavam obstáculos, a maneira coerente e franca com que enfrentavam os problemas, a visão das crianças e dos grupos de Clóvis, que cruzavam a pista no intervalo dos desfiles. Um ambiente acolhedor e democrático, onde havia espaço para todos “brincarem” não sendo importunados por seguranças pedindo credenciais, nem acotovelando-se com celebridades instantâneas. Tudo isso me fascinou imediatamente e prometi voltar no ano seguinte.

Quando voltei, foi como repórter do site Obatuque.com⁶. O Batuque é um site especializado em carnaval e foi um dos primeiros criados com esse objetivo específico. Com o tempo, voltou suas atenções para a cobertura dos desfiles na Intendente Magalhães, especialmente após restrições impostas aos sites no momento do credenciamento para a cobertura dos desfiles do Grupo Especial. Acompanhei, dessa vez, dois dias de desfile. A paixão pelas pequenas escolas aumentava cada dia mais. Gravei todos os sambas no desfile e ouvi aqueles registros durante o resto do ano, como já fazia com os sambas que passavam pela Sapucaí.

Já no ano de 2006 estreei como compositor da União da Ilha e meu pai e meu irmão embarcaram comigo nesse novo e profundo envolvimento com o universo das escolas de samba. No ano seguinte, meu pai venceu algumas das disputas de samba das quais participou. Uma delas foi em uma escola que desfilaria no carnaval de 2007 na

⁴ Ver (Barbieri, 2008)

⁵ Existem divergências entre os participantes de uma escola de samba sobre o cargo em questão. Seria adequado chamar os cantores das escolas de samba de intérpretes ou puxadores? O cantor Jamelão, que fez história após cantar por décadas na Mangueira, não admitia ser chamado de puxador. No período de definição do meu tema, cheguei a cogitar trabalhar com esse grupo específico dentro das escolas. Talvez no doutorado retome essa questão.

⁶ Maiores detalhes sobre a cobertura especializada do carnaval na Internet ver “A reconstrução do passado da Portela na rede mundial” de Ronald Clay dos Santos(2009) e “Folia na rede: o carnaval na internet” de Marco Maciel Filgueiras(2007).

Intendente Magalhães, a Unidos da Ponte. Dessa forma, conheceu muita gente, participou de muitas coisas e foi me levando junto. Nesse desfile, fui para Campinho, o bairro onde fica a Estrada Intendente Magalhães, passarela das pequenas escolas, munido de uma filmadora e de dezenas de fitas. Filmar dois dos três dias de desfiles do carnaval da Intendente passou a ser um hábito que cultivo até hoje.

Nessa caminhada, conheci a Acadêmicos do Dendê, sediada na Ilha do Governador. Meu pai concorreu na escola com um samba para o carnaval de 2006. Perdeu a disputa, sem que eu tivesse ido à quadra naquele ano. Minha mãe era contra sua participação no concurso, pois imaginava ser muito arriscado o envolvimento com uma escola que, na sua visão, estava ligada ao tráfico de drogas, compartilhada por muitos moradores da Ilha do Governador. Ele mesmo ia poucas vezes à quadra. Depois de perder àquela disputa, ele começou a frequentar regularmente a escola em 2007, ano que fui pela primeira vez à sua quadra simples, sem cobertura, tendo o morro do Dendê com pano de fundo. Foi impressionante a simpatia com que me acolheram naquele espaço democrático e humilde, onde a dedicação e o trabalho pela agremiação são explícitos no discurso dos componentes.

Como se pode perceber pelo que descrevo, o desafio desta pesquisa – relativizar a familiaridade com o universo pesquisado - é o mesmo já enfrentado por diversos antropólogos. Na antropologia o tema da familiaridade no contexto das pesquisas urbanas é de bastante valor e foi abordado cautelosamente por diversos autores. O problema, que já se desenhava nos estágios iniciais em que a pesquisa na metrópole é colocada em pauta, emerge com toda sua complexidade e diversidade já em Simmel (1971)⁷.

Devo me concentrar no esforço de estranhar o familiar, por conviver com o cotidiano das escolas de samba e desempenhar atualmente funções neste meio (as de intérprete e compositor), ainda que sejam preciosas as lições dos antropólogos que se valeram de suas redes de relações anteriores à investigação. Confesso que durante a pesquisa temi deixar escapar por minhas mãos importantes dimensões da preparação do ritual carnavalesco que se tornaram familiares para mim. Foi preciso acionar o “desligamento emocional para tornar o familiar exótico”, passo importantíssimo “para

⁷ Simmel trabalha com a questão do homem inserido na metrópole e ressaltando sua relação com o cotidiano da mesma.

estudar um ritual brasileiro” (DAMATTA; 1974, pp.85). Para superar essa dificuldade recorri às valiosíssimas lições de Gilberto Velho sobre a antropologia urbana: “O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, falar a mesma língua também não exclui a possibilidade do distanciamento” (VELHO; 1978, pp.13). Ou em outra formulação: “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas não totalmente desconhecido” (VELHO:2003,pp.92).

Ao observar o familiar deve se levar em conta determinadas relações que, se não forem relativizadas ou se não forem objeto de reflexão sistemática, podem tornar-se impedimentos no processo de conhecimento e construção do objeto de estudo. De fato, na posição em que me encontrei durante a pesquisa, razões de formação e trajetória pessoal exigiram o constante exercício de distanciamento.

O problema da familiaridade com o objeto de estudo, corrente na Antropologia Urbana, como fruto de sua opção em estudar “nós” ao invés dos “outros” (VELHO;2002), foi assim marcante no decorrer de toda a pesquisa. Percebo então que, ao me movimentar do trabalho para casa, ou ao participar de um grupo ou associação, como é o caso de uma escola de samba, participo de códigos e valores que podem guardar pouca coerência entre si, provocando respostas e decisões muitas vezes contraditórias (WIRTH,1966).

Reconforto-me com os avanços sinalizados pela antropologia na questão. Um dos mais valiosos para meu objeto de pesquisa é o método da observação-participante. A consciência da necessidade de estranhar o familiar e de que a dificuldade que experimento é também corrente nos estudos urbanos - que nem por isso são deficientes ou encontram nessa ponto algo que impedissem sua realização. Desse modo, sua aplicação proveitosa em “Sociedade de Esquina” por William Foote-Whyte pode ser resumida pela observação de Gilberto Velho na apresentação à edição brasileira do livro: “Neste sentido, viver e conviver com os universos pesquisados, participando de suas dificuldades e dramas, por períodos de tempo mais extensos, representava, de saída, um esforço para não ficar preso ao senso comum, estereótipos e preconceitos,

estudando situações em que matizes e contradições são inescapáveis” (VELHO in FOOTE-WHYTE; 2001:pg. 13).

Ao buscar este caminho e ao adotar tal método no estudo de caso da Acadêmicos do Dendê, pretendo alcançar a análise das redes de relações sociais que compõem o sistema ritual complexo e denso das escolas de samba do carnaval carioca. Afinal, “não há fórmulas nem receitas, e sim tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos empobrecedores” (VELHO:2003;pg.18).

A pesquisa, portanto, consistiu-se uma incursão etnográfica no cotidiano do barracão do Acadêmicos do Dendê – que frequentei regularmente entre agosto de 2008 e fevereiro de 2009 - e todo o universo que o envolvia, inclusive as relações que abrigava entre os componentes de cada escola de samba, através das confraternizações e dos ensaios. Para tanto, acompanhei no mesmo período alguns ensaios de outras escolas da Ilha, ainda que sem o rigor e a assiduidade que apliquei às visitas ao barracão do Dendê. Acompanhei também as relações dos componentes da Acadêmicos do Dendê com as demais escolas de samba da cidade, visto que cada escola de samba encontra-se imersa em uma teia de relações com outras escolas. Assim, a investigação ampliou-se para as relações estabelecidas entre os componentes da escola, no barracão, e as demais escolas de samba. Comecei, então, minha pesquisa estimulado pela aproximação, ocorrida no ano de 2009, da diretoria do Acadêmicos do Dendê com o grupo que havia sido oposição a ela na União da Ilha, nos anos de 2007 a 2009. Posteriormente, algumas pessoas, mesmo participando de outras escolas - como no caso do Boi da Ilha do Governador e da Unidos de Padre Miguel - mostraram-se interlocutores valiosos.

Ao longo da pesquisa de campo, foi importante também a participação em algumas das plenárias realizadas na Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro em sua sede situada à Rua Jacinto, no Méier, ainda que em apenas uma delas eu tenha acompanhado efetivamente o representante do Acadêmicos do Dendê. Mesmo com as escolas da Ilha do Governador fora do Grupo Especial, também foi importante acompanhar os ensaios técnicos⁸ desse grupo no Sambódromo, para estabelecer contatos com diretores e componentes de escolas rivais ao Acadêmicos do Dendê, ou

⁸ Os ensaios técnicos acontecem desde a inauguração da Passarela do Samba, mas desde 2005 tornaram-se uma atração turística dentro do calendário das escolas de samba. Além de ser espaço onde as escolas preparam-se ambientando seus componentes ao espaço de desfile, cada dia mais pessoas acompanham transformando os mesmos em prévias do desfile.

mesmo dos membros da escola que participavam no momento de algumas das escolas do Grupo Especial como Salgueiro, Imperatriz e Beija-Flor.

Através deste estudo de caso do Acadêmicos do Dendê, esta dissertação tem por objetivo entender um pouco melhor o universo das consideradas “pequenas escolas” cariocas. Para tanto, examinaremos o sistema simbólico vivenciado pelos componentes através da circulação das escolas na hierarquia-competitiva que organiza o desfile anual das escolas de samba, bem como as redes de relações sociais desenvolvidas por este universo carnavalesco na vida da metrópole do Rio de Janeiro.

Início, portanto a apresentação dessa pesquisa detalhando o universo complexo da hierarquia competitiva do carnaval do Rio de Janeiro. Faço o mesmo demonstrando os entrelaçamentos entre seus múltiplos planos e seus mais diversos aspectos no capítulo 1 desta dissertação.

A seguir passo a um estudo detalhado das características e principais marcas da trajetória das três escolas da Ilha do Governador. Neste capítulo 2 o olhar é focado nas interseções e formas de participação dos componentes das três escolas. Simultaneamente um panorama das relações entre os moradores da Ilha do Governador é traçado como quadro ilustrativo das redes de relações sociais desenvolvidas pelos “sambistas insulanos”. Aqui a trajetória do Acadêmicos do Dendê é o ponto de partida e principal foco.

Finalmente no capítulo 3 ocorre a apresentação detalhada da etnografia sobre a preparação do carnaval do Acadêmicos do Dendê durante o ciclo ritual de 2009. Neste capítulo saltam aos nossos olhos a participação dos componentes em cada etapa da preparação e o discurso elaborado pelos mesmos durante o processo. Aqui emergem de forma clara as disputas e alianças políticas que explicam aspectos da sociabilidade no universo das escolas de samba.

1. Para brilhar na Sapucaí: O desfile na perspectiva de uma pequena escola

1.1.- As escolas de samba do Rio de Janeiro e sua estrutura ritual competitiva

Assim que concluí a graduação já imaginava trabalhar com uma escola de samba pequena do carnaval do Rio de Janeiro. É válido o enorme esforço da comunidade acadêmica em entender o que torna o carnaval tão apaixonante, o que faz com que tanta gente se envolva, com que tanta gente fique comovida com o desfile de escolas de samba.

O interesse pelo carnaval pode ser situado no bojo dos estudos sobre cultura popular⁹. Burke (1989) nos fala do carnaval da Idade Moderna como uma festa que se aproximava das demais festas européias pelo seu caráter polissêmico. Dentre os aspectos que mais chamam atenção nessa festa estão a sexualidade, a violência, a comensalidade, a inversão, a comicidade e, particularmente, alguns aspectos que dialogam diretamente com o carnaval atual na cidade do Rio de Janeiro: paradas alegóricas, espetáculos, encenações e competições diversas (Burke, 1989; pp.127).

A importância do desfile das escolas de samba como um processo ritual foi bem observado por Maria Laura Cavalcanti (2006), que retomou a tradição antropológica dos estudos de ritual desenvolvidos por Turner(1974), Radcliffe-Brown(1973) e DaMatta(1973). A competição festiva caracterizaria o desfile das escolas de samba na festa carnavalesca. O desfile emerge como resultado de todo o ciclo anual de sua preparação, configurando um tempo próprio chamado pela autora de “ano carnavalesco” (Cavalcanti, 2006: pp.39). Assim, um ciclo se renova após o outro, ritualisticamente, e quem vive e participa de todo o ciclo no resto do ano desenvolve uma noção de temporalidade própria, bastante particular, como declara um de seus interlocutores: “o nosso ano, de quem trabalha com carnaval, é sempre um além” (Cavalcanti, 2006: pp.48).

O desfile é o desfecho de um ciclo anual onde os participantes e torcedores se misturam e celebram o momento de cada agremiação na “avenida”, na apresentação

⁹ Vale mencionar também o livro de Mikhail Bakhtin(1987) que trabalhando com a obra de Francois Rabelais, valorizou a polifonia contida no carnavalesco, elemento que em constante transformação perpetua-se também através dos tempos.

para o grande público. Cada desfile é, então, o apogeu de um ciclo anual em que a “rede de relações sociais trançada ao longo do ano atinge o seu grau máximo de expansão” (Cavalcanti, 2006: pp.233). E o desfile é também uma competição, um espaço de trocas agonísticas (Mauss, 2001), onde, como mostrou Cavalcanti (2006), as escolas a um só tempo rivalizam e confraternizam. É essa capacidade de expandir a rede de relações sociais, trançada ao longo de cada ano, que nos leva, enfim, a entender de que forma os desfiles absorvem e irradiam os conflitos e as transformações pelos quais passa a cidade que os abriga. Esse aspecto denota a importância das escolas de samba para estudos de antropologia urbana na cidade do Rio de Janeiro e inspira a realização deste trabalho. Pretendemos mostrar como a rede de relações sociais desenvolvida por seus componentes articula-se com as demais escolas na cidade.

Acontece que o prisma analítico escolhido para a abordagem dos desfiles enquanto “ritual-competitivo” tem sido, na maior parte das vezes, o das grandes escolas de escolas de samba que compõem o Grupo Especial. O estudo das pequenas escolas vem, entretanto, recebendo também alguma atenção. Uma das contribuições nessa direção é a tese de doutoramento de Eugênio Araújo (2008)¹⁰, que propõe importantes questões referentes ao universo das pequenas escolas de samba.

Estudar o Acadêmicos do Dendê significa também situá-lo dentro deste complexo sistema competitivo que enquadra a organização social das escolas de samba do carnaval carioca. Para tanto, convém retomar brevemente a explicação do funcionamento desse sistema ritual-competitivo como um todo, e buscar compreender como as escolas circulam por tal sistema durante suas trajetórias de vida. Como são encaradas suas derrotas e vitórias dentro do sistema ritual-competitivo no qual estão imersas?

Como já observou Cavalcanti (op.cit) o sistema ritual competitivo dos desfiles das escolas de samba no carnaval urbano é um processo dinâmico repleto de movimentos e mudanças anuais. A natureza competitiva desse sistema ritual, apesar de permanecer como sua razão de ser, modifica-se através do tempo, acompanhando mudanças externas. Acredito ser proveitoso analisarmos detalhadamente a estrutura

¹⁰ “Valorizando a Batucada – Um estudo sobre as escolas de samba dos grupos C, D e E” esmiúça toda uma ampla gama de interseções simbólicas entre as pequenas escolas que se expressam além do desfile. A importância deste estudo detalhado, faz com que a mesma sirva de referência inúmeras vezes até o fim deste trabalho.

desse sistema e construir um quadro que, ao contextualizar e situar o ponto de vista da Acadêmicos do Dendê nesse sistema amplo, nos acompanhará até o final do nosso trabalho.

1.2. Quadro de referência da hierarquia competitiva

Na tentativa de mapear uma hierarquia competitiva das escolas de samba, dado o complexo sistema edificado por ela e com o qual nos defrontaremos a partir de agora, apresentamos um quadro de referência a ser utilizado até o final deste trabalho.

Grupo	Entidade	Local de desfile	Dia de Desfile	Participantes em 2009	Preparação dos desfiles	Classificação Neutra
Grupo Especial	LIESA	Sambódromo	Domingo/ Segunda	12	Cidade do Samba	1ª divisão
Grupo de Acesso A	LESGA	Sambódromo	Sábado	10	Zona Portuária ¹¹	2ª divisão
Grupo Rio de Janeiro 1	AESCRJ	Sambódromo	Terça	14	Carandiru e Zona Portuária	3ª divisão
Grupo Rio de Janeiro 2	AESCRJ	Intendente Magalhães	Domingo	14	Carandiru 1 e 2	4ª divisão
Grupo Rio de Janeiro 3	AESCRJ	Intendente Magalhães	Segunda	15	Carandiru 1 e 2/ Espaços próximos das quadras	5ª divisão
Grupo Rio de Janeiro 4	AESCRJ	Intendente Magalhães	Terça	8	Carandiru 2 e Espaços próximos das quadras	6ª divisão

Partiremos, portanto, da classificação atual, utilizada pelas escolas de samba, que as divide em grupos de acordo com normas estabelecidas pelo regulamento de cada entidade das escolas de samba. A seguir pode-se observar a entidade a qual cada um

¹¹ Nesse grupo apenas a Renascer de Jacarepaguá preparava suas alegorias no Carandiru

desses grupos está ligada. Outro dado importante para acompanharmos a montagem dessa estrutura hierárquico-competitiva é o local de desfile dos grupos, seguido dos dias de desfile de cada um deles. Apresentamos, ainda, o número de escolas participantes dos desfiles em cada um dos grupos, os locais de preparação das alegorias da maior parte das escolas do grupo e, finalmente, uma classificação neutra com o objetivo de aproximar esse conjunto de dados à realidade de um leitor não muito familiarizado com os desfiles e com esse sistema.

A classificação neutra obedece a uma ordem que relaciona cada grupo a uma divisão, pois é o que são de fato; e os organiza hierarquicamente seguindo uma classificação ordinal descendente, onde a “1ª divisão” é o topo da hierarquia e a “6ª divisão” é a base.

Vamos, ao longo do texto, nos aprofundar nesse complexo sistema, com vistas a naturalizá-lo e traduzi-lo para o leitor.

1.2.1 – Os grupos e suas entidades organizadoras: como funciona a hierarquia competitiva.

Em 2009 o desfile de escolas de samba, na cidade do Rio de Janeiro, estava separado em seis divisões ou graus hierárquicos, nos quais as maiores escolas ocupavam o topo e aquelas que ainda não eram oficialmente classificadas como escolas ocupavam o grau mais baixo¹². Entretanto, paralelamente a esse mundo das escolas de samba, uma outra forma carnavalesca – os blocos de enredo – convive com esse sistema em constante interseção, pois a cada ano há blocos que viram escolas e escolas que viram blocos¹³.

O regime hierárquico que organiza a competição anual se mantém ao longo da história de vida das escolas na cidade. No entanto, essas divisões – número de escolas em cada uma delas, a sua denominação, e até mesmo o número dessas divisões, se

¹² A primeira vez que se adotou um desfile de avaliação antes da filiação de novas escolas de samba ao grau hierárquico mais baixo foi em 1996. Esse sistema vigora desde então.

¹³ Além dos blocos de enredo existem blocos de embalo e outras formas carnavalescas espalhadas pela cidade inteira. Os blocos de enredo, entretanto, têm estrutura organizacional mais parecida com as escolas de samba, até por participarem de uma competição entre eles, algo que não acontece com os blocos de embalo.

alteram muito. Através da história das escolas de samba, vemos que são recorrentes as mudanças na nomenclatura da divisão hierárquica da competição. Por exemplo, nos primeiros anos do desfile havia apenas um único grupo a disputar entre si o campeonato carnavalesco. Esse grupo, que chegou a abrigar 35 escolas em 1948, já foi chamado de “Grupo 1” (1952 a1978 e 1987 a1990) e “Grupo 1-A”(de 1979 a1987).

Interessa-nos aqui, compreender a montagem desse regime hierárquico que preside o sistema festivo competitivo e, para tanto, são relevantes as informações sobre os processos associativos desenvolvidos no meio das escolas de samba.

1.2.2 - As organizações

A primeira organização representativa da qual se tem notícia foi a União das Escolas de Samba (UES) já em 1934. No ano seguinte foi oficializado o reconhecimento dos desfiles das escolas de samba como atração turística da cidade (Cabral, 1996). Assim, já no carnaval de 1935, temos o primeiro desfile organizado pela UES, subvencionado pela prefeitura do Rio de Janeiro.

Surgiram, em 1947, duas outras organizações: a Federação das Escolas de Samba (reconhecida pelos órgãos oficiais) e a União Geral das Escolas de Samba (ligada ao Partido Comunista Brasileiro); com a criação das duas novas entidades, a UES foi dissolvida (Ferreira, 2004).

Então, em 1952, as duas entidades se fundiram formando a AESCRJ (Associação das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro), que passou a administrar os desfiles e a congregar todas as escolas da cidade do Rio de Janeiro. A AESCRJ permaneceu à frente do carnaval carioca ¹⁴ até o ano de 1984, quando um grupo de grandes escolas, até então pertencentes à Associação, se juntaram para fundar a LIESA (Liga Independente das escolas de Samba) (Cavalcanti,2006:pp.43). Assim, a AESCRJ passou a administrar apenas os demais grupos do carnaval carioca. A LIESA,

¹⁴ Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. Órgão criado em 1972 que modificou a relação do poder público com as escolas de samba. Com a criação da RIOTUR as escolas passaram a assinar um contrato de prestação de serviços. (Cabral,1996)

desde então, assumiu o controle da organização do Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial¹⁵, a 1ª divisão do carnaval carioca.

No ano de 2008, um grupo de sete escolas pertencentes ao Grupo de Acesso A, a 2ª divisão do carnaval carioca, fundou a LESGA (Liga das Escolas do Grupo de Acesso), que passou a coordenar todo o processo de organização do desfile do Grupo de Acesso A. Assim a AESCRJ detém a organização apenas dos quatro grupos inferiores a este.

Iremos, portanto, sumarizar esta estrutura competitiva do carnaval 2009 de acordo com alguns pontos que facilitarão a apresentação de nossos dados. Os aspectos da organização das escolas de samba que distinguem os graus hierárquicos entre si são os seguintes:

Inicialmente temos o nome dos grupos e da associação a que pertence. Essa definição é de suma importância, pois cada um deles tem um regulamento próprio ligado à realização dos seus desfiles. Simultaneamente, de acordo com os grupos, há diferente localização e data dos desfiles. Temos ainda formas e valores de subsídio de acordo com o nível hierárquico ocupado pela escola e, conseqüentemente, a cobrança e o preço dos ingressos dependerá de outro aspecto importante: a atenção e a cobertura da mídia.

A quantidade de alegorias e componentes no desfile, apesar de ser outro aspecto regido por regulamento, pode variar de escola para escola, de acordo com a sua posição dentro do quadro competitivo e de questões conjunturais não necessariamente ligadas à competição (como é o caso de afinidade dos interessados em desfilar na escola e com a administração da mesma, a facilidade de acesso às quadras ou intermediários que vendem fantasias, além da visibilidade da escola dentro do cotidiano da metrópole).

E, finalmente, uma diferença recente mais não menos importante que é o local de preparação do desfile (infra-estrutura, proximidade ao local do desfile).

¹⁵ Já no ano de 1984, com a inauguração do Sambódromo, a LIESA torna-se importante articuladora dos interesses de controladores de jogos do bicho e administradora dos mais diferentes interesses referentes às escolas de samba, como a comercialização de discos e a distribuição de direitos entre elas. O sistema de venda de ingressos também é, desde então, controlado pela LIESA e, nos últimos anos, os quase 60000 ingressos têm esgotado com menos de uma semana do início das vendas (os preços que variam de 10 a 5000 reais).

Interessante percebermos, através da complexa estrutura apresentada, a forma que são encaradas pelos sambistas as categorias como “subir” ou “descer” . Muitas vezes a trajetória de uma escola traz necessariamente referências à velocidade de ascensão ou queda da mesma. A ascensão dentro da hierarquia, ou a “subida” de grupo, é valorizada dentro de um projeto de sucesso, onde as menores escolas devem ao menos alcançar o grupo especial. Assim, uma escola que hoje ocupa um dos grupos que desfilam na Intendente é lembrada por sua passagem pelo grupo Especial. Simultaneamente, uma escola que tenha passado por todos os grupos da Intendente Magalhães rapidamente é encarada com respeito em sua chegada ao Grupo de Acesso A. A dificuldade em se manter no Grupo Especial, no entanto, valoriza ainda mais a passagem do Grupo de Acesso A para o Grupo Especial. Esse é o grande objetivo de toda agremiação carnavalesca no Rio de Janeiro: tornar-se uma escola do Grupo Especial. Composto pelas maiores e consideradas oficialmente as melhores escolas do carnaval carioca, esse desfile é realizado no Domingo e Segunda-Feira de carnaval, no Sambódromo. Essa é a mais alta posição hierárquica dentro da estrutura competitiva do carnaval carioca e é valorizada pela dificuldade em conseguir fazer parte do seletivo grupo. Com o crescimento da festa e o aumento no número de escolas, chegar a tal grupo tornou-se uma tarefa cada vez mais difícil.

A posição de uma escola é valorizada pelo prisma das grandes escolas que ocupam o Grupo Especial. Além de ser o grande objetivo de todas as escolas, esta que é considerada a 1ª divisão do carnaval carioca concentra a atenção da mídia, da população e, conseqüentemente, da maioria dos envolvidos com a festa.

Como aponta Araujo (op.cit) na outra ponta da estrutura temos os chamados, pelos sambistas, “Grupos de Acesso” assim reunidos em um conjunto que os coloca em oposição com o “sucesso” e “plenitude” que significa o Grupo Especial, ou a 1ª divisão do carnaval carioca. Desse modo, os “Acessos” traduzem “uma falta, uma necessidade um esforço para conquista” (Araujo; 2008: pp.71); mais do que isso, é um estado transitório, ou se quisermos avançar ainda mais na questão, um estado liminar no sentido ritual (Turner, 1978). Porém, esse “acesso” pode ser desdobrado em muitos “acessos”. Ainda que o objetivo de toda escola seja alcançar o patamar mais alto dentre todas as escolas no Grupo Especial, muitas se contentam com metas mais próximas de sua realidade e, portanto, algumas escolas nascem sonhando em ao menos chegar a

desfile no Sambódromo. Outras, abatidas pela crise, sonham em se reerguer e voltar ao Sambódromo. Assim, chegamos a um segundo estado que pode ser um primeiro objetivo de todas as escolas: alcançar ou ao menos manter-se por um tempo desfilando na 3ª divisão do carnaval carioca, o grupo Rio de Janeiro 1.

São ainda palavras “tabu” para descrever a trajetória de uma escola “subir” ou “descer” ainda que as mesmas estejam sempre presentes. Podemos dizer, portanto, que faz parte do universo ritual das escolas de samba “subir” ou “descer” e a definição de quantas sobem ou descem é de profunda importância para o desenrolar da festa. É assim que podemos encontrar uma explicação para a dinâmica da criação ou extinção de determinada escola e até mesmo do processo de crise ou ressurgimento de uma escola de samba. Veremos a seguir que esses movimentos são marcantes na história do Acadêmicos do Dendê, por exemplo.

Atualmente, há cinco grupos abaixo do Grupo Especial e as regras atuais restringiram a “subida” para esse grupo a apenas uma escola por ano¹⁶. Aqui, estima-se que um desfile produzido nesse grupo seja orçado em até cinco milhões de reais (ARAÚJO:2008:pp.59). Por ser transmitido ao mundo inteiro pela Rede de TV Globo, muitas pessoas querem desfilar nessas escolas e seus ensaios e fantasias, que garantem lugar um entre os desfilantes, são disputadíssimos. A administração desse grupo, como vimos, fica por conta da LIESA, controlada por notórios contraventores ligados ao jogo do bicho e ao mecenato das maiores escolas (CAVALCANTI:2008)¹⁷.

Logo abaixo, na estrutura hierárquico-competitiva das escolas de samba, vem o que chamaremos de Grupo de Acesso A¹⁸ ou a 2ª divisão das escolas de samba, cujo desfile acontece no Sambódromo, no sábado de carnaval¹⁹. No carnaval de 2009, após pedirem desfiliação da AESCRJ, as escolas deste grupo fundaram uma nova liga a

¹⁶ Tal fato tem restringido cada vez mais a permanência da escola que ascendeu do Grupo de Acesso A no Grupo Especial. Desde que tal mudança no regulamento foi efetuada (em 2002) apenas a Vila Isabel permaneceu no grupo Especial em 2005.

¹⁷ No artigo citado, Cavalcanti calcula em mais de 67 milhões os recursos movimentados pela LIESA. Os dados foram coletados a partir do relatório da CPI do Carnaval em 2008 na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁸ No carnaval de 2009 contou com 10 escolas disputando uma vaga no Grupo Especial e buscando evitar o último lugar, que levaria a escola ao Grupo Rio de Janeiro 1.

¹⁹ Esse grupo foi criado pela primeira vez em 1952 com o nome de “Grupo 2” como ficou conhecido até 1979, quando passou a chamar-se “Grupo 1-B”. Em 1990, passou a chamar-se “Grupo 1” o que durou até 1995, quando adotou-se a denominação que persiste até hoje: “Grupo de Acesso A”.

LESGA (Liga das escolas de samba do Grupo de Acesso) que administra atualmente os desfiles.

No Grupo de Acesso A, as subvenções são bem menores do que as do grupo especial e o teto de gastos da escola mais rica já foi avaliado em 1 milhão de reais²⁰. Os preços dos ingressos são bem inferiores ao Grupo Especial, a 1ª divisão, e custavam, em 2009, de 10 a 1000 reais²¹. A venda de ingressos não tem tanto apelo quanto a dos desfiles da 1ª divisão, embora a cada ano possa ser observado um crescimento visível. A transmissão oscila de ano para ano, alternando de emissora a emissora e, no carnaval de 2009, foi fruto de uma produção independente da LESGA que comprou espaço na CNT. Muitas escolas que já estiveram na 1ª divisão das escolas de samba do Rio de Janeiro hoje compõem o Grupo de Acesso, dentre elas apenas três nunca estiveram no Grupo Especial: a Inocentes de Belford Roxo, a Renascer de Jacarepaguá e a Acadêmicos do Cubango²². Assim, como acontece no Grupo Especial²³, as escolas são julgadas em dez quesitos, com quatro jurados para cada quesito.

Existe uma grande diferença organizacional, e de vários outros aspectos, entre os dois primeiros graus hierárquicos desse sistema competitivo – o grupo especial e o grupo de acesso A – e os demais grupos.

Abaixo do Grupo de Acesso A está o “Grupo Rio de Janeiro 1”, denominação que adotaremos no presente trabalho. Essa denominação passou a ser adotada a partir da cisão criada com as escolas pertencentes à LESGA em relação à AESCRJ. Antes da cisão o grupo era conhecido como “Grupo de Acesso B” desde o ano 2000. Antes disso já havia sido conhecido como “Grupo B” (1996-2000) “Grupo de Acesso 2” (1995), “Grupo 2”(1987-1994), “Grupo 2-A” (1979-1986), “Grupo 3” (1960-1978). Disputaram o título deste grupo, no carnaval de 2009, doze escolas. Nesse caso há uma grande diferença organizacional com relação às escolas das divisões superiores. O desfile não é transmitido pela televisão e poucas emissoras de rádio do Rio de Janeiro o acompanham

²⁰ Ver Araujo:2008, os valores de subvenção e orçamentos dos diferentes grupos do carnaval carioca.

²¹ Os preços em questão são referentes ao carnaval 2009 e podem ser conferidos no site da LESGA (www.lesga.org.br). Os ingressos mais baratos são os das arquibancadas nos setores 4 e 5 e o mais caro é de uma frisa com seis lugares na fila A, em qualquer setor.

²² Escolas apontadas tradicionais, como: Império Serrano, Estácio de Sá e Caprichosos de Pilares.

²³ Os quesitos são: Bateria, Samba-enredo, Harmonia, Evolução, Enredo, Conjunto, Alegorias e Adereços, Fantasias, Comissão de Frente e Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

na íntegra. Os ingressos de arquibancada são distribuídos e, nos últimos anos, diante do pequeno público interessado nos ingressos antecipadamente, a entrada nas arquibancadas tem sido liberada no dia do desfile. Os desfiles acontecem na terça-feira de carnaval e duram até a manhã da quarta-feira de cinzas. Apesar dos quesitos serem os mesmos que os do Grupo Especial e do grupo Acesso A, há apenas três jurados por quesito e a menor nota em cada quesito é descartada. Outra grande diferença é em relação ao tempo máximo de desfile de cada escola. Enquanto no Grupo Especial, a 1ª divisão, cada escola tem 82 minutos para percorrer toda a pista de desfile e na 2ª divisão ou Grupo de Acesso A cada escola tem 60 minutos para se apresentar; no Grupo Rio de Janeiro 1, a 3ª divisão, cada escola se apresenta em 50 minutos.

Abaixo dessa divisão estão os Grupos Rio de Janeiro 2, 3 e 4, cujos desfiles acontecem na Estrada Intendente Magalhães, em Campinho. A criação desses grupos atendeu à necessidade de subdivisões que abarcassem um número cada vez maior de escolas. A primeira vez em que uma terceira subdivisão, ou grupo, foi criada no carnaval do Rio de Janeiro foi em 1960, quando oito escolas desfilaram no então “Grupo 1”, na época a 4ª divisão do carnaval; dezenove escolas no então “Grupo 2”, a 5ª divisão, e dezessete no então “Grupo 3”, a 6ª divisão das escolas de samba. A partir daí, o número de escolas participantes dos desfiles e o número de grupos só aumentou e, como veremos adiante, o número de escolas é componente direto desse processo de subdivisões, atendendo à necessidade de um equilíbrio competitivo.

O desfile do “Grupo Rio de Janeiro 2”, ou a 4ª divisão, acontece no domingo de carnaval, no mesmo dia que acontece o primeiro dia de desfiles das grandes escolas na Sapucaí. Neste grupo, são quatorze escolas desfilando e, no carnaval 2009, três destas ascenderiam a 3ª divisão, obtendo assim o direito de desfilarem no Sambódromo no ano seguinte, e as três últimas seriam rebaixadas à 5ª divisão. Há uma grande diferença no orçamento dessas escolas em relação aos grupos que desfilam no Sambódromo²⁴. Os desfiles do Grupo Rio de Janeiro 2 são transmitidos apenas por duas rádios: a rádio comunitária da região de Campinho e Vila Valqueire e a rádio 1440 AM e alguns poucos sites acompanham os desfiles²⁵. Esse grupo já foi conhecido como “Grupo 2-B”, até 1983, depois como “Grupo 4”, até 1990, quando passou a chamar-se “Grupo 3” e,

²⁴ O desfile do Acadêmicos do Dendê 2009, no Grupo Rio de Janeiro 2 foi orçado em 50 mil reais.

²⁵ No carnaval 2009 apenas os sites OBatouque.com, Galeria do Samba e Esquina do Samba, além do troféu samba-net, com premiação voltada para os grupos inferiores.

finalmente, antes da denominação atual passou a chamar-se “Grupo de Acesso C”, desde 1996.

Participaram, do “Grupo Rio de Janeiro 3”, quinze escolas no carnaval de 2009. O grupo desfila na segunda-feira de carnaval. A média orçamentária de uma escola desse grupo em relação ao Grupo Rio de Janeiro 2 é praticamente a mesma. Como acontece no grupo descrito anteriormente, três escolas sobem e três são rebaixadas ao Grupo Rio de Janeiro 4. A cobertura dos desfiles foi realizada pelos mesmos sites e rádios que participaram da cobertura do Grupo Rio de Janeiro 2. A primeira vez em que foi criada uma quinta subdivisão no carnaval carioca foi em 1989, com a denominação de “Grupo de Acesso” até 1996, quando passou a ser chamado de Grupo E persistindo até 2009.

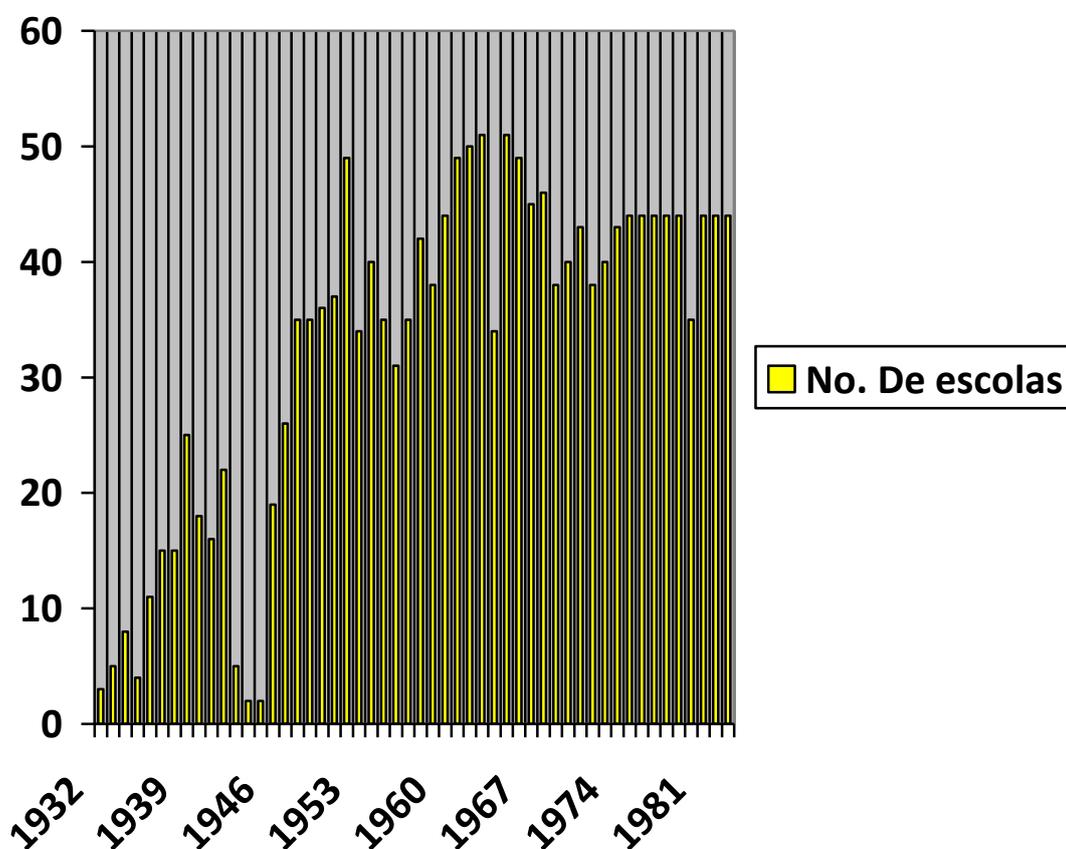
O último grupo na hierarquia competitiva das escolas de samba é o Grupo Rio de Janeiro 4, no qual desfilam oito escolas. A última colocada deixa de desfilar entre as escolas de samba e fica obrigatoriamente licenciada da AESCRJ, por um ano. A escola licenciada só pode voltar a desfilar novamente após quitar suas dívidas e provar seu cumprimento dos requisitos legais para um agremiação recreativa. Os recursos nesse grupo são muito mais reduzidos, a começar pela estrutura mínima de desfile, muito menor, sendo apenas um carro alegórico por escola, no máximo. A primeira vez que uma sexta subdivisão apareceu no carnaval carioca foi em 1996, com o nome que a acompanhou até 2009: “Grupo de Acesso E”. Tem-se, aqui, uma situação que é simbolicamente inversa ao Grupo Especial, pois se trata do último grupo na hierarquia competitiva (Araújo, 2008). Nele são encenados tanto o surgimento de novas escolas como a decadência ou desaparecimento de outras. Nesse desfile a atenção causada é ainda menor que a dos demais. Apesar do bom público presente, garantido especialmente pelos moradores da região, apenas a rádio comunitária transmitiu o desfile e apenas os sites O Batuque.com e Esquina do Samba cobriram.

1.2.3. Número de escolas e componentes de cada escola

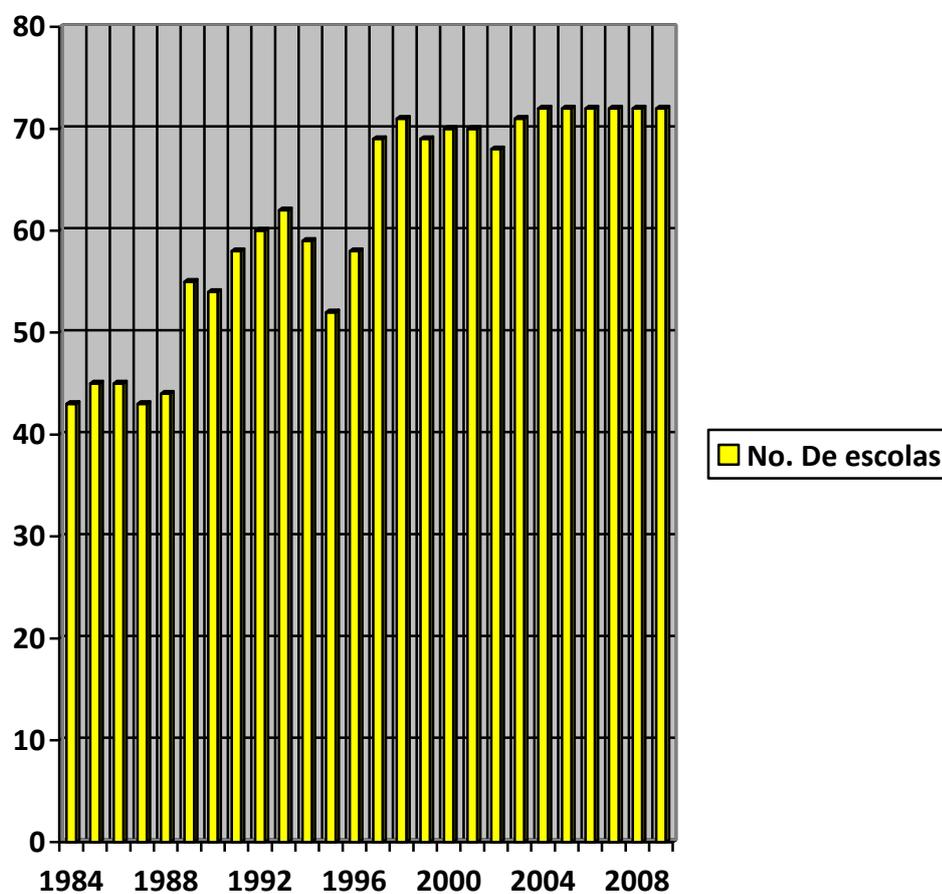
O número de escolas pode ser tema de interessante investigação e revelador, até certo ponto, da importância e relevância das escolas de samba dentro das redes de relações na cidade. Constatamos, através das gradações e entidades organizadoras

criadas na história dos desfiles, a relevância do tema. Assim, é possível enxergar uma grande diferença nessa estrutura ritual-competitiva para aquela descrita anteriormente por Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu artigo “Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana”, constante no livro “Carnaval Brasileiro: O vivo e o mito”, referente ao carnaval de 1980. Naquela época, a estrutura das escolas de samba do Rio de Janeiro era controlada única e exclusivamente pela AESCRJ. Os desfiles aconteciam todos no Centro da cidade e, quando as escolas desfilavam próximas de suas comunidades, isso era resultado de uma iniciativa própria. A hierarquia competitiva entre as escolas era muito mais simples, até pelo fato de reunir apenas 44 escolas, divididas em apenas três grupos (QUEIROZ:1999,pp.75). Podemos observar o avanço e a progressão no número das escolas de samba na cidade através da análise do quadro de escolas participantes dos desfiles oficiais de escolas de samba desde 1932, na cidade do Rio de Janeiro.

Quadro 1 – Número de escolas desfilantes antes da inauguração do sambódromo



Quadro 2 – Número de escolas desfilantes após a inauguração do sambódromo



Assim percebemos que atualmente as escolas atingem o grau máximo de expansão no número de agremiações, não apenas dentro da cidade do Rio de Janeiro, mas também cidades da região metropolitana constates nos números. A expansão ou recrudescimento dentro de tal quadro obedece a situações conjunturais, mais ou menos estruturadas, mas que obedecem também a uma lógica interna e externa a organização dos desfiles, por exemplo, as vontades dos organizadores ou questões políticas. Algo que chama atenção, por exemplo, é a relação entre a criação de novas entidades ou grupos e a ampliação no número de escolas que pode ser inferida quando confrontamos o quadro acima com a relação do item anterior (criação da AESCRJ em 1952 e um aumento significativo no número de escolas filiadas). Porém, a criação de escolas de samba opera de maneira muito particular em diferentes situações e contextos. O que percebemos é a permanência, ou ao menos uma regularidade no número de

componentes, ao menos nas grandes escolas. Já na década de 1980, por exemplo, com um número de 4 mil componentes em média em cada uma das grandes escolas da época (Queiroz, 1999). Vejamos, portanto, como se estruturam as escolas do Rio de Janeiro de acordo com sua posição na hierarquia competitiva. Podemos também observar um processo de retração entre os anos de 1976 e 1980. Logo a seguir com a democratização há um novo processo de expansão identificado a partir de 1989. Até chegar ao atual número de setenta e duas escolas a partir de 2004, que se manteve estável até o carnaval 2010.

No Grupo Especial, onde estão as maiores escolas, cada uma desfila com oito alegorias e aproximadamente quatro mil componentes. Já no Grupo de Acesso A cada escola desfila com cinco carros alegóricos e três mil componentes. No Grupo Rio de Janeiro 1, cada escola do grupo se apresenta com quatro carros e até mil e quinhentos componentes. No grupo Rio de Janeiro 2, cada escola apresenta três carros alegóricos e com cerca de mil componentes, número mínimo exigido pelo regulamento que rege esse grupo.

No Grupo Rio de Janeiro 3, apesar do número mínimo de oitocentos componentes determinado por regulamento, segundo Araújo (2008:pp144), poucas escolas alcançam tal número de desfilantes²⁶, trazendo geralmente seiscentos componentes e dois carros. O mesmo ocorre com o Grupo Rio de Janeiro 4, onde cada escola se apresenta com um carro e com cerca de quatrocentos componentes, quando o número exigido pelo regulamento é de 500 componentes.

No caso dos três últimos grupos citados, fica claro que há uma tolerância por parte da AESCRJ em relação ao número mínimo de componentes exigidos pelo regulamento. Há ainda uma distinção interessante na natureza desses desfilantes em relação aos desfiles do Grupo Especial. No caso dos demais grupos, boa parte dos componentes se reúnem em escala gradativa, com relação aos grupos, desfilando em várias escolas simultaneamente. Tal prática passou a ser conhecida entre os sambistas como “enxerto”. Já é recorrente há um bom tempo e identificada ainda no período que as pequenas escolas desfilavam na Avenida Rio Branco, enquanto as grandes desfilavam na Sapucaí. Assim, muitos componentes saíam de um desfile na Rio Branco

²⁶ Ver quadro 08 “Número de desfilantes das escolas dos Grupos de Acesso C, D e E – 2006 a 2008”, na tese “valorizando a Batucada – Um estudo sobre as escolas de samba dos grupos C, D e E”

encaminhando-se para a Sapucaí, dada a proximidade entre as duas pistas de desfile, localizadas no centro do Rio de Janeiro. Uma explicação provável para a adoção do chamado “enxerto” é a valorização de uma fantasia ou um espaço dentro de uma grande escola do Grupo Especial, quando confrontada com a opção de desfilar em uma pequena escola. Veremos mais adiante, nas observações sobre a arregimentação dos componentes para desfile do Dendê em 2009, os inúmeros fatores que explicariam essa valorização imersa dentro de um contexto que vai da valorização midiática a questões que envolvem religião ou participação local.

Perceberemos ainda como é recorrente o fato dos componentes da União da Ilha (escola do Grupo Especial) que também desfilam no Boi da Ilha (do Grupo Rio de Janeiro 1) e no Acadêmicos do Dendê (Grupo Rio de Janeiro 3). Na ocasião analisaremos cuidadosamente tal situação, bastante elucidativa dos movimentos em torno das redes de relações articuladas pelas escolas.

1.2.4. Dias e Locais de desfile

No plano da cidade com suas múltiplas formas de expressão carnavalesca, incluindo aí blocos e coretos, diversos eventos acontecem, como é o caso da entrega da chave da cidade ao Rei Momo, por parte do prefeito. No entanto, apesar da cidade viver dias movimentados, nos fixaremos apenas nos espaços que são ou foram de alguma forma utilizados pelas escolas de samba em seus desfiles, no “circuito das escolas de samba”. Para tanto, utilizaremos o conceito de “circuito”, elaborado por Magnani(2007: pp.34). Ao questionar a categoria “tribos”, na introdução do livro “Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade”(2007) Magnani que já havia trabalhado com a categoria “circuito” antes, propõe sua substituição por “circuito de jovens”, um outro ponto de partida para o estudo dos grupos de jovens nos centros urbanos seria “por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (Magnani;2007:p.19) seria possível analisar suas relações com a cidade.

O primeiro local de apresentação das escolas de samba cariocas foi a Praça Onze (Ferreira,2004) (Cabral,1996) (Cavalcanti,2006), até hoje lembrada com nostalgia pelos sambistas mais antigos. Em seu “Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro”, Felipe Ferreira

nos passa um panorama da peregrinação das escolas pelo centro da cidade até chegar a um local definitivo de apresentação:

“(...) até 1948 os desfiles oficiais dos grupos de samba iriam peregrinar por diversos espaços carnavalescos menos importantes, como a área em torno do obelisco no final da Avenida Rio Branco, um pequeno trecho da Avenida Presidente Vargas e até mesmo a região da nova Praça Onze, após a reforma que a descaracterizaria para sempre. (...) Em 1952 a divisão termina e a apresentação das escolas passa a acontecer sobre um comprido tablado (...) construído perto do Campo de Santana, na avenida Presidente Vargas, mantendo esse local até 1956. (...) A partir de 1957 o desfile ocuparia pela primeira vez a extensão da Avenida Rio Branco, então o palco nobre na folia carioca.” (Ferreira, 2004; pp.360)

Depois disso o desfile ainda retornaria para a Avenida Presidente Vargas, dessa vez já consagrada como a grande atração do calendário carnavalesco carioca, chegando, em 1979, a Avenida Marquês de Sapucaí, que se tornaria, em 1984, palco definitivo das escolas de samba (Ferreira,2004:pp.372). Em 1983 o então governador Leonel Brizola anuncia a intenção de construir uma passarela definitiva para as escolas de samba, o que acabaria com o monta e desmonta das estruturas tubulares na pista de desfiles (Cavalcanti,2006: pp.43).

Idealizada por Oscar Niemayer, a Passarela do samba, que logo a seguir seria conhecida como Sambódromo, foi construída em tempo recorde: apenas cento e vinte dias separaram a aprovação do projeto e a construção da passarela (Cavalcanti, 2006). A Passarela do samba representou efetivamente um marco no processo de espetacularização dos desfiles. Logo a seguir, impulsionados pelo novo espaço, as grandes escolas se reuniram para fundar a LIESA, em 1985. Assim, com capacidade para mais de sessenta mil pessoas, o sambódromo, oficialmente batizado de Passarela do Samba Darcy Ribeiro, mas ainda hoje conhecido como “Sapucaí” ou “avenida”, é o espaço mais valorizado do carnaval brasileiro.

Mapa da Passarela do Samba Darcy Ribeiro (Fonte: RioTur)



Como vimos, na década de 50 o reconhecimento das escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro, e sua posterior valorização, representou também importante estímulo para criação de inúmeras agremiações nos mais diferentes pontos da cidade. Quando da inauguração do Sambódromo, havia quarenta e três escolas que não dividiam o mesmo espaço de desfiles. No primeiro ano de Passarela do Samba, apenas as escolas da 1ª e da 2ª divisão do carnaval carioca desfilou no local, as demais agremiações desfilaram na Avenida Rio Branco. As pequenas escolas permaneceram nesse espaço no centro do Rio de Janeiro até 1998, quando os desfiles da 5ª e 6ª divisões foram transferidos para o subúrbio da cidade, no bairro de Bonsucesso, na Avenida Cardoso de Moraes. A intenção era experimentar espaços diferentes dos da Rio Branco, que as escolas dividiam com blocos de enredo e de empolgação. Como os blocos atravessavam a Avenida Rio Branco antes e durante os desfiles das escolas estas geralmente enfrentavam problemas de ordem organizacional. O desfile da 4ª divisão permaneceu no local.

As escolas continuaram desfilando em Bonsucesso até o ano de 2002, quando a 5ª e 6ª divisões passaram a desfilarem na Estrada Intendente Magalhães, em Campinho, um pequeno bairro entre Madureira, Vila Valqueire e Jacarepaguá, bem distante do centro do Rio. As escolas reclamavam na época por sofrerem represálias de facções rivais²⁷ no

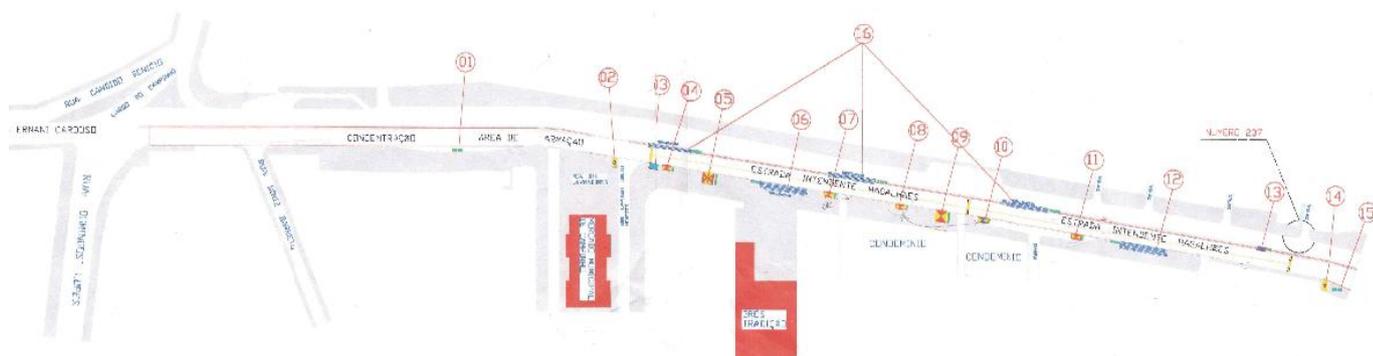
²⁷ O Rio de Janeiro vive loteado pelas organizações criminosas que se associam em facções para o gerenciamento do tráfico. Na época da pesquisa a facção que controlava o Morro do Dendê era o Terceiro Comando Puro (TCP). No trajeto do barracão para a Intendente Magalhães diferentes facções ocupavam as favelas próximas a vias importantes de acesso. São elas Amigos dos Amigos (ADA) e Comando

percurso para Bonsucesso. O Dendê era uma das escolas que reclamavam desse acesso. Um dos interlocutores me dizia que, para a escola, o melhor local de desfiles seria a Avenida Rio Branco, no centro do Rio. Segundo apontaram alguns dos componentes do Dendê, o grande problema da Avenida Rio Branco, que ainda abrigava as escolas do Grupo C na época, era o total descaso dos organizadores do desfile com a estrutura da passarela e a falta de suporte dado pela prefeitura para a realização dos desfiles. Um dos entusiastas dos desfiles e membro de uma premiação voltada para pequenas escolas, o Troféu Samba-net, que ainda acompanha os desfiles na Intendente Magalhães, Rafael Marçal, conta como eram os desfiles na Rio Branco, os de Bonsucesso e os compara com os atualmente realizados na Intendente Magalhães:

“Era uma bagunça na Rio Branco. Além de muito mal iluminados, os desfiles começavam com atrasos enormes. Quem causava os atrasos eram os blocos que atravessavam a pista antes e durante os desfiles. Desfile lá começava às 21 horas quando o combinado era 19 horas e ia atrasando conforme as escolas passavam. Nessa época (por volta de 2002) tinha muito pouca gente assistindo na arquibancada por causa dos assaltos.” (Rafael Marçal, colecionador de material sobre escolas de samba e coordenador do Troféu Samba-net – 15/06/2008)

Assim, em 2005, a 4ª divisão também passa a desfilar na Estrada Intendente Magalhães. Lá, arquibancadas tubulares e cabines para jurados e para imprensa são montadas em uma parte da via. O início dos desfiles é marcado logo após a Praça dos Lavradores e termina depois da Rua Carlos Xavier. A concentração das escolas ocorre no trecho inicial da via até seu entroncamento com a Rua Domingues Lopes. Atualmente, um dos principais problemas na pista de desfiles da Intendente Magalhães é a concentração, pois nesse local os carros alegóricos das escolas dividem espaço com o trânsito de carros até a chegada ao trecho interditado.

Mapa da Pista de Desfile na Estrada Intendente Magalhães (Fonte: AESCRJ)



Oficialmente, o calendário de desfiles de escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro é aberto na sexta-feira com o desfile das escolas de samba mirins²⁸, na Avenida Marquês de Sapucaí, começando às 17 horas e terminando por volta da meia-noite.

No sábado de carnaval temos a apresentação das escolas de samba do Grupo de Acesso A, também na Marquês de Sapucaí, realizada geralmente²⁹ a partir das 20 horas³⁰. Nos últimos anos, esses desfiles têm terminado às 6 ou 7 horas da manhã de domingo.

No Domingo de carnaval tem início os desfiles do Grupo Especial, sendo atualmente seis escolas a desfilarem no Sambódromo, na avenida Marquês de Sapucaí, no horário das 21 horas às 6 horas da manhã de segunda-feira. Este é geralmente o dia

²⁸ Trata-se de apresentação de caráter não competitivo das escolas de samba formadas por menores de 18 anos. Geralmente essas agremiações têm alguma ligação com as grandes escolas do Grupo Especial, sendo administradas e organicamente geridas por elas. Há, é claro, exceções e até mesmo agremiações que existem única e exclusivamente como escolas de samba mirins.

²⁹ O horário de realização dos desfiles pode ser alterado de ano para ano de acordo com o número de escolas participantes e mudanças nos regulamentos do desfile.

³⁰ O horário de desfiles é ponto de preocupação constante entre as escolas de samba. A determinação de um horário para início dificilmente é respeitada e ocorrem atrasos corriqueiros. Na história dos desfiles, entretanto, diversos problemas aconteceram em relação a tal tema. Houve inclusive anos em que as apresentações das grandes escolas começavam com o sol se pondo e terminavam quase no meio do dia seguinte. Uma das formas mais eficientes encontradas pelos organizadores de coibir que os desfiles se estendessem por muito tempo foi a delimitação regulamentar do tempo de apresentação das escolas de samba. Atualmente este tempo varia de grupo para grupo. No Grupo Especial outra forma de dinamizar a apresentação das escolas foi através da divisão da apresentação das escolas em dois dias de desfiles, assim seis se apresentam no primeiro dia e mais seis no segundo. A primeira vez em que tal divisão aconteceu no carnaval carioca foi no ano de inauguração do Sambódromo, em 1984.

menos valorizado, em que a escola que ascendeu do Grupo de Acesso A abre³¹ os desfiles. Desde que o Sambódromo foi inaugurado a maior parte das campeãs desfilou na noite de segunda-feira, portanto a noite mais valorizada de desfiles³².

Simultaneamente, no domingo e na segunda-feira de carnaval acontecem na Intendente Magalhães os desfiles das escolas de samba da 4ª e 5ª divisões. No Domingo, desfilam as escolas do Grupo Rio de Janeiro 2, a 4ª divisão, a partir das 19 horas com término acontecendo por volta das 6 horas da manhã de segunda-feira. Já na segunda-feira, desfilam na Intendente Magalhães as escolas do Grupo Rio de Janeiro 3, a 5ª divisão, com início também às 19 horas e término por volta das 5 horas da manhã de terça-feira.

Na terça-feira de carnaval desfilam no Sambódromo as escolas do Grupo Rio de Janeiro 1, a 3ª divisão. Esse dia de desfiles tem sido motivo de inúmeros debates e a indefinição quanto ao dia de desfiles desse grupo já chegou até as vésperas do carnaval em 2006³³. Esse grupo, quando criado, em 1998, desfilava na sexta-feira, enquanto as escolas mirins desfilavam na quinta-feira. Em 1998 o caos que se instalou no trânsito do centro do Rio de Janeiro nesse dia foi atribuído à movimentação dos carros desse grupo e no ano seguinte o dia de desfiles foi modificado, por solicitação da prefeitura. Porém, todos os anos as escolas desse grupo reivindicam a volta para a sexta-feira por considerarem a terça-feira muito esvaziada e pelo fato de os desfiles acabarem já na manhã da quarta-feira de cinzas, quando muitos dos desfilantes já começam a retomar a rotina de trabalho. Os desfiles de terça-feira no Sambódromo começam às 19 horas e terminam por volta das 7 horas da manhã.

Nessa mesma terça-feira de carnaval, na Intendente Magalhães acontecem os desfiles do Grupo Rio de Janeiro 4, a 6ª divisão, que começam às 20 horas. A discussão

³¹ A ordem de desfiles é definida por sorteio. Este sorteio obedece a uma série de parâmetros estabelecidos em regulamento de acordo com as posições das escolas no desfile do ano anterior. As únicas escolas que não participam do sorteio no regulamento atual do Grupo Especial são a escola campeã do Grupo de Acesso A no ano anterior (que abre os desfiles do primeiro dia) e a penúltima colocada do ano anterior (que abre o segundo dia de desfiles). Ver “Regulamento da LIESA em <http://liesa.globo.com/2010/por/03-carnaval10/Regulamento%20Carnaval%202010%20-%20LIVRO.pdf>

³² Há inclusive uma diferença de preços entre as duas noites de desfiles, sendo os ingressos da segunda noite mais caros que os da primeira, em todos os setores.

³³ Sobre a discussão do dia de desfiles do Grupo Rio de Janeiro 1 ver “Associação: Grupo B quer voltar a desfilar na sexta-feira no Carnaval 2010”, publicada em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/58028>

em torno desse dia de desfiles tem uma natureza diferente. Como a AESCRJ está com a maior parte de seu quadro mobilizado para os desfiles de terça-feira no Sambódromo, alguns defendem a extinção do grupo (Araújo, 2008:pp.144).

1.2.5. Locais de preparação do desfile

O formato de preparação das escolas para os desfiles que vigora atualmente só começou a se esboçar na década de 60 (Guimarães, 2004). Até então as escolas utilizavam suas próprias quadras ou espaços próximos a elas. O primeiro espaço compartilhado de convívio entre as escolas na preparação para o carnaval e reunia escolas dos mais diversos grupos foi o antigo Pavilhão de São Cristóvão, onde hoje é o Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga. Ali várias escolas permaneceram até a década de 90, como indica Helenise Monteiro:

“Em 1991, realizando pesquisa de campo em Barracões que dividiam o espaço do Pavilhão, observamos durante dois anos o trabalho das equipes das Escolas de Samba Portela, Imperatriz Leopoldinense entre outras que ocupavam o Pavilhão, administrado por um grupo de funcionários da Prefeitura. As divisões do espaço eram coerentes com o poder econômico de cada Escola, e estas eram separadas por tapumes de madeira e portões. Geralmente havia uma pequena sala que acumulava as funções de secretaria, atelier do Carnavalesco e sala do Presidente. Os tapumes de madeira, que demarcavam cada barracão, formavam um intrincado labirinto provido de placas para orientação dos visitantes.” (Guimarães, 2004:pp.16).

Outras escolas ocupavam galpões abandonados da Docas S/A onde permaneceram em comum acordo, regularmente até 1996 (Barbieri, 2008). Em 2005 uma parte dessas escolas, as pertencentes ao Grupo Especial saíram desses galpões em direção a Cidade do Samba. A Cidade do Samba é um complexo de grandes espaços para a produção dos desfiles das escolas do Grupo Especial que além de possibilitar maior conforto e estrutura às escolas, tornou-se filão turístico administrado pela LIESA. A estrutura considerada a ideal pelos sambistas e a grandiosidade que permite a divisão das etapas no processo de produção das alegorias tem levado à substituição da denominação nativa “barracão” por “fábricas”.

Ainda persistem, porém, diferentes espaços de produção das alegorias que indicam a disparidade dos diferentes níveis de competição das escolas de samba. Existem, por exemplo, escolas que ainda produzem seu carnaval nas suas quadras como no caso da Unidos de Manginhos³⁴ e da Unidos de Vila Kennedy³⁵. Existem ainda aquelas que ocupam galpões na zona portuária. Muitos desses galpões pertenceram às escolas do Grupo Especial antes da transferência para a Cidade do Samba. A maior parte das escolas que não fazem parte do Grupo Especial produzem seus carnavais em espaços compartilhados nos “Carandirus”.

Paralelamente ao projeto de construção da Cidade do Samba, no final de 2004, as escolas menores procuraram se organizar buscando abrigo para suas alegorias. Foi neste momento que, liderados pelos presidentes Zezinho Orelha, da União do Parque Curicica e por Maneco, presidente da Difícil é o Nome, essas pequenas escolas encontraram abrigo em outro terreno da RFFSA que servia de oficina de trens, bem próximo da já desativada gare da Leopoldina. A quantidade de lixo e sucata abandonados no local e a estrutura bastante depreciada do prédio levaram àqueles que ocuparam o espaço a chamá-lo de “Carandiru”. Na época o filme de Hector Babenco baseado no livro “Estação Carandiru”(1999), do médico Dráuzio Varella, em que ele narra as suas experiências com a dura realidade do presídio, ainda fazia bastante sucesso. Simultaneamente, discutia-se a implosão do presídio que aconteceria em meados daquele mesmo ano. O paralelo entre a total decrepitude do presídio e do prédio da RFFSA logo foi traçado pelos ocupantes do espaço. Atualmente, dividem esse espaço cerca de 13 escolas, desde o da 2ª divisão até a 5ª divisão, além de um bloco de enredo e uma escola mirim, que convivem, segundo seus ocupantes, com o mau-cheiro, acúmulo de lixo, condições de trabalho insalubres, insegurança e constante risco de incêndio.

³⁴ Que desfilou no Grupo Rio de Janeiro 2, em 2009.

³⁵ Vice-campeã do Grupo Rio de Janeiro 3, no carnaval 2009.



Área Interna(na foto à esquerda) e externa(à direita) do Carandiru

Essa ocupação repercutiu bastante na mídia nessa época, pois o governo resistia em ceder essa área às escolas. Para tanto, contou muito a influência de alguns dirigentes, como foi o caso do Zezinho Orelha presidente da União do Parque Curicica, antigo policial ferroviário e conhecedor do terreno. Quando ia a programas de rádio reivindicar sua permanência, geralmente tratava do terreno em questão pelo apelido de “Carandiru”, que acabou “pegando” entre as pessoas envolvidas com a produção do carnaval, o “mundo do samba”³⁶.

Com a transferência dos desfiles para a Estrada Intendente Magalhães, em 1998, um outro grupo de escolas procurou um espaço próximo à pista dos desfiles. Assim ocuparam por um período um antigo galpão da COBAL de Jacarepaguá, que viria a ser destruído e transformado na Praça dos Lavradores. Com isso as escolas que lá se encontravam transferiram-se para um novo espaço, um antigo depósito de bebidas da Antártica, na esquina da Carlos Xavier com a Henrique Braga em Campinho, que logo foi apelidado de “Carandiru 2”. As condições de ocupação neste espaço são parecidas com a do “Carandiru” da Zona Portuária, mas a grande vantagem é a proximidade desse espaço da pista de desfiles da Intendente Magalhães.

1.2.6. Os blocos de enredo

O processo de ascensão de blocos a novas escolas é tema ainda pouco pesquisado. Segundo relatos dos próprios integrantes do Acadêmicos do Dendê, uma das formas de tornar-se escola de samba é experimentar um período como bloco:

³⁶ Essa idéia de um mundo do samba inspira-se na idéia do mundo das artes formulada por Becker em seu famoso “*Art World*” (1982) onde segundo o autor as chamadas redes de cooperação se subdividiriam em diversos mundos sociais, já adaptada a idéia de “mundo do samba”.

“Nós desfilamos como bloco perto do morro e depois fomos desfilarmos em Cordovil já como bloco de enredo(...)Nós vimos que éramos muito melhores que os outros e decidimos virar escola. As próprias co-irmãs enxergavam isso e já elogiaram a gente lá em Cordovil”(depoimento de componente do Dendê – 1/11/2008)

Os desfiles d Blocos de Enredo ao qual o componente do Dendê se refere acontecem atualmente na Avenida Rio Branco, no centro do Rio, na Estrada Intendente Magalhães, em Campinho e na Rua Cardoso de Morais, em Bonsucesso. Os desfiles ocorrem no mesmo dia e no mesmo horários nesses três locais, no sábado de carnaval a partir das 20 horas. Hoje são 29 Blocos de Enredo divididos em três grupos com nove ou dez agremiações. Os desfiles são organizados pela FBCERJ (Federação de Blocos carnavalescos do estado do Rio de Janeiro). O que caracteriza esse tipo de manifestação carnavalesca e a diferencia dos conhecidos Blocos de Embalo ou Blocos de Sujo é a estrutura competitiva semelhante àquela das escolas de samba. O porte dessas agremiações é bem reduzido, quando comparado às escolas de samba, e a diferença de importância de alguns quesitos as diferenciam das escolas de samba³⁷.

³⁷ No carnaval 2009 foram julgados nove quesitos nos três grupos da FBCERJ. Os quesitos foram: Bateria, Samba, Evolução, Alegorias, Fantasias, Enredo, Estandarte, Abre-Alas e Coreografia do Mestre-Sala e Porta-Estandarte. Além desses quesitos as escolas recebiam até 15 pontos de bonificação por cumprir exigências de tempo de Concentração, Número de componentes e tempo de desfile. Além disso, as escolas somavam um ponto para cada presença do presidente ou representante da agremiação às plenárias da federação no período que antecede ao carnaval.

2. O Acadêmicos do Dendê e a Ilha do Governador: Competição e colaboração com as escolas “insulanas”

2.1. Objetivos desta pesquisa: “a alma encantadora dos barracões”

Conforme já relatei na introdução, sempre tive atração pelo funcionamento de aspectos dos bastidores do desfile, especialmente pelo barracão de escola de samba, tanto que fiz do barracão e do processo de transferência e ocupação de galpões na Cidade do Samba objeto de pesquisa³⁸. Tal qual João do Rio, seduzido pelos personagens, pelos aspectos e tudo mais que encantava nas ruas, segui percorrendo barracões nos dias que antecediam o carnaval, como que buscando a sensação de já estar vivendo a festa e hipnotizado pela potência dos principais objetos rituais das escolas de samba³⁹.

Assim, um impulso natural me levou a tomar o barracão do Acadêmicos do Dendê como ponto de partida para estudar as redes de relações sociais desenvolvidas pelos componentes da escola, através do universo das escolas de samba. A importância do barracão de escola de samba como espaço de mediação e da própria alegoria como mediadora simbólica dentro do desfile, emerge com maior força em diversos trabalhos. No entanto, acredito que o caráter revelador fica por conta do seu papel como espaço de mediação sócio-cultural, como frisou Cavalcanti (2006; pp.17). Assim, diferente do espaço da quadra, revelador de certo âmbito intimista da escola de samba, o barracão tem um caráter mais aberto aos seus componentes espalhados pelo Rio de Janeiro⁴⁰. Já na quadra localizada próxima a sua comunidade fundadora atividades de caráter mais íntimo são realizadas, como ensaios técnicos (onde apenas os componentes da escola são convidados a comparecer, ainda que os portões estejam abertos a todos os interessados), as festas dos segmentos da escola e os chamados ensaios show⁴¹, estes sim de caráter um pouco mais aberto que os demais eventos.

³⁸ Ver Barbieri;op.cit.

³⁹ (Cavalcanti Espetacularidades, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca, 2001)

⁴⁰ Fato que é exacerbado com as passarelas que permitem visualizar a preparação de todas as escolas na Cidade do Samba.

⁴¹ Os “ensaios show” são apresentações da maior parte dos segmentos da escola de samba em grandes festas realizadas em sua quadra ou outros espaços voltadas para o público externo. Para maiores detalhes ver Toji;op.cit.

A localização da quadra de certa forma é determinante, pois, especialmente em contextos de negociação, a quadra ganha uma natureza diferente do barracão. É de fato um espaço exclusivo da escola e do lugar ao qual ela está ligada. O barracão localiza-se próximo ao centro da cidade ou da região em que as escolas desfilam. Geralmente são galpões adaptados e de caráter provisório⁴². Porém, se o barracão é de fácil acesso geograficamente, o mesmo não se pode dizer do acesso físico. São locais onde as escolas mantêm seus segredos, suas surpresas, as alegorias que serão reveladas apenas na avenida. O fato de diversos barracões localizarem-se próximos aos de outras escolas e próximos dos locais de desfile faz com que sejam espaços de ampla circulação de componentes de escolas de diferentes regiões da cidade que trocam entre si desde elementos alegóricos até os materiais mais básicos para a construção dos desfiles.

Como outro elemento revelador da importância do barracão, que se observa especialmente no caso do Acadêmicos do Dendê, temos o fato de que evidencia-se nesse contexto o empenho da escola em posicionar-se singularmente dentro da hierarquia competitivo-carnavalesca, em contraponto com as escolas da 1ª divisão. O contexto dos barracões de escolas de samba apresenta hoje uma nítida diferenciação, traçada especialmente a partir da construção da Cidade do Samba. Desde o barracão, podemos perceber com clareza o Dendê como escola que ocupa não apenas posição de valor substancial para a cidade do Rio de Janeiro, mas, especialmente dentro da Ilha do Governador, como escola que tem que construir seu carnaval em um espaço que contrasta muito com os espaços cedidos às escolas componentes da 1ª divisão.

Assim, defini o barracão do Dendê, localizado no Carandiru, como ponto de partida para minha pesquisa. Entretanto, ainda que o pontapé inicial não tenha sido dado no barracão, este seria minha base e de onde partiria para qualquer outra exploração de campo.

Posto isso iniciei uma busca das origens e a construção de uma história da agremiação, através do registro oral de alguns dos seus componentes. A tentativa de construção da história pela oralidade se mostra profícua em diversos estudos e tem na antropologia um de seus principais aliados. Buscava a construção mais profunda no

⁴² Mesmo na Cidade do Samba, construída especificamente para a preparação do carnaval das escolas de samba, a ocupação tem caráter provisório já que a última colocada na competição do Grupo Especial, a 1ª divisão, abandona o complexo cedendo seu barracão para a escola campeã do Grupo de Acesso A, a 2ª divisão (Barbieri; 2008).

sentido metodológico onde “fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros” (Lozano;2006: pp20). Por serem os depoimentos orais baseados em uma experiência subjetiva, um cuidado necessário foi ficar atento à seletividade dessa memória. Além disso, o contexto específico em que estão inseridos os depoimentos orais são de profunda relevância na construção da memória, especificamente, do Acadêmicos do Dendê (Cruikchank, 2009). Nesse processo, questões como a construção da biografia e da trajetória individual dentro do contexto da metrópole fizeram parte das minhas indagações no campo (Velho, 2003). Motivado ainda mais pelo convite do então presidente do Acadêmicos do Dendê, Macalé, para integrar o departamento cultural da escola, responsável pelo acervo histórico da escola, promovi encontros com integrantes do Dendê que estivessem dispostos a contar um pouco dessa história. Curiosamente, a maioria das pessoas indicava o próprio Macalé ou o antigo diretor de harmonia, Valdo, como as pessoas mais indicadas para contar a história da escola. Procurei esses mesmos componentes; após ouvi-los os relatos dos dois guardiões da memória do grupo foram em grande parte confirmados. Nessas conversas e entrevistas, sempre mantinha em mente o objetivo de enquadrar o Acadêmicos do Dendê dentro de uma posição relativa às outras escolas e aos moradores da Ilha do Governador.

Iniciei meu trabalho de campo tentando contextualizar a posição da escola dentro de uma distribuição das relações sociais, através de redes tramadas na Ilha do Governador. As questões sobre a natureza e a motivação dessas redes foram as mais diversas possíveis. Deparei-me com aspectos que iam desde a formação de alianças políticas, no sentido de fortalecer o bairro frente à cidade como um todo e elevar sua posição simbólica dentro do contexto do já enunciado “mundo do samba”, até as simples trocas de materiais entre as escolas com os barracões vizinhos, além de afinidades pessoais existentes entre os diferentes componentes. O papel desses agentes mediadores, unificados por interesses múltiplos e não necessariamente estáveis, aparece com força neste trabalho reforçando a complexidade sociológica das escolas de samba, mesmo em sua escala elementar.

A busca pelo elementar emerge aqui como explicação para a escolha do Acadêmicos do Dendê, uma escola da 4ª divisão do carnaval carioca, vista como

pequena no amplo contexto das escolas de samba. Essa busca pelo elementar, explicar o complexo através das formas mais simples, entendidas como abrigando as características essenciais de um fenômeno, é método bastante conhecido na Antropologia clássica pela obra de Durkheim: “Formas elementares da vida religiosa” (1989). Nele Durkheim tenta descobrir o que há de “eterno” e “humano” na religião por meio de elementos que poderiam ser encontrados nas suas formas elementares que, no seu julgamento, podem ser obtidos através dos sistemas totêmicos de povos australianos, por exemplo. Assim, o elementar das escolas de samba, dessa tão viva e a cada dia mais complexa forma de expressão ritual da cultura popular no meio urbano, pode ser encontrado em uma das pequenas escolas que se apresentam em três dias na Intendente Magalhães.

O caso do Dendê é especialmente singular em razão de sua posição frente às outras duas escolas do bairro. É comum encontrar pessoas surpresas pelo fato da Ilha do Governador ter três escolas de samba, assim como surpreende número ainda maior em outros bairros e regiões do Rio de Janeiro⁴³. O caráter e o papel de cada uma delas dentro da vida da região é revelador. Considerando essas relações podemos posicionar os habitantes da Ilha do Governador frente à cidade do Rio de Janeiro. Encontrar o “lugar” simbólico da Ilha do Governador dentro do contexto da metrópole será um dos objetivos desta pesquisa.

As relações entre os componentes da escola serão bastante elucidativas dos mecanismos de seu funcionamento e até mesmo do funcionamento de outras escolas, por isso a opção de uma “observação-participante”, tal qual foi feito por Foote- Whyte (2005). Pude acessar boa parte das explicações para determinadas relações e opções no processo de construção do carnaval, bem como observar as relações entre os componentes além de uma estrutura formal de ocupação dos cargos e o funcionamento do Acadêmicos do Dendê.

⁴³ Apenas Jacarepaguá abriga atualmente seis agremiações: Renascer de Jacarepaguá, União de Jacarepaguá, Tradição, Unidos do Anil, Mocidade Unida de Jacarepaguá e Império da Praça Seca.

2.2 – O Acadêmicos do Dendê na Ilha do Governador

O lugar do Acadêmicos do Dendê na Ilha do Governador bem como suas relações com escolas mais antigas da Ilha, como União da Ilha e Boi da Ilha, que contam com maior status dentro da hierarquia das escolas de samba na cidade, é tema relevante de investigação. No carnaval pesquisado - carnaval 2009 - a União da Ilha disputou uma das vagas para a elite do carnaval carioca no Grupo de Acesso A, a 2ª divisão entre as escolas de samba; já o Boi da Ilha desfilou na terça-feira de carnaval no Grupo Rio de Janeiro 1, a 3ª divisão. Enquanto isso, o Acadêmicos do Dendê – como integrante do Grupo Rio de Janeiro 2, a 4ª divisão - disputava o direito de retornar à Marquês de Sapucaí, uma posição, como vimos, de alto valor entre as escolas e que marca uma importante ruptura na hierarquia ritual.

O estudo da metrópole, principalmente em seus aspectos simbólicos, passa usualmente pelo estudo de dimensões geograficamente reduzidas de seu território. Um exemplo é o estudo de Graça Cordeiro e Antônio Costa (1999) sobre a festa anual dos santos populares em Portugal. Neste caso, trata-se de uma festa em que a esfera pública financia, em parceria com associações locais, os “arraiais” que enfeitam as ruas de um bairro e as “marchas populares” que concorrem entre si num desfile ritualizado. Dessa forma, consolida-se uma imagem de cidade polarizada em torno de “pequenos núcleos vivenciais, olhados habitualmente como microcosmos residuais de vida comunitária” (CORDEIRO & COSTA:1999;pp.58). No que diz respeito à forma de financiamento e à parceria firmada para sua organização, a forma de celebração assemelha-se à forma de organização do carnaval carioca. Prosseguindo, vemos como as semelhanças nos levam a vislumbrar na análise de sua relação com esses chamados “microcosmos residuais da vida comunitária” um caminho a ser seguido. Os bairros populares são apontados como “representações que integram a própria realidade social da cidade, que os instituiu como um de seus bens patrimoniais mais preciosos” (CORDEIRO & COSTA:op.cit.;PP.59). No caso dos bairros populares de Lisboa, estes surgem como lugares reais e imaginados, onde a ação ou a dominação simbólica apresentam-se de forma paradoxal no processo de construção identitária (idem pp.62).

Outra forma interessante para investigar a relação da escola e de seus integrantes com o bairro é através da categoria “pedaço” já utilizada por José Guilherme

Magnani(2003). Nesse livro, Magnani trabalha com o conceito de “pedaço” como parte de uma família de categorias terminológicas⁴⁴ que inclui ainda “mancha”, “circuito”, “trajeto” e “pórtico” (MAGNANI:2002). O objeto da pesquisa em questão era principalmente o lazer na periferia de São Paulo, com foco no circo como forma de expressão da cultura popular atraente no contexto dos bairros de periferia. A entrada e circulação dos circos pelos bairros envolvia um contexto de negociação e movimentação entre diferentes redes de relações, que tinham uma determinada ordem e estavam sujeitos a um determinado controle social baseado na oposição “vizinhança/fora da vizinhança”. O pedaço era um espaço “intermediário entre o privado e o público onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a dos laços familiares” (MAGNANI, 1998, pp. 116).

Inicialmente, podemos encontrar dificuldades em definir qual seria o “pedaço” do Dendê na Ilha do Governador. Seria o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador, do morro do Dendê ou da Ilha do Governador? Para tanto, vamos procurar definir a Ilha do Governador e as representações coletivas a ela associadas.

Apesar de todo o orgulho dos seus moradores, que se definem como “insulanos”, a Ilha do Governador deixou de ser um bairro há muito tempo, para ser mais exato, desde 1981, quando o decreto do prefeito Julio Coutinho dividiu a Ilha em seus atuais dezessete bairros⁴⁵. Até a década de 1960, por ter apenas uma saída, a região era pouco povoada e vista como balneário para as camadas médias cariocas (IPANEMA:1991). Atualmente, a Ilha do Governador é densamente povoada⁴⁶. Boa parte do acelerado desenvolvimento se deu a partir da inauguração da chamada Ponte Velha do Galeão, em 1949, que a ligou ao continente. Logo depois da inauguração, instalações militares

⁴⁴ Agregando mais conceitos à referida “família terminologia” pelo próprio Magnani temos a categoria “mancha” descrevendo “áreas contíguas do espaço urbano que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante”; temos também os “trajetos” descritos como “fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas”; finalmente temos os “pórticos” que segundo o autor são “espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens” (Magnani, De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, 2002)

⁴⁵ Os bairros atuais da Ilha do Governador são Bancários, Cocotá, Cacuia, Dendê, Freguesia, Galeão, Jardim Carioca, Jardim Guanabara, Guarabu, Moneró, Pitangueiras, Portuguesa, Praia da Bandeira, Ribeira, Tauá, Tubiacanga, Zumbi.

⁴⁶ Aproximadamente 250 mil habitantes em 33,53 quilômetros quadrados. Ver “Censo Demográfico 2000”

chegaram à Ilha do Governador⁴⁷, assim como grandes empresas como foi o caso da Petrobrás, Exxon Mobil e da Shell, ainda hoje instaladas na região. Porém, para a consolidação desse processo, foi decisiva a transformação do Aeroporto para receber vôos internacionais, em 1977 (IPANEMA:1991). Com tudo isso, a Ilha do Governador, até então socialmente homogênea⁴⁸, passou a conviver com a heterogeneidade característica das metrópoles. Hoje, seus diferentes bairros apresentam características diferentes, apesar de a Ilha em si ser enxergada por seus moradores como um todo, definindo-se como “insulanos” perante a cidade do Rio de Janeiro (“lá fora”):

“Quando eu falo lá fora que moro na Ilha as pessoas acham que mora bem. Eu acho agradável dizer que moro na Ilha. È melhor do que dizer que moro em Caxias, por exemplo.” (Morador do Bananal)

“Sempre fui apaixonado pela Ilha (...) A Ilha sempre foi um bairro muito valorizado no Rio de Janeiro. A Ilha é uma comunidade com vários bairros que estão em uma Ilha mas isso não ficava muito claro para mim, só comecei a ter essa visão com meus 20 e poucos anos apesar de ter morado aqui desde pequeno.(...) Assim como eu vou à Niterói e vejo que o morador de lá tem um jeito diferente, também acho que a Ilha tem essa característica. Reconhecer um insulano quando você está fora da Ilha é fácil. Quem mora na Ilha é provinciano, é apegado à Ilha, tem orgulho de morar na Ilha, valoriza o bairro. É igual cidade pequena, tudo que você faz na Ilha do Governador as pessoas sabem. Sempre você encontra as pessoas no Shopping, nas escolas de samba, nos bares.” (Morador do Jardim Guanabara)

“A Ilha é a melhor comunidade do Rio de Janeiro. Não me adaptaria em outro lugar. A Ilha é um ponto de referência para quem quer tranqüilidade, paz. Até o mendigo aqui é diferente.(...) A Ilha é uma comunidade, evidentemente, tem seus bairros, mas quem mora na Freguesia, no Jardim Guanabara é um morador da Ilha, não tem

⁴⁷ Base Aérea do Galeão, os quartéis dos Fuzileiros Navais e a Estação de Rádio da Marinha.

⁴⁸ No artigo “escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana do livro “Carnaval Brasileiro: Vivido e Mito”(1999), Pereira de Queiroz cita características que indicariam uma certa heterogeneidade da Ilha do Governador relacionada aos integrantes da União da ilha em pesquisa de 1980.

distinção. Quer dizer a Ilha é um todo, né? Não existe como quem mora em Madureira ou na Tijuca uma diferença. São todos iguais aqui na Ilha. A Ilha é um lugar privilegiado no Rio de Janeiro, tanto que quem mora na Ilha dificilmente deixa para morar em outro lugar. O insulano quando está em outro lugar e encontra pessoas novas a primeira coisa que tem prazer em dizer é que mora na Ilha.” (Morador da Freguesia)

“Na Ilha é todo mundo insulano, por isso Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador” (Morador do Dendê).

Atualmente são as quase quarenta favelas distribuídas nos dezesseis bairros da Ilha do Governador. A maior delas é o complexo do Dendê, no bairro de mesmo nome. Por ser a maior favela, ela tornou-se símbolo para os insulanos de todo um imaginário relacionado às favelas que as associa à pobreza e à criminalidade. Aqui a noção de “regiões morais” proposta por Robert Park em seus estudos de “ecologia humana” revela-se útil. Park, um dos integrantes da chamada “Escola de Chicago” com contribuições definitivas para os estudos das metrópoles, enxergava na vida dos homens nas cidades a busca de “organizar-se de acordo com seus gostos e temperamentos”. Uma região moral encarada de acordo com a perspectiva assim proposta “permite ao individuo purgar de impulsos selvagens e reprimidos por meio de expressão simbólica” (Park, 1979: pp.66). A proliferação de favelas levou a um conseqüente temor dos insulanos em relação a elas, considerando-as lugar onde a pobreza deu lugar a associação com a criminalidade. Temos assim uma região proibida que se afasta da utilização econômica ou social. Os mesmos moradores que tecem loas ao se referirem à Ilha tratam as favelas da região como “um problema, um aspecto negativo” da Ilha do Governador:

“A favela se torna perigosa porque a vagabundagem se mistura entre as famílias que moram lá e torna as favelas perigosas.(...) Antigamente era simplesmente moradia de pobre, hoje mudou muito.(...)O morro do Dendê é muito grande e tem várias saídas, então a polícia tem muita dificuldade para pegar alguém que se esconda no Morro do Dendê.(...)Então se torna muito perigoso.” (Morador do Bananal)

“Não sei como solucionar a questão das favelas, mas as pessoas tem direito a moradia e a viver com dignidade.(...)Aqui na Ilha estamos familiarizados com o Morro do Dendê ou o Morro do Boggie-Woggie, conhecemos as pessoas que moram ali. E nós sabemos que a grande maioria são pessoas de bem.(...) Um grupo de pessoas do mal transforma aqueles ambientes em ambientes terríveis. Aqui no Morro do Dendê houve vários líderes do tráfico, houve alguns muito violentos e outros mais pacíficos que conduziam seus negócios sem oferecer tantos riscos aos moradores” (Morador do Jardim Guanabara)

“O Morro do Dendê é um aglomerado de pessoas como existe em todo o país, mas é uma favela com certa distinção. O habitante do Dendê não é molestado nem quem mora no entorno do morro. É diferente de outros morros com balas perdidas e operações policiais.(...) O líder que transita na ilegalidade tem um código de respeitar o morador. (Morador da Freguesia)

“Agora o Morro tá tranqüilo. Muito tempo não tem guerra, mas não dá para ficar tranqüilo. A gente tem que saber qual o contexto. Se souber não acontece nada, sempre foi assim.(...) É porque quem vem de fora não sabe qual o contexto, aí acha perigoso.(...) Mas já foi melhor. Na época de Milton⁴⁹ era mais tranqüilo.” (Morador do Dendê)

Esses fatores entram em jogo quando temos como aspecto primordial sua identificação como espaço de venda de drogas e a escola de samba associada à expressão simbólica desse tipo de movimento por uma série de fatores dentre eles e talvez o principal, o mecenato.

Ocupando uma área de mais de 230 mil metros quadrados, atualmente e com população de cerca de 9900 moradores ocupando 2704 domicílios⁵⁰, o morro do Dendê é o ponto mais alto da Ilha do Governador. Ocupando a maior parte do Jardim Carioca, esse morro tem saídas ainda para os bairros do Tauá, Cocotá e Cacuia. A ocupação do local iniciou-se em 1940, segundo dados do Instituto Pereira Passos. Os primeiros

⁴⁹ Como veremos adiante, o Milton ao qual o entrevistado faz referência é o traficante Miltinho do Dendê, que comandou a venda de drogas no morro até ser preso no início da década de 90.

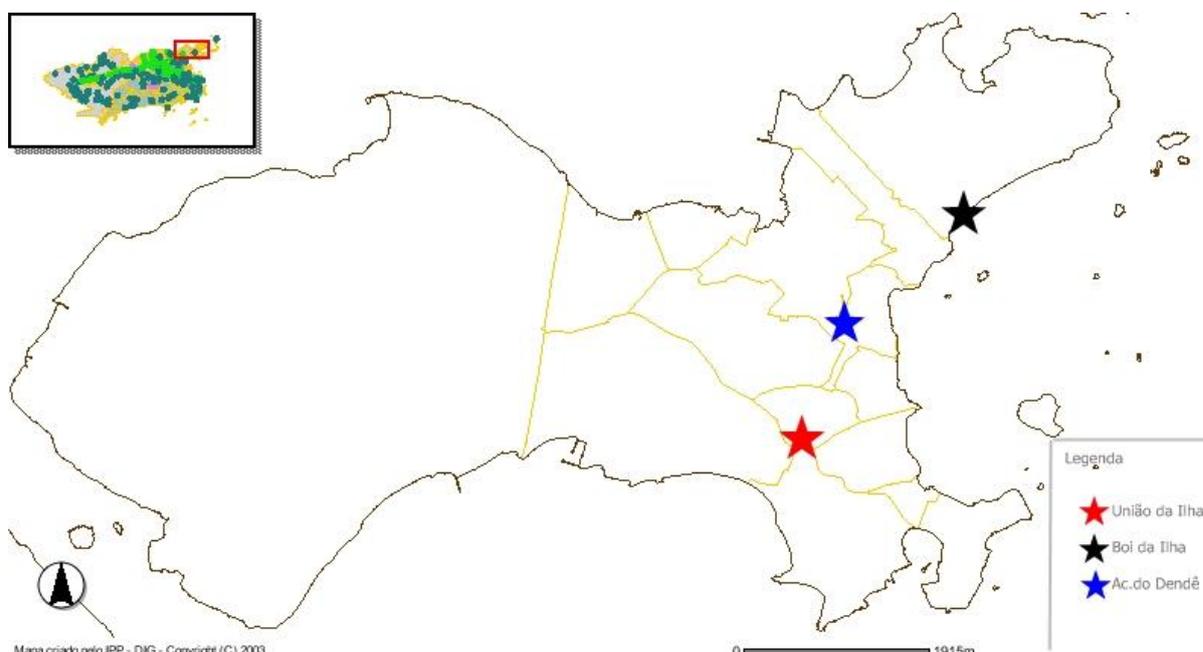
⁵⁰ Dados do último censo demográfico do IBGE em 2000.

moradores vindos do Nordeste desembarcaram na Ilha ainda de barca, o único meio de transporte que ligava a Ilha com o resto da cidade. No local, encontraram uma plantação de Dendê que acabou dando nome à comunidade. A ocupação começou pela parte mais alta do morro, atualmente conhecida como Centro. Durante muitos anos proprietários ameaçaram os moradores de remoção, que de fato nunca foi concretizada. Boa parte dessa resistência era ligada a um líder comunitário do início da década de 60, chamado Antônio Bananeira. Foi o mesmo Antônio bananeira o fundador da Associação de Moradores do morro, em 1961.

Procurando entender essa relação através da geografia do bairro, vemos que este complexo localiza-se entre a região próxima da quadra da União da Ilha, localizada no bairro do Cacuia, e a antiga quadra do Boi da Ilha do Governador, localizada na Freguesia. Tal proximidade física entre as três escolas suscita naturalmente uma série de interseções e uma ampla gama de pertencimentos múltiplos dos componentes das três escolas.

2.3. As interseções entre as escolas da Ilha: O pertencimento e a disputa festiva

Mapa da Ilha do Governador com localização das quadras das escolas



As relações entre as escolas da Ilha do Governador têm importância vital para o seu desempenho dentro do regime competitivo carnavalesco. Neste ponto, passamos a uma importante reflexão a ser feita ao analisarmos o universo das escolas de samba: a relação entre “co-irmãs”.

Como indicou Cavalcanti (2006), as escolas de samba costumam simultaneamente associar-se e rivalizar. Por participarem do mesmo regime de disputa que as organiza em uma mesma hierarquia competitiva, ainda que em grupos diferentes, todas são rivais na mesma competição. Além de competição, trata-se de uma festa em que as escolas compartilham de interesses comuns e organizam-se de modo a realizar com sucesso seus desfiles.

Atualmente, uma das manifestações dessa dimensão associativa da vida das escolas de samba pode ser percebida na ocupação da Cidade do Samba, com a cessão de antigos barracões entre as escolas, na troca de adereços, fantasias e esculturas entre as escolas e nas visitas às quadras mais diversas em toda a região metropolitana (FERREIRA:2004).

No Ensaio sobre a Dádiva, Marcel Mauss explicita um sistema de prestações e contraprestações obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Esse tipo de troca é nomeado e definido pelo autor como “sistema de prestações totais de tipo agonístico”. Essas trocas expressam uma ampla gama de instituições (religiosas, jurídicas, morais, econômicas e outras) e níveis distintos da realidade, o que permite tomá-las como fenômenos sociais totais. Elas envolvem também diferentes formas de vinculação social – da colaboração à competição, fortes rivalidades e hierarquias (MAUSS, 1978). Como já apontou Cavalcanti (2006), essas considerações de Marcel Mauss, posto que vão muito além apenas do desfile carnavalesco, são bastante relevantes para iluminar as relações desenvolvidas pelas escolas de samba no decorrer do processo de preparação para o ritual competitivo que é o desfile. A rivalidade e o antagonismo perpassam estas práticas e, simultaneamente, outros elementos como a colaboração e o apadrinhamento podem ser observados na preparação para os desfiles. Quando percorrermos a história do Dendê, veremos esse tipo de relação, a um só tempo de rivalidade e de colaboração, sempre em evidência em toda sua trajetória.

A ocupação relativamente recente dos barracões na Cidade do Samba evidenciou as amplas questões que podem ser desenvolvidas a respeito do tema (BARBIERI:2008). As implicações dessa ocupação envolveram não apenas o grupo de escolas que compõe o Grupo especial, mas toda a rede de relações sociais (BOTT; 1976) dos componentes das 72 escolas de samba cariocas. Nesse contexto, emergiram inúmeras prestações e contraprestações obrigatórias, sempre enfatizadas nas falas dos atores sociais envolvidos como cessões às “co-irmãs” que, vale lembrar, são sempre possíveis e/ou prováveis adversárias no carnaval do ano seguinte.

Uma forma interessante para desenvolver esse aspecto da festa carnavalesca seria trabalhar com o conceito de situação social, já proposto por Gluckman (1958), entendido como “o comportamento em algumas ocasiões de indivíduos como membros de uma comunidade é analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões”. Existem diversas ocasiões na preparação do carnaval do Dendê, e até mesmo após essa preparação, que podem ser isoladas e estudadas a partir de um enfoque sobre suas redes de relações sociais. A experiência no carnaval do Dendê tornou ainda mais claro que boa parte dessa rede tem importância substancial no que diz respeito ao relacionamento entre as escolas da Ilha do Governador e entre as escolas vizinhas ao seu barracão. Para tanto é necessário retomar as noções de rede elaboradas por Elizabeth Bott (1976) e Clyde Mitchell (1969).

Para entender melhor o papel de cada uma das escolas de samba da Ilha do Governador passemos, então, ao breve histórico de cada uma delas. Assim, a partir da feitura do carnaval do Dendê me deparei com a complexidade dos relacionamentos entre as escolas da Ilha. Muitos dos depoimentos são frutos de entrevistas com componentes de duas ou mais escolas, como foi o caso do compositor e cantor Cadinho da Ilha, vencedor de diversos sambas no Dendê e no Boi da Ilha e morador da Freguesia, bem próximo da quadra do Boi da Ilha. Conversando sobre carnaval, o tema da história do Boi da Ilha foi recorrente. No caso da União da Ilha, meu trabalho junto ao departamento Cultural da escola, ajudou no recolhimento de material sobre a história da escola que se tornou de fácil acesso, inclusive no site da União mesmo após a dissolução do Departamento, em 2008.

Começarei pela principal escola de samba, aquela de onde surgiriam as demais escolas do bairro: a União da Ilha do Governador. Aqui temos um componente importante ligado ao fenômeno da chamada “identidade englobante”, ligada neste caso à União da Ilha do Governador, que justifica minha escolha enquanto ponto de partida para a análise das relações desenvolvidas entre as escolas insulanas.

No caso do Dendê vemos um processo identitário sendo construído, de modo similar ao que Fredrik Barth apresentou logo no início do capítulo sobre os agricultores noruegueses:

“(...)a participação e auto-avaliação desses agricultores no que diz respeito aos valores noruegueses mais gerais assegura um pertencimento contínuo ao grupo étnico mais amplo, apesar dos padrões de atividade extremamente específicos e desviantes que a ecologia local lhes impõe.”

(Barth, 2000: pp31)

O autor prossegue demonstrando de forma clara o ponto ao qual queremos chegar na comparação dos dois fenômenos enquadrados dentro deste caso do Acadêmicos do Dendê. Trata-se dos casos de contato e mudanças culturais que Barth indica como “fenômeno muito generalizado conforme a dependência dos produtos e instituições da sociedade industrial se espalha pelo mundo” (Barth, 2000:pp.59). Assim, dentre as principais estratégias adotadas por grupos interconectados que participam em diferentes sistemas sociais mais amplos temos: a) a tentativa de passar para a sociedade e o grupo cultural industrial previamente estabelecido; b) aceitar o status de minoria e tentar estabelecer-se dessa forma ou c) reforçar a identidade étnica usando-a para estabelecer novos padrões (Barth, 2000).

O que tentarei demonstrar é resultado da adaptação a primeira estratégia onde, conforme Barth demonstra, os “inovadores” optam por enfatizar características que os aproximam de uma identidade primária potencialmente adequada para servir de referencial para o grupo.

No contexto do Acadêmicos do Dendê, muitas das pessoas que compõem essa escola de samba participam também das duas outras escolas da Ilha do Governador. Esse fato é recorrente. O interessante foi observar que muitas dessas pessoas, ao falarem sobre suas adesões e associações, recorrem à “identidade primária” ou “englobante”, ou

seja, a seu pertencimento à escola de samba União da Ilha do Governador. Ainda que em eventos dentro dessa escola de samba - a União da Ilha, ou em eventos que colocavam em contato escolas que ocupam faixas parecidas na estrutura hierárquica do carnaval - o Dendê fosse representado por esses mesmos componentes, que eram nesse contexto relacional “Acadêmicos do Dendê” ou “sou Dendê”. Confrontados por membros ou torcedores de escolas maiores de fora da Ilha, entretanto, esses mesmos componentes recorriam à “identidade primária” na maior parte dos casos e tornavam-se “Ilha” ou “União”.

Portanto, mesmo nos casos em que o componente do Acadêmicos do Dendê é “Dendê” e não “União”, ele carrega características e traços que o identifica também com a “União”. Na busca por compreender a posição do Acadêmicos do Dendê no contexto da cidade como um todo, é, assim, de extrema importância analisarmos suas relações com as demais escolas do bairro, bem como as razões que levaram à União da Ilha a tal posição englobante. Este será o ponto que analisaremos a seguir.

2.3.1. A “simplicidade” e “alegria” da União



Visão frontal da quadra da União da Ilha

A União da Ilha do Governador foi fundada em 1953 por um grupo de amigos que se reunia em torno de um time de futebol, o União Futebol Clube, com as cores azul, vermelho e branco. A escola foi fundada no armazém de Mauricio Gazelle, comerciante antigo do bairro da Cacua, onde ainda mantém uma joalheria. A intenção inicial do grupo era desfilar no carnaval da Ilha do Governador que, se realizava no

próprio bairro da Cacuia⁵¹, como bloco. Posteriormente, transformou-se em escola de samba e foi apadrinhada pela Portela no período em que Natal era presidente, passando a adotar como símbolo em seu brasão a águia.



Interior da quadra da União da Ilha.

Após desfilar no bairro até 1960, a escola galgou boas posições nos grupos inferiores até chegar ao grupo principal em 1974. A consagração da escola no carnaval carioca veio três anos depois, com o enredo “Domingo”, da carnavalesca Maria Augusta. Com aquele desfile a escola ficou marcada como uma escola alegre, descompromissada, ou ainda “como uma escola “solta” e “brincalhona” (Cavalcanti, 1999:14). Há nesse enredo um componente interessante que pode ser atribuído a uma marca da carnavalesca, pois desde então a Ilha passa a ser reconhecida no contexto do carnaval carioca como uma escola que apresenta enredos com uma linguagem visual simples e figurinos baratos. Encontramos maiores detalhes sobre esse encontro entre Maria Augusta e a União da Ilha e como o mesmo seria marcante tanto para a trajetória profissional da artista, como para a construção de marcas identitárias para a escola na tese de doutoramento de Nilton Santos, "Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!": Carnavalesco, individualidade e mediação cultural”(2006):

⁵¹ Até o ano de 2006 o carnaval da Cacuia era o principal no bairro. Quando foram concluídas as obras do projeto Rio-Cidade, houve um deslocamento do coreto que existia ali, até então, para o bairro vizinho do Cocotá, onde se localiza o Parque Manoel Bandeira e atualmente o terminal de barcas da Ilha. No último ano o carnaval no bairro da Cacuia voltou a se realizar graças ao empreendimento de alguns comerciantes e moradores.

“O enredo "Domingo", feito para o carnaval de 1977, configurou-se num marco de virada no ciclo da vida para a carnavalesca Maria Augusta, tanto quanto para a escola de samba União da Ilha do Governador. (...) a possibilidade de Maria Augusta Rodrigues pôr em movimento a constituição de uma nova linguagem carnavalesca, apoiada na utilização das cores e em materiais pouco custosos, priorizando enredos baseados no cotidiano, (...) da estética do "bom, bonito e barato" (Santos, 2006: 129).

A própria Maria Augusta ao relatar sua chegada à escola, no entanto, ressalta componentes que são importantes traços que a União da Ilha ostenta como marcas identitárias:

"A União da Ilha era uma escola pequena, né? Sem recurso praticamente nenhum, mas que pra mim tinha uma coisa genial, que eram as cores, as três cores [vermelho, azul e branco], e então foi um carnaval modesto, muito modesto. A Ilha tinha uma coisa que ainda hoje tem, mas que na época era imbatível, que era a ala de compositores da Ilha. Sempre com sambas muito bons, e então nós desfilamos no segundo grupo". (Santos, 2006: 124)

Em uma referência aos desfiles enquanto marcadores de uma temporalidade especial dentro da cidade do Rio de Janeiro, Maria Laura Cavalcanti recupera ainda a importância dos “enredos” como referencial mnemônico na memória coletiva do carnaval. Indicando com isso porque o desfile não é apenas espetacular, mas abrange todo um ciclo de trabalho onde o enredo funciona como referência primordial (Cavalcanti, 1999: pp.81). Prosseguindo podemos comprovar a centralidade do enredo no processo de construção do carnaval. Ele é o ponto de partida:

“A escolha do enredo para sinalizar essa dimensão temporal é significativa. O desfile em essência é a encenação de um enredo, narrado por múltiplos meios em cortejo linear(...) ele é o elemento chave da forma estética e cultural do desfile: sem enredo não há desfile.” (Cavalcanti. 1999: pp.82)

Vemos recorrentes referências nas falas acima de Maria Augusta, bem como em diversas falas carnavalescas aos enredos apresentados por determinada escola em determinado ano. A União da Ilha é a escola de “Domingo”, “É Hoje” ou “Festa Profana”⁵².

Essa referência assume uma natureza diferente no caso da União da Ilha, onde os sambas são predominantes na fala coletiva⁵³. De fato, a tricolor insulana deixou inúmeros sambas até hoje lembrados em quadras de outras escolas de samba, como o próprio Domingo. Nesse caso, temos um fenômeno que não deve ser estranho às escolas de samba, já que o samba encontrou nas escolas “um nicho acolhedor e um trampolim para sua imensa popularidade. Seu subgênero samba-enredo resulta da apropriação entre universos mais amplos: aquele oriundo da incorporação das camadas populares negras e mulatas, de origem africana à vida cultural da cidade, e o universo do carnaval propriamente dito abrangendo os festejos de diferentes segmentos sociais” (Cavalcanti, 2006, pp. 99-100).

Temos, assim, o compositor de escola de samba enquanto sambista que desfruta de uma rede de sociabilidade específica que tem em comum o interesse pelo samba, um meio cultural que desfruta de um importante espaço de personalidade dentro do anonimato da metrópole (Cavalcanti, 2006, pp.97). A vitalidade dessa manifestação que é o samba-enredo pode ser atestada pelos milhares compostos a cada ano nos concursos realizados nas 72 escolas da cidade⁵⁴

Além de “Domingo”, outros sambas marcaram a história do carnaval e foram gravados por conhecidos cantores da MPB como Maria Bethânia, Marisa Monte, Simone e Caetano Veloso. Dentre estes podemos destacar o samba do ano seguinte,

⁵² Títulos dos enredos apresentados respectivamente nos carnavais de 1977, 1982 e 1989.

⁵³ Para observação de tal fenômeno foi de fundamental importância minha experiência de três anos junto ao departamento cultural da União da Ilha do Governador. Lá foi possível encontrar essa referência através dos diversos eventos por nós organizados como “Varandão de bambas”, em que importantes figuras da escola eram convidadas a participar de entrevistas abertas ao grande público.

⁵⁴ Todos os anos após a escolha do enredo, um resumo do mesmo, chamado sinopse, é entregue pessoalmente pelos carnavalescos aos compositores. Dessa sinopse resultam diversas músicas do gênero samba-enredo, caracterizado por contar de forma reduzida e musical o tema proposto pelo carnavalesco (Cavalcanti, 2006) (Ferreira, 2004). Os sambas posteriormente são escolhidos através de movimentados concursos realizados nas quadras. Em 1992 calcularam-se mais de 2 mil sambas compostos pela cidade (Cavalcanti, 2006, p. 97). Hoje é possível observar como a força do gênero permanece latente através do espaço “Fonogramas” (www.galeriadosamba.com.br), do site Galeria do Samba, onde todos os anos centenas de obras concorrentes nas escolas são disponibilizadas pela internet.

1978, sobre o enredo da mesma Maria Augusta intitulado “O Amanhã”, cujo compositor é João Sérgio.

O interessante é que, ao destacar a autoria desse samba de 1978, constatamos que se trata de um compositor ligado profundamente a história do Boi da Ilha do Governador, João Sérgio⁵⁵. Após “O amanhã” vieram, ainda em 1979, “O que será?”⁵⁶ e “Bom, Bonito e Barato”⁵⁷ de 1980. A década de 80 é especialmente fértil nesse sentido. O samba que viria a se tornar um ícone da escola e um dos mais conhecidos do carnaval carioca desfilou em 1982, trata-se de “É hoje” fruto de uma parceria de Didi e Mestrinho. Sempre lembrado por seus primeiros versos (“A Minha alegria atravessou o mar/ E ancorou na passarela...”) a obra marcou de tal forma a União da Ilha que até hoje é lembrada em ensaios e no início dos desfiles⁵⁸.

Já no início da década de 90 é marcante a presença de um compositor que na história da União da Ilha é tão marcante quanto Didi e Aroldo Melodia⁵⁹ foram até a década de 70. Trata-se do compositor Franco, autor de dois dos sambas mais conhecidos da escola: “Festa Profana”, no carnaval de 1989 e “De bar em bar Didi é um poeta”, no carnaval de 1991.

Agora que chegamos ao nome de Franco, podemos traçar um paralelo entre as trajetórias⁶⁰ deste compositor e outro que é considerado um dos principais compositores pelos insulanos: Didi. Ambos têm um perfil diferente da maioria dos baluartes e compositores das escolas no período em que compunham. Didi ficou conhecido fora da Ilha como compositor do Acadêmicos do Salgueiro. Até 1970 quase todos os sambas da

⁵⁵ Alguns dos componentes da União da Ilha contestam até hoje a autoria de João Sérgio atribuindo a verdadeira autoria ao mais ilustre compositor da escola, Didi. Presenciei essa acusação partindo de Aurinho da Ilha, um dos parceiros de Didi, que durante evento organizado pelo departamento cultural da União da Ilha declarou a quem quisesse ouvir que João Sérgio era um laranja, já que Didi estava afastado da escola por problemas familiares. Em uma outra ocasião tive a oportunidade de rever o desfile do Arranco de 1994 transmitido pela CNT em que um dos seus comentaristas, Tércio Santos, faz a mesma acusação.

⁵⁶ Composto por Didi e Aroldo Melodia.

⁵⁷ Composto por Robertinho Devagar, Jorge Ferreira e Edinho Capeta.

⁵⁸ Recentemente essa ligação foi reforçada com a reedição do samba no carnaval de 2008, quando a escola ainda encontrava-se no Grupo de Acesso A.

⁵⁹ Aroldo Melodia foi intérprete em outras escolas além da União da Ilha, mas tornou-se conhecido na União da Ilha onde passou boa parte de sua carreira. Foi ainda compositor de vários sambas na escola, um dele em parceria com Didi. Atualmente seu filho, Ito melodia é intérprete e compositor da escola.

⁶⁰ A questão da “trajetória” e “campo de possibilidades” na vida da metrópole é tema de interessante estudo desenvolvido por Gilberto Velho em “Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas” (1994).

União da Ilha são de autoria, em parceria, de Aurinho da Ilha e Didi. São autores ainda de dois sambas de 1967 e 1968 do Salgueiro. Didi, procurador da república e herdeiro de família dos estratos mais elevados das camadas médias, é autor de vinte e quatro sambas, em diversas escolas e blocos, número superior a outros compositores conhecidos como Silas de Oliveira⁶¹.

Excluindo as composições assinadas com pseudônimos e os sambas assinados por outros compositores, Gustavo Baeta Neves, seu verdadeiro nome, enfrentou a contrariedade de sua família tradicional e viveu a boêmia e a sua paixão pela composição de sambas⁶². Didi foi tão significativo e importante na história da União da Ilha que se tornou enredo em 1991. O autor do samba em homenagem a Didi era Franco, considerado também pelos insulanos como um dos grandes compositores da escola.

José Franco Lattari⁶³ era médico e segundo o intérprete atual da escola, Ito Melodia “um apaixonado pela escola e por samba capaz de pensar em suas composições quase o tempo todo”. O estilo de samba do compositor passou a caracterizar algo que marcou profundamente a identidade insulana. Seus sambas alegres e suas letras simples angariavam fãs e críticos ferrenhos, como o carnavalesco Fernando Pamplona que, enquanto a Ilha começava a desfilar no carnaval de 1989, dizia ser o samba uma “marchinha safada”. Gostando ou não, críticos e mesmo os insulanos passaram a referir-se àquele estilo de compor que lhes era característico como “a cara da ilha”. Antes de morrer em 2008, Franco foi candidato a presidente da escola e derrotado no processo eleitoral de 2005.

As figuras de Franco e Didi exercem fascínio no imaginário insulano talvez por simbolizarem de forma clara uma das principais características da União da Ilha, enquanto escola de samba, segundo seus componentes. A particularidade da Ilha do Governador dentro da cidade do Rio de Janeiro destaca-se, segundo Maria Isaura

⁶¹ Isso excluindo as composições assinadas com pseudônimos e os sambas assinados por outros compositores.

⁶² Um relato interessante e carregado de sentimentos sobre a vida de Didi é de Edgar Filho, sobrinho do compositor e colunista do site Galeria do Samba ver “Didi, o mito” em <http://saideira.galeriadosamba.com.br/BL.asp>.

⁶³ Além de sambas na União da Ilha, Franco compôs para cantores famosos como Zeca Pagodinho e Jorge Aragão, sendo inclusive parceiro deste no tema de carnaval da rede Globo de televisão.

Pereira de Queiroz, por abrigar como boa parte de sua população membros de pequena e média burguesia (Queiroz, 1999: pp.99).

O fato chama ainda mais atenção quando associado ao termo “escola da cidade” em oposição à “escola do morro”. A oposição é marcada ainda mais quando seus componentes se orgulham de ser “donos do próprio nariz” (Cavalcanti, 1999), por ser uma escola sem bicheiro ou patrono. Assim, o desprendimento frente as regras e ao julgamento, levariam a União da Ilha a realizar desfiles “soltos”. Segundo alguns de seus componentes “por isso a União da Ilha nunca conseguiu um título no grupo principal do carnaval carioca” tendo em dois terceiros lugares, em 1977 e 1989, seus melhores resultados. A escola passou ainda os últimos oito anos disputando o Grupo de Acesso A, retornando ao grupo principal apenas em 2009, quando obteve a vitória nesse grupo de acesso.

2.3.2. Boi da Ilha do Governador ou Boi da Freguesia: entre ser escola ou ser bloco



Quadra do Boi da Ilha

O Boi da Ilha tornou-se escola de samba apenas em 1988, mas antes mesmo era conhecido fora da Ilha como um importante bloco de embalo. Até 1988 era o Boi da Freguesia, nascido em 1965 como Bloco de Sujos, que reunia diferentes grupos de diversos bairros da Ilha como Dendê, Freguesia, Bananal e Tauá. Dentre esses grupos se destacava um que desfilava trazendo um pequeno boi decorado fazendo apresentações

performáticas parecidas com aquelas dos bois-bumbás, do Maranhão. Um dos que acompanhou essa formação e permanece até hoje como intérprete e compositor da escola foi Cadinho da Ilha:

“O Boi nasceu quando uns moradores da Freguesia queriam sacanear um cara do bairro que era “chifrudo”. Botaram o nome de Boi da Freguesia só para pegar no pé do cara.”(Cadinho da Ilha, compositor do Boi da Ilha)

O caráter irreverente, a marca do bloco, ficará para sempre no nome Boi. No período em que o Boi permaneceu como escola de samba, procurou desvincular-se desta identificação, que permanece ainda entre os moradores do bairro, que se referem muitas vezes nostalgicamente aos desfiles do bloco do Boi da Freguesia. Outras vezes, entretanto, essa identificação ganha caráter pernicioso para os próprios componentes da escola. Certa vez conversei com um compositor das duas escolas sobre o potencial de cada uma delas e ele se referiu ao Boi da Ilha da seguinte forma:

“Pro Boi ser levado a sério tem que mudar de nome. Não tem como uma escola de respeito ter o nome de Boi. Tinha que ser Unidos da Freguesia, da Ilha ou coisa parecida, mas Boi da Ilha não.” (depoimento de compositor do Boi da Ilha e da União da Ilha – 03/04/2007).

O fato é que, como escola de samba, o Boi oscilou durante muito tempo entre os Grupos que desfilavam na Avenida Rio Branco e chegou à Sapucaí no grupo de acesso B, então a terceira divisão do carnaval, apenas em 1994 com um bom desfile com o enredo “Das terras do Congo ao reinado da luz”, terminou com a quinta posição. Já em seu segundo ano na Marquês de Sapucaí enfrentou pela primeira vez uma escola da Ilha, o Acadêmicos do Dendê, que desfilaria naquele ano nesse mesmo grupo. Nesse carnaval de 1995, quem levou a melhor foi a escola do Dendê, consagrada campeã do Grupo de Acesso B, a 3ª divisão do carnaval na época. Já o Boi da ilha que desfilou com o enredo “Zero dá sorte”, além de terminar com o sexto lugar, foi rebaixada para o Grupo C, a 4ª divisão.

De volta aos desfiles na Avenida Rio Branco, o Boi da Ilha conquistou o primeiro lugar e conseqüentemente o retorno à Marquês de Sapucaí. No carnaval de

1996, com o enredo “Rio de Janeiro, Paraíba sim senhor”, contava a história da feira dos nordestinos. Na volta ao grupo B, a 3ª divisão, não se encontrou com o Dendê já que o Acadêmicos haviam ascendido no ano anterior ao grupo A, a 2ª divisão. Interessante como tais referências aos encontros e desencontros entre os grupos não são citados pelos componentes das escolas quando não favorecem suas agremiações. Os componentes do Boi, por exemplo, fazem questão de frisar a data de fundação como explicação para atual posição do Boi, enquanto segunda melhor escola da Ilha na hierarquia competitiva, ignorando o período em que o Dendê foi a segunda maior escola da Ilha. No caso de 1997, por exemplo, a posição do Dendê é omitida pelos componentes do Boi no momento de contar a história da agremiação. Podemos dizer que com essa omissão fica clara a rivalidade, ainda que não declarada, entre as escolas. Em 1997, com o enredo “Galanga no Congo, Chico em terras de Vila Rica” não conseguiu um bom resultado terminando na nona colocação entre os doze concorrentes e voltando ao grupo C, a 4ª divisão, no ano seguinte.

No ano de 2000 com um enredo que falava sobre a história de Paranapuã, mito indígena que deu nome à Ilha do Governador ainda em tempos coloniais, ascende pela primeira vez ao grupo de acesso A, a 2ª divisão do carnaval carioca. Nesse período, o Boi da Ilha retomou a condição de segunda maior escola do bairro, pois o Acadêmicos do Dendê no período desfilava entre as escolas do Grupo de Acesso D, a 5ª divisão do carnaval carioca e, como veremos, passava por uma grave crise que quase resultou no fim da escola.

O ano de 2001 foi talvez o auge da história da escola. Com o enredo “Orun-Ayê” a escola alcançou a sexta posição no grupo A e realizou o que é considerado o melhor desfile da história da escola. O samba de 2001 foi eleito o melhor do grupo pelo Estandarte de Ouro do jornal O Globo. Simultaneamente, um inesperado encontro estava prestes a acontecer que marcaria a história da escola para sempre. A União da Ilha enfrentou diversos problemas no Grupo Especial, a 1ª divisão, e acabou rebaixada na penúltima colocação. No ano seguinte, em 2002, enquanto o Boi da Ilha repetiu o bom resultado e pela primeira vez desfilou no mesmo grupo que a União da Ilha, a União terminou em uma 3ª colocação bastante contestada por seus concorrentes na época, em um carnaval marcado por polêmicas em torno dos resultados que resultaram na transferência do controle do julgamento do Grupo de Acesso A, 2ª divisão, para

Secretária de Cultura. Foi uma espécie de intervenção da prefeitura no desfile desse grupo. Aqui percebemos pela primeira vez como ocorrem interseções entre as escolas da Ilha tal qual já mencionamos através das redes sociais (Bott, 1976 e Mitchell, 1969).

No carnaval de 2002, o presidente da União da Ilha era Alfredo Fumaça, o mesmo que foi rebaixado no anterior na presidência da União da Ilha e presidente do Acadêmicos do Dendê alguns anos antes. O grupo de oposição ao presidente da União da Ilha formou boa parte do contingente da escola nesse ano. Antes mesmo em 2001, uma parte já desfilava nas três escolas da ilha. O presidente do Boi da Ilha, professor de Arquitetura da UFRJ Eloy Eraldth, os acolheu de bom grado. Consequentemente, exerceria uma pressão competitiva sobre a União da Ilha como nunca a União havia sofrido de uma escola do bairro. Eloy era considerado por vários componentes do Boi como um emblemático presidente. Era corriqueiro vê-lo limpando a quadra ao final dos eventos, bem como preparando-a antes dos mesmos. Ele disputava eleição para reitoria da UFRJ e exercia um papel de liderança junto às escolas da AESCRJ, então organizadora dos desfiles. Segundo um dos antigos componentes do Boi, era corriqueiro que os presidentes das escolas da AESCRJ o consultassem em assuntos relativos à RIOTUR, que consideravam complexos. Eloy era dono de boa parte do patrimônio da escola, como do barracão localizado próximo ao cemitério do Caju, na Avenida Brasil, da quadra, localizada na Rua Pio Dutra no bairro da Freguesia na Ilha, e do ateliê localizado na Praia da Bandeira, próximo ao Cocotá, na Ilha do Governador; angariou inimigos que persistiram até sua morte, em 2008. Terminado o carnaval 2002, boa parte dos componentes do Boi da Ilha voltaram para a União da Ilha aproveitando também a saída do presidente Alfredo Fumaça da escola.

No carnaval 2003, a escola foi rebaixada com o enredo “Em 500 anos de glória, Cabo Frio conta sua história”; já no pré-carnaval desse ano as coisas pareciam não funcionar muito bem, a começar pelo samba escolhido, resultado de uma junção de três sambas que teve que ser apresentada apenas no ensaio seguinte. Desfalcada de boa parte dos componentes que voltaram para a União da Ilha, o Boi não contou com o apoio esperado da prefeitura de Cabo Frio. Depois de oito carnavais o antigo carnavalesco Guilherme Alexandre não esteve à frente da escola.

Até hoje o Boi da Ilha permanece no Grupo B, a 3ª divisão do carnaval carioca⁶⁴. Mesmo após a morte do presidente Eloy e a mudança do local de ensaios da Rua Pio Dutra, local próximo àquele onde nasceu o bloco na Avenida Paranapan em direção à Praia da Guanabara, onde o bloco costumava desfilhar nos carnavais de rua até a década de 80. Preserva, ainda, a característica de um grupo familiar, segundo um de seus componentes:

“O Boi tem essa coisa de ser familiar, vê só aqui dentro só tem famílias. É uma coisa muito boa que o Eloy deixou na escola. Todo mundo se conhece e traz o pai, a mãe, filhos, netos todo mundo pra escola.(...) e todo mundo trabalha bota a mão na massa junto quando precisa”(Componente do Boi da Ilha – 21/09/2008)

Simultaneamente, as ligações com a maior escola da Ilha, a União, foram reforçadas com a reedição do enredo “O Amanhã”, no carnaval de 2006. Aqui temos um traço interessante das reedições nas escolas de samba⁶⁵. Como vimos, a autoria do samba de “O Amanhã”, com qual a União da Ilha desfilou em 1978, era de João Sérgio, compositor consagrado na Boi da Ilha. A diretoria da escola encontrou na autoria do samba, por parte de um compositor importante para a história do Boi desde os tempos de bloco, um importante elo à União da Ilha. Através dessa cessão do enredo a relação com a União viveu uma reaproximação. Essa reaproximação partiu de alguns membros da diretoria e principalmente do presidente da escola, Eloy. Em 2006, a maior parte dos componentes do Boi da Ilha permaneceu desfilando ou ligado de alguma forma à União, mesmo quando as duas estiveram no mesmo grupo.

O que ficou claro, no ano da reedição, era a diferença do discurso daqueles moradores da Ilha que desfilavam em ambas as escolas. Em 2006, tive a oportunidade de desfilhar em uma ala comercial⁶⁶ do Boi da Ilha, comandada por um dos membros do

⁶⁴ O Boi da Ilha foi rebaixado para a 4ª divisão em 2010 e deverá desfilhar pela primeira vez em sua história na Intendente Magalhães.

⁶⁵ As reedições de sambas consagrados na história dos desfiles começaram em 2004, quando foram liberadas pela LIESA em comemoração dos 20 anos de inauguração do Sambódromo. Dali para frente outras escolas de diversos grupos usaram do expediente, inclusive reeditando sambas de outras escolas. Sobre as reedições em escolas de samba ver Neto, Recordar é viver? A autenticidade nas reedições de sambas e enredos de carnavais passados, 2005.

⁶⁶ Nas escolas de samba atualmente as alas comerciais são um grupo distinto das alas distribuídas gratuitamente pela escola, como são os casos das baianas, comunidade e da bateria. Enquanto as alas com distribuição gratuita exigem a presença do componente em todos os ensaios para que consiga receber a

departamento cultural da União da Ilha. Nessa ala, vários componentes também desfilavam na União da Ilha, um deles, porém, me confessou “*que desfilaria mais solto por ser Grupo B*”. Percebemos então como a construção do pertencimento é contextual e o discurso é reelaborado dependendo de diversos fatores, como já foi citado anteriormente no caso da União da Ilha. Vemos ainda, como a União da Ilha é de fato a “identidade primária” (Barth: 2000) que engloba as três escolas da Ilha do Governador, reproduzindo características desta identidade primária frente à cidade. Assim, ainda que desfilasse mais “solto”, pela posição que a escola ocupa na hierarquia competitiva onde as exigências da competição são um pouco mais “frouxas” do que nas posições hierárquicas acima. O Boi da Ilha reproduzia uma característica da União da Ilha: o descompromisso frente ao resultado e a despreocupação com um desfile rigoroso tecnicamente.

Outra possibilidade dentro do discurso citado pelo componente é a de desfilar na sua “escola de coração”, onde a “identidade primária” atua de forma diversa, de forma excludente. Dentro da Ilha do Governador, essa opção em determinados momentos é deixada em segundo plano, quando confrontada com a posição de pertencimento à Ilha do Governador. Assim, é fato recorrente que, ao ser indagado sobre sua afiliação carnavalesca, um componente do Boi da Ilha ou da União da Ilha declare ser “insulano” ou “ilhéu”⁶⁷. Retornaremos, então, à discussão proposta no início deste capítulo, quando situamos a Ilha do Governador dentro de um quadro simbólico dos bairros e das regiões na cidade.

2.4.- Acadêmicos do Dendê e seus personagens: Por um lugar ao sol.

A escola de samba Acadêmicos do Dendê foi fundada oficialmente em 1992, originária do bloco Unidos do Dendê e Unidos da Cova da Onça, ambos fundados em 1962. Pela sua localização, a agremiação caracterizou-se por forte aproximação com os moradores do Morro do Dendê. O morro localiza-se entre a região próxima da quadra

fantasia gratuitamente, as alas comerciais são comercializadas a qualquer interessado, por uma determinada quantia, sem exigir que o mesmo compareça uma vez sequer aos ensaios na quadra.

⁶⁷ Meu primeiro contato com essa categoria própria dos moradores da Ilha do Governador, foi durante um discurso que o ex-presidente e atual baluarte da União da Ilha, Paulo Amargoso, fez em um evento do Bloco Tribo Cacuia. No discurso ele enumerava uma série de regras de condutas morais que caracterizariam o “ilhéu”. Uma pena que eu não tenha gravado este discurso.

da União da Ilha, localizada no bairro do Cacuia, e a antiga quadra do Boi da Ilha do Governador, localizada na Freguesia.

Ao estudar o Acadêmicos do Dendê, uma das grandes dificuldades foi como conseguir fontes e material documental que informassem a respeito de sua história. Para tanto, contei com a ajuda fundamental de pessoas que desempenhavam ou haviam desempenhado importantes papéis na construção da escola ou do carnaval 2009.

Durante a pesquisa, um dos mais importantes interlocutores foi o presidente Ubiraci de Oliveira, mais conhecido como Macalé. Negro, com 60 anos de idade, Macalé é aposentado. Figura simpática e de grande carisma, Macalé busca comportar-se como um líder dentre os componentes da escola. Seu esforço é ajudado por suas irmãs que o apoiam entusiasticamente na condução dos rumos do Acadêmicos do Dendê, mesmo quando ele não é presidente. Tem a espontaneidade de quem enfrenta as dificuldades com bom humor e a timidez que justifica o fato de ter aceitado relutantemente comandar a agremiação. Filho de sambista, pois seu pai um dia foi mestre-sala da Unidos de Vila Isabel, Macalé presenciou o início da história do Dendê, tanto do complexo habitacional no morro, quanto da escola de samba. Foi morar ainda pequeno no morro, mas não conseguiu precisar qual ano. Não foi testemunha apenas das origens do Acadêmicos do Dendê, como também do Boi da Ilha, onde foi mestre-sala ainda nos tempos de Boi da Freguesia, quando a escola era um pequeno bloco que desfilava no bairro. Ainda hoje ele circula com facilidade por diferentes escolas e entre os dirigentes das escolas da Ilha, além de algumas das escolas de fora da Ilha, como Santa Cruz e Unidos de Padre Miguel.

Além de presidente do Dendê, Macalé trabalha na direção de harmonia de agremiações como Boi da Ilha, Acadêmicos de Santa Cruz e União da Ilha⁶⁸. A posição de diretor de harmonia em uma escola é bastante valorizada. Considerando uma hierarquia valorativa dos cargos em uma escola de samba o diretor de harmonia só ficaria abaixo do diretor de carnaval. Ele é o responsável pela condução da escola na sua evolução na avenida e para isso deve acompanhar de perto da escolha do samba-enredo até a confecção das fantasias e alegorias, na tentativa de construir uma estratégia que leve os componentes a uma forma de desfilar agradável e harmônica.

⁶⁸ Sobre o quesito harmonia ver mais em Maria Laura Cavalcanti em seu artigo “Os sentidos do espetáculo” (2002) pp.50.

O prestígio de Macalé nessa função deriva de uma característica peculiar: a habilidade de orientar a entrada das imensas alegorias no Sambódromo com precisão. Ele geralmente é o responsável por guiar as equipes que movimentam os carros alegóricos dessas escolas no difícil momento de fazer a curva em frente ao Setor 1 do Sambódromo. Seus companheiros atestam sua precisão:

“Ninguém faz ‘joelho’⁶⁹ como Macalé. Ele é o melhor para botar os carros na Sapucaí”(Valdo, diretor de harmonia do Boi da Ilha – 1/11/2008)

Outro importante interlocutor foi Valdo Rosa, 51 anos, que se encontrava afastado da escola no carnaval 2009, trabalhando como motorista de transporte escolar e radialista em uma rádio comunitária da Ilha do Governador. Valdo já participou dos desfiles do Dendê nas mais diferentes posições até chegar à direção de harmonia da escola, cargo que abandonou em 2008, por divergências na pista de desfile com outros membros da harmonia do Dendê. Ao sair do Dendê, assumiu a direção de harmonia do Boi da Ilha. Além de desfilar nessas duas escolas, ele desfilava ainda pela União da Ilha e Imperatriz Leopoldinense. Chegou ao morro do Dendê quando jovem e pegou a escola como bloco ainda. Quando se afastou da escola, permaneceu como um importante elo de comunicação com o Boi da Ilha.

Tão importante interlocutor quanto Valdo foi o diretor de barracão da escola, o comunicativo Fabiano, com pouco mais de 30 anos. Durante o ano, ele dividia-se entre sua paixão, a música, pois mantinha uma carreira como cantor, e a sobrevivência garantida por sua função como segurança de uma empresa. Fabiano começou a trabalhar no carnaval acompanhando seu pai, também apaixonado pelo desfile de escolas de sambas. Já na adolescência, em Santa Cruz, trabalhou no barracão da escola do bairro e dentro dele aprendeu de tudo: carpintaria, mecânica, serralheria, pintura. Quando chegou à Ilha do Governador, logo se envolveu com a escola União da Ilha, onde desfilava com seu pai. Foi chefe de ala no Boi da Ilha por dois anos até assumir a

⁶⁹ Como é conhecida a curva em frente ao Setor 1 na Marquês de Sapucaí. A função de manobrar os carros orientando os motoristas posicionando-se à sua frente no momento em que o carro faz a curva em frente ao setor 1 é valorizada entre os diretores de harmonia de uma escola. Um erro nessa manobra pode atrasar a evolução da escola, fazer com que se abram “buracos” (como são conhecidos os espaços vazios durante a evolução da escola na avenida), acarretando a perda de pontos nos quesitos harmonia e evolução. Por isso, a condução da manobra de entrada de todos os carros na avenida, especialmente em casos de carros não motorizados, é muito valorizada.

direção de barracão da escola. Em 2009, desligou-se do Boi e assumiu a direção de barracão do Dendê.

Outro personagem importante nessa trama é o vice-presidente Antônio da Costa, que tem cerca de 50 anos de idade, o Tuninho do Dendê, grande amigo do presidente Macalé. Empresário, dono de depósitos de bebidas no bairro da Freguesia e um dos principais financiadores da escola nos últimos três carnavais. Antes de tornar-se vice-presidente da escola, Tuninho era compositor e já havia disputado samba e participado do grupo de oposição ao presidente Eloy no Boi da Ilha. Além de financiar a escola, Tuninho era também um dos articuladores de possíveis patrocínios para a escola e foi um dos responsáveis pela chegada de Luana Tallie e seu grupo político à escola.

Esta outra personagem citada, Luana Tallie, foi candidata à presidência e derrotada na União da Ilha, em 2008. Teve participação discreta no carnaval do Acadêmicos do Dendê em 2009, mas foi decisiva para o sucesso da escola em 2007 ao ceder boa parte do material com o qual a escola fez seu carnaval. Na época da pesquisa (2008/2009), ela ainda ocupava um cargo na direção da União da Ilha. O seu grupo político abrigou-se na Acadêmicos do Dendê, em 2009, em busca de uma escola com potencial de crescimento que pudesse, no futuro, rivalizar com a União da Ilha. Desse grupo faziam parte: Jorge Ernane e Antônio Farias, radialistas que afastados da União da Ilha prometeram financiar e articular patrocínios para o Acadêmicos do Dendê. O pontapé inicial do projeto foi o enredo para o carnaval 2009 - “Pode preparar o seu confete que este ano na avenida tem Manchete” - que contaria a história do Grupo Manchete, no qual os radialistas têm um programa sobre o carnaval.

Assim, a história que esboço nesta dissertação do Grêmio recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Dendê é fruto de um esforço de recolhimento de depoimentos de história oral. As dificuldades próprias da produção e da utilização da história oral no processo de reconstrução da memória foi bastante problematizada por historiadores. Uma das mais profícuas contribuições em tal campo pude constatar em Alessandro Portelli. Durante processo de análise da produção historiográfica nesse campo, na Itália, ele leva em consideração a importância atribuída ao método da história oral com a relevância do registro folclórico, estimulado pela reflexão de natureza gramisciana.

Ainda mais interessante, porém, é a sua contribuição ao tratar das fontes orais de forma crítica, ressaltando ainda seu caráter subjetivo:

“A minha própria contribuição, por outro lado, fazia-se a partir da asserção de que as fontes orais têm uma forma “diferente” de confiabilidade, que é exatamente a sua subjetividade. Por incluir o erro, a imaginação, o desejo, as fontes não só revelam a história acerca do que aconteceu, senão que também o significado da história; o significado (como se apresenta através da forma narrativa e lingüística), mais que o “fato”, é o que distingue a história oral e a torna um mecanismo necessário para a história da subjetividade” (PORTELLI:1996)

Tomando, portanto, esta perspectiva crítica e cuidadosa da história oral, parto para a definição e apresentação da memória que sobrevive sobre o Acadêmicos do Dendê.

Poucos se preocuparam em registrar por escrito o ato de fundação e até mesmo os prêmios e conquistas da escola se perderam, segundo relata o presidente Macalé:

“Eu mantenho alguma coisa guardada na minha casa, mas muito se perdeu. Tinha um monte de taça de prêmios da escola guardada na associação de moradores, mas a gestão mudou e levaram tudo.” (Macalé, presidente do Dendê – 9/10/2008)

Os fundadores da agremiação apontados pelos entrevistados seriam Alcides, Moacir, Filinho, Tino, Benizário, Fizinho, China e Aurélio. Nenhum outro nome surgiu nos relatos além destes, que foram confirmados posteriormente por todos os entrevistados. As pessoas citadas teriam se reunido na residência do Sr. Alcides, localizada no Morro do Dendê, a fim de formar uma comissão de carnaval para o bloco Unidos do Dendê. Moacir, citado como um dos fundadores é pai do presidente Macalé, era , na época, mestre-sala do Boi da Freguesia. Inicialmente, o bloco dedicava-se a desfiles dentro da Ilha do Governador, e tornou-se, então, o grande campeão, tanto nesses campeonatos internos como na categoria banho de mar a fantasia.

Cansados de enfrentar a repressão policial que proibia a saída de blocos não autorizados pela prefeitura, entre o final da década de 70 e o ano de 1989, o bloco

Unidos do Dendê sofreu um longo intervalo em suas atividades. Nesse ínterim mais dois grupos foram fundados na Ilha do Governador: o Canarinhos e o Falange. Segundo Valdo:

“O Unidos do Dendê voltou em 89 através do falecido Irani(...) Mas o Falange veio primeiro e depois o Canarinhos. Era o mesmo bloco só mudou o nome. Não sei dizer quanto tempo foi Falange e quanto foi Canarinhos, mas era o mesmo bloco, e depois em 89 volta a ser Unidos do Dendê. O Canarinhos ensaiava ali na pracinha onde tem a farmácia do Juarez hoje. O Canarinhos assim como o Falange desfilava apenas na comunidade. Chegava a descer só para ruas próximas para Catugipe, a avenida Paranapuã, mas não ia até o Cacuia por causa de briga. Quando não era briga com outros blocos, era com a polícia. Por ser do Dendê eles baixavam o pau. ” (Valdo – 1/11/2008)

Ressaltamos aqui outro aspecto que acompanha a Acadêmicos do Dendê no decorrer da sua história. Como veremos adiante, essa história esteve ligada também, em boa parte, aos narcotraficantes do morro, ainda que os integrantes e dirigentes da escola buscassem desvincular-se dessa marca. A localização da agremiação, como já indiquei, talvez ajude a explicar isso. O Acadêmicos do Dendê é hoje a escola da Ilha que tem maior proximidade geográfica com o morro do Dendê. Enquanto a quadra da União da Ilha do Governador fica até hoje na estrada do Galeão e a do Boi da Ilha ocupava um bairro de classe média, a quadra do Dendê fica em um dos principais acessos ao morro⁷⁰. Ainda que, durante o período da pesquisa, eu nunca tenha presenciado homens armados ou movimentações do tráfico de drogas na quadra, nas ruas próximas era fácil encontrar traficantes armados.

Outros interlocutores afirmam que um notório traficante de fato pertenceu à escola e assumiu os seus gastos por muitos anos. Conhecido como Miltoninho, o traficante Romildo Souza da Costa povoou o imaginário não apenas dos moradores do morro, mas de toda Ilha do Governador. Acusado de tráfico, e inclusive de seqüestros de grande repercussão, como o seqüestro do filho do

⁷⁰ Até 1995 o Acadêmicos do Dendê ensaiava no Esporte Clube Cocotá e em uma quadra localizada no alto do morro.

presidente da FIRJAN⁷¹ em 1995, Romildo foi preso em maio de 2007, em Minas Gerais, após passar quatro anos foragido. Seu estilo assistencialista fez com que ocupasse um lugar mítico entre os habitantes da Ilha do Governador. Muitos dos crimes e impasses dentro da ilha eram decididos pelo “tribunal” de Miltinho, que distribuía doces, mantimentos e medicamentos à população carente.

Miltinho participava ativamente da agremiação e foi considerado por alguns dos entrevistados como um dos fundadores da escola e também apontado como um dos que mais havia contribuído para o crescimento do bloco Unidos do Dendê. Chegou a assinar composições gravadas até mesmo por Zeca Pagodinho e, enquanto esteve no morro, interferiu na Acadêmicos do Dendê desde os tempos de bloco. Concorreu como compositor na União da Ilha algumas vezes, mas assim que os dirigentes da escola descobriam a sua ligação com as composições, ainda que ele não as assinasse, logo as cortavam do concurso. Podemos aqui fazer um paralelo com as idéias de Mary Douglas sobre a “impureza” nos rituais. Segundo Douglas, rituais de “impureza” e “pureza” criam unidade na experiência. Assim, “através deles padrões simbólicos são executados e publicamente manifestados” (Douglas, 1976:pp.16). O envolvimento do Acadêmicos do Dendê com traficantes, desde os primórdios de sua história, é acobertado ou omitido pela maior parte de seus componentes. Quando contados adquirem um tom de confissão, sendo o constrangimento marcante. Até que eu descobrisse a ligação do Miltinho com a fundação da escola de samba demorou muito tempo. Somente depois que fui admitido e reconhecido como pertencente ao grupo ligado à Acadêmicos do Dendê, os integrantes começaram a referir-se sobre tal participação. Recorro novamente ao trecho inicial desta pesquisa, onde revelei que um dos primeiros empecilhos surgidos foi a oposição por parte de minha mãe, que enxergava a quadra da escola como um ambiente perigoso pela “proximidade com o tráfico”. No imaginário de diversos moradores insulanos, de fato tal visão se estende ao morro como um todo, trata-se de um lugar a ser evitado, pois a presença do tráfico, a “impureza” e o “perigo” são constantes. Veremos adiante que a história do Acadêmicos do Dendê é marcada por tentativas de aproximação do tráfico e de seu afastamento. Se por um lado em diversos momentos a escola teve

⁷¹ Ver “Polícia prende Miltinho do Dendê em Minas” O Globo – 12 de maio de 2007.

de recorrer ao financiamento de chefes do tráfico, quando isso não era necessário ela procurava se desvencilhar de tal associação em fóruns urbanos mais amplos, como era o caso das plenárias da AESCRJ ou as conversas informais nos ensaios técnicos no Sambódromo das grandes escolas.

Voltando a história do Acadêmicos do Dendê, após um período sem desfilar, o bloco retornou, em 1989, quando já havia um objetivo declarado de transformá-la em escola de samba. Nos anos de 1990 e 1991 o bloco desfilou, na Ilha do Governador, sem registro de desfile e, em 1992, desfilou como bloco de enredo, em Cordovil. Nesse ano, já pensando em seu reconhecimento como escola de samba com o enredo “Rio que te quero verde”, a escola fez o que alguns de seus componentes consideram um dos melhores desfiles da história da escola. O Dendê conseguiu a 1ª colocação do Grupo de Avaliação da FBERJ (Federação de Blocos de Enredo do Rio de Janeiro). Assim, foi convidada pela AESCRJ (Associação das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro) a integrar o que era conhecido na época como grupo de Acesso, o atual grupo Rio de Janeiro 4.

Percebemos aqui o exato momento em que o Dendê torna-se escola de samba. O momento em que a escola desfila no grupo de avaliação é um momento de liminaridade (Turner,1978) dentro da estrutura ritual do carnaval carioca. Neste momento a escola não é mais “bloco de enredo” e ainda não é uma “escola de samba” oficialmente filiada à AESCRJ. Os desfiles do Grupo de Avaliação acontecem no mesmo dia do desfile das escolas de samba da última divisão, mas não concorrem com ela. Apesar de geralmente as escolas avaliadas investirem e se apresentarem melhor que muitas das escolas das últimas divisões, elas estão ali apenas para serem aprovadas ou não pela AESCRJ tornando-se uma organização digna de receber o reconhecimento de escola de samba e integrar oficialmente o conjunto das agremiações que celebram dessa mesma forma o carnaval.

2.4.1. O Dendê vira escola de samba

Nos relatos obtidos, muito da memória da história da escola é narrada tomando como referência os seus desfiles, seus sucessos e insucessos dentro dos diferentes graus hierárquicos da competição festiva. Como verificamos

anteriormente, neste caso temos mais um exemplo para o referencial temporal marcante das escolas de samba, que encerram inclusive um ciclo temporal característico das mesmas (Cavalcanti, 2006).

Segundo esses relatos, no seu primeiro ano de desfile como escola de samba, em 1993, o Dendê terminou em terceiro lugar, atrás apenas de Flor da Mina do Andaraí e da Mocidade Unida do Santa Marta, ambas empatadas no primeiro lugar daquele ano. De qualquer forma, a posição possibilitou a ascensão da escola ao grupo 3, então penúltima divisão do carnaval.. O enredo do carnaval de 1993 - “Tem cupido no samba”, quando venceu e subiu de grupo comemorando essa ascensão com um desfile no Cacuia, antigo reduto carnavalesco da Ilha do Governador, onde a União da Ilha realiza tradicionalmente apresentações aos moradores do bairro uma semana depois dos desfiles oficiais no Sambódromo. Esse é um momento significativo, pois o fato do Acadêmicos do Dendê desfilar ao lado da União da Ilha no principal reduto carnavalesco da Ilha do Governador, marca ao menos uma busca do reconhecimento dos insulanos de sua representatividade frente à cidade do Rio de Janeiro e de sua legitimidade fora da Ilha do Governador, pertencente a mesma. O samba de 1993 é até hoje aclamado dentro da escola como um dos mais bonitos da história do Dendê. O desfile falando sobre amor apresentava vários casais, e a escola contou, inclusive, com a presença da Dona Zica, esposa do sambista Cartola.

Com o enredo “Ser Chic na avenida chique”, em 1994, a escola rememorou os 90 anos da construção da Avenida Rio Branco. Naquele ano, as escolas cariocas em geral enfrentaram um dos carnavais mais turbulentos da história. Sacudidas pela prisão dos maiores bicheiros e patronos das grandes escolas⁷², os grupos menores sofreram um processo ainda maior de inchaço. A Acadêmicos do Dendê venceu o grupo 3, então com doze componentes, com 220 pontos. Mas, além dela, foram promovidas ao Grupo 2 a Mocidade Unida do Santa Marta (vice-campeã), a Acadêmicos da Abolição (4ª colocada), a Foliões de Botafogo (8ª colocada) e até mesmo as três últimas colocadas desse grupo: Unidos

⁷²Em 1993 vários bicheiros ligados às escolas de samba foram condenados a seis anos de prisão pela juíza Denisa Frossad.

de Vila Kennedy, a já extinta Império do Marangá e a Unidos de Vila Santa Teresa. O motivo dessas ascensões irregulares pelos critérios até então vigentes foi a adesão dessas escolas à nova entidade fundada por Paulo de Almeida, presidente da LIESA na época, que administraria os recém-fundados grupos de acesso, chamada LIESGA⁷³.

Um fato curioso pode ser observado na autoria do samba campeão no Dendê nesse ano de 1994. Os consagrados campeões de samba na União da Ilha do Governador – Robertinho Devagar e Maurição⁷⁴ – uniram-se a quem, mais tarde, viria a tornar-se chefe do tráfico de drogas no morro do Dendê, depois da prisão de Milton e seu irmão Ronaldo. . O terceiro compositor do samba era Bizú, um outro apelido para Edson Francisco Alves, o Bizulai. Em 1994 todas as escolas da Ilha comemoraram resultados considerados muito bons entre os participantes na época. Enquanto o Dendê tornava-se campeão pela segunda vez em sua história, a União da Ilha voltava ao desfile das campeãs no Grupo Especial, após um quarto lugar muito comemorado pelos insulanos. Já o Boi da Ilha por muito pouco não ascendeu ao Grupo 1, então a 2ª divisão na época, ficando com a quinta colocação no Grupo 2, a 3ª divisão, que desfilava então na Marquês de Sapucaí.

Assim, em 1995, o Acadêmicos do Dendê desfilou pela primeira vez na Sapucaí, alcançando outra importante marca para a escola. Como vimos, uma das posições de prestígio entre as escolas de samba era alcançar um grupo que desfilasse no Sambódromo, onde a visibilidade dos desfiles é bem maior. Essa marca foi significativamente alcançada pelo Acadêmicos do Dendê já no seu terceiro ano como escola de samba. O crescimento e ascensão meteórica da escola chamava atenção não apenas dos moradores da Ilha do Governador, mas de todo o restante do “mundo do samba” na cidade. Além disso, foi também um momento marcante na história da escola, pois, pela primeira vez, ela concorreria com outra escola da Ilha, no caso a Boi da Ilha, que estava no mesmo grupo. Com o enredo “Essa água é fogo”, a escola alcançou mais um campeonato.

⁷³ Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso, subordinada a LIESA (como vimos administradora do Grupo Especial). Durou apenas um carnaval, retornando os demais grupos ao controle da AESCRJ já no carnaval de 1996.

⁷⁴ Autores dentre outros do samba de 1980 da União da Ilha, quando a escola desfilou com o enredo “Bom, Bonito e Barato”, que saudava seus antigos carnavais.

Entretanto, a quebra de acordo que resultou no fim da LIESGA, em 1995, não permitiu que a escola ascendesse ao grupo A. O desfile de 1995 foi outro desfile lembrado pelos componentes como um dos melhores de todos os anos. A escola obteve ainda nota dez em todos os quesitos, inclusive samba-enredo, interpretado por Neguinho da Ilha, um dos irmãos do atual intérprete do Salgueiro e antigo intérprete da União da Ilha e Boi da Ilha, Quinho.

Para os componentes do Dendê, essa vitória da escola, em 1995, significou o estabelecimento do Acadêmicos do Dendê numa trajetória vitoriosa, que levaria a escola a tornar-se a “melhor e maior escola da Ilha”. No contexto das escolas de samba da Ilha do Governador, a marca de “segunda melhor escola” já havia sido alcançada pelo Dendê, que superava agora o Boi da Ilha. Interessante notar que, nessa trajetória de ascensão meteórica da escola, a presença de integrantes da União da Ilha na escola sempre foi marcante. Mais interessante ainda é verificar que, embora a madrinha oficial do Dendê, seja a Unidos de Vila Isabel, a escola apontada pelos componentes como a que mais ajudou o Dendê em toda sua história foi a União da Ilha.

Haveria, no entanto, para o Dendê, a possibilidade de superar toda a trajetória e identificação da União da Ilha com a Ilha do Governador, passando a ser a principal escola da Ilha. O Acadêmicos do Dendê superaria os limites e os temores que sua associação ao morro do Dendê trazia e já estava pronto para angariar patrocinadores fora da rede criminosa ligada ao tráfico de drogas.

2.4.2. O Acadêmicos do Dendê sem Miltinho

A escola desfilou novamente pelo Grupo B, a 3ª divisão, em 1996, ano que, pela primeira vez, os desfiles desse grupo foram televisionados, pela então CNT. Dessa vez, a escola já não contava com a participação ativa de Miltinho, que fora preso em novembro do ano anterior. Seu irmão Ronaldo, que passou a controlar o tráfico no local, manteve o apoio, mais tímido do que aquele dado por seu irmão à escola. O Acadêmicos do Dendê fez um desfile considerado correto, mas que resultou no vice-campeonato. O samba, resultado de uma junção entre dois sambas, foi um dos destaques do desfile com a interpretação de Quinho.

Finalmente, em 1997, a escola alcançou o grupo A e, para tanto, investiu muito na equipe de confecção do carnaval. O Carnavalesco Edson Siqueira foi contratado e o intérprete de samba enredo foi Carlinhos de Pilares. A expectativa era grande e a escola abria o desfile do Grupo A, a 2ª divisão, com o enredo “Do pasto à fantasia, do gado à alegoria”. Alguns problemas, entretanto, aconteceram dificultando o bom resultado do desfile e frustrando as expectativas. Além de enfrentar escolas com muito mais recursos, o Acadêmicos do Dendê passava por um período de difíceis relações com seus antigos mecenas do tráfico, que não concordavam com o tipo de gestão da escola.

Conforme um dos componentes relatou, os gerentes do tráfico local queriam impor um nome para a presidência em busca de maior controle sobre os gastos da escola. Compensando a ausência dos antigos financiadores, a escola passou a contar com a ajuda do comerciante Fumaça, líder dos vendedores ambulantes da Ilha do Governador⁷⁵. Uma das principais fontes de arrecadação, no entanto, foi os ensaios de quadra realizados também no Esporte Clube Cocotá, localizado próximo ao morro do Dendê. Nesse mesmo ano de 1997 o Acadêmicos do Dendê enfrentou problemas na saída do barracão, saiu atrasado e fora da ordem definida pela AESCRJ para posicionamento na concentração. Punida com a perda de muitos pontos, a escola foi rebaixada voltando ao Grupo B em 1998.

Segundo relatos dos componentes, a disputa pelo comando do morro com a prisão do traficante Ronaldo teria influenciado e perturbado em muito o clima da escola que, desorganizada, mais uma vez foi rebaixada em 1998. Com o enredo “Africano ou baiano, sou natural dos orixás, sou tempero do meu Rio de Janeiro, sou carnaval”, a escola, que apresentou um desfile considerado pelos desfilantes bem mais pobre que o dos anos anteriores, perdeu quatro pontos por não apresentar o número mínimo de baianas exigido pelo regulamento e terminou com a penúltima colocação.

Buscando a reorganização interna, a escola licenciou-se e não desfilou em 1999. Esse é um período tratado com muito mistério dentro da escola. Ninguém fala muito sobre o que aconteceu. Quando indagado sobre o assunto, o presidente

⁷⁵ Fumaça tornou-se presidente da União da Ilha entre 2000 e 2002.

Macalé chamou para si a responsabilidade, dizendo-me “ter recomendado o licenciamento da escola para restabelecer uma boa política com a AESCRJ”. Para ele, era necessário começar tudo outra vez. Começar tudo outra vez, significava desvencilhar-se, segundo Macalé, de antigos vícios da escola; buscar novamente o apoio dos moradores do morro que haviam se afastado da escola a medida que ela foi sendo ocupada por “integrantes e dirigentes de fora”.

Interessante notar que mesmo essa noção de “comunidade” ou os “de fora”, evocadas pelos sambistas, são discutíveis. Temos o conceito de “comunidade tradicional” norteador por uma série de fatores presentes no discurso dos sambistas que, segundo Pavão (2005), justificam uma hierarquia que os privilegia como “verdadeiros representantes da agremiação”. Estes fatores incluem desde a proximidade geográfica com a sede da escola, passando por ligações históricas com o grupo, até laços de hereditariedade ou afinidade com membros importantes na história da agremiação (Pavão, 2009).

Por outro lado, a busca da escola de samba por reconhecimento frente à cidade levou a formação de uma outra categoria chamada pelo autor de a “comunidade eletiva”, com critérios mais abrangentes que o da “comunidade tradicional” onde destacam-se: a participação efetiva na vida social da agremiação; vínculos por laços emocionais à história da escola de samba; percepção da escola como símbolo da cidade; relações de amizade com pessoas importantes da escola no presente (Pavão, 2009).

Enquanto as categorias analisadas por Pavão emergem num contexto de disputa política dentro de uma tradicional escola do Rio de Janeiro: a Portela; no caso da fala do componente do Dendê temos a situação inversa: de uma pequena escola buscando angariar novos componentes, após a saída de boa parte dos antigos, presentes na fase em que a escola se encontrava mais fortalecida. Veremos, a seguir, como esse pertencimento é manipulado de forma a congregar o maior número de pessoas e de que essa expansão esteja associada ao patrocínio dos desfiles e arregimentação de interessados na construção do carnaval da escola.

2.4.3. Começar outra vez: O ressurgimento do Acadêmicos do Dendê

Após o licenciamento, no ano 2000, a escola voltou a desfilhar na Rua Cardoso de Moraes, em Bonsucesso. A reestruturação não seria fácil e a escola não conseguia se firmar. Sem contar com apoio “de ninguém, apenas da comunidade”, segundo Macalé, a escola desfilou pelo Grupo D, então 5ª divisão. O enredo “Dos filhos deste solo, sou mãe gentil, muito prazer Brasil” se enquadrava no estilo adotado pela maioria das escolas naquele ano em que a temática dominante girava em torno da comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil. O samba de Gugu das Candongas, Valdir da Vala e Pardal é cantado até hoje nos ensaios na quadra do Dendê e foi um dos poucos pontos considerados positivos do desfile. A escola foi novamente rebaixada, desta vez para o grupo E, a 6ª e última divisão do carnaval carioca. Foi o suficiente para a confirmação do que pensavam alguns componentes: a escola se aproximava do fim.

Entretanto, em 2001, o Dendê iniciou uma nova ascensão. Com o enredo “Kid Moringueira: o malandro no Dendê”, ela alcançou o campeonato do Grupo E disputado por oito escolas naquele ano. Mais uma vez, o desfile foi realizado na Rua Cardoso de Moraes, em Bonsucesso. A escola foi a última a desfilhar nesse ano, já que a Unidos do Valéria, que encerraria o desfile, não desfilou, fato que sinalizou a extinção da mesma.

Após subir para o Grupo D, para a 5ª divisão, já em 2002, o Acadêmicos do Dendê experimentou pela primeira vez desfilhar naquele que seria seu palco até os dias atuais: a Estrada Intendente Magalhães, em Campinho. A estrada liga os bairros de Campinho e Vila Valqueire. Ao longo desta via nos deparamos com duas escolas de samba: a Tradição e a União de Jacarepaguá. A estrada é conhecida pelas concessionárias de veículos que abriga, tanto que um enorme marco anuncia no início da via: “Intendente Auto Shopping”.

A transferência dos desfiles para essa região gerou protestos e desconfiança das escolas mais distantes, entre elas o Dendê. Um dos integrantes do Dendê declarou o seguinte, durante conversa no barracão da escola em 2009:

“O grande problema de Bonsucesso era a curva na pista de desfile. Lá teve tiroteio na dispersão, mas foi só um ano. È aquele negócio era briga de vagabundo, de malandro e não tinha como se envolver. Quem não é disso não se envolve.(...). Além do que a Intendente não é tão segura assim pra desfilar. Lá é área do Comando Vermelho, o Dendê é área do Terceiro Comando. (...) Não sei dessa milícia lá não.(...)E também tem o percurso do barracão à avenida que é muito perigoso. Os carros passam por várias favelas de facções diferentes na Linha Amarela.” (componente do dendê – 30/10/2008)

A milícia a que se refere o componente exerceria, segundo outros interlocutores, o controle da região atualmente. Pude conferir pessoalmente o ambiente em que ocorrem os desfiles na Intendente Magalhães. Ali na pista de desfiles nunca ouvi relatos de roubos, agressões ou mortes. É muito comum ver crianças atravessando a pista nos intervalos entre as escolas e a organização e estrutura do local melhora a cada ano. Os atrasos não passam de meia-hora e são controlados pela própria AESCRJ. Existem Cabines e arquibancadas, em estruturas provisórias, que permitem ao público e à imprensa acompanhar os desfiles com tranquilidade e conforto. Existe próximo à região, várias escolas com barracões instalados no chamado “Carandiru 2” - um galpão que, antes de ser ocupado pelas escolas, era um depósito de bebidas. O grande problema do atual local de desfiles é a concentração, pois os carros alegóricos em processo de finalização convivem com o trânsito intenso da rua que não é interditada.

Voltando a história do Acadêmicos do Dendê, a escola terminou o carnaval de 2002 na sétima posição, com o enredo “de azul e branco o Dendê canta a bossa nova, chega de saudades...”. A escola ainda tentava encontrar o caminho para as conquistas que caracterizaram outros períodos. O grande esforço mobilizava uma parte dos moradores do morro que aderiam à idéia de tornar a escola “grande”. A mobilização permanecia, mas a escola que já não contava com o apoio financeiro de outrora não conseguia alcançar bons resultados, permanecendo por mais um ano na 5ª divisão, após o desfile de 2003 com o enredo “Brasil e os seres fantásticos”, novamente na sétima posição.

No ano de 2004 a escola viveu momentos conturbados na preparação do carnaval, graças a uma guerra no morro após a prisão de Ronaldo, irmão de Miltoninho, então chefe do tráfico. Após um dos confrontos mais sangrentos entre traficantes rivais, em que doze pessoas foram mortas durante um baile funk no alto do morro, Bizulai assumiu o comando do tráfico de drogas na favela, em outubro de 2003. Já como chefe do tráfico Bizulai venceu a disputa de samba-enredo para o carnaval 2004 com o nome artístico de “Bi bom de Bola”, ao lado de Aloisio Villar, Cadinho da Ilha, Maneco, Gilberto Lua, Decicka Jonnes. Esse grupo de compositores se notabilizou por suas vitórias em outra escola do bairro, o Boi da Ilha do Governador, tendo inclusive conquistado um estandarte de ouro no Boi da Ilha.

Logo após, em 2005, a escola tentou “acertar os ponteiros” com um enredo falando sobre o tempo. Agora contando com o apoio de comerciantes da região, já que o último chefe do tráfico, Bizulai, havia sido morto pela polícia. O enredo da escola “Na história do relógio, tudo tem hora certa” e o samba fruto de uma fusão. Apesar de contar com alegorias grandes e bem acabadas, faltou planejar melhor a escola para o desfile na Intendente Magalhães. As alegorias apresentadas eram tão largas que esbarravam e se arrastavam nas grades que dividiam a pista de desfiles do espaço para o público. Após os desfiles o resultado alcançado pela escola foi a 9ª colocação.

Finalmente, em 2006, o Dendê fez as pazes com a vitória. Além de contar com maciço apoio dos moradores a escola volta a aproximar-se dos traficantes. Vários dos ensaios realizados pela escola nos dias de chuva aconteceram na quadra localizada no alto do morro, já que a quadra original da escola não tem cobertura. Nessa quadra, segundo relatos de componentes, era comum a circulação de traficantes armados entre os componentes e o público que assistia aos ensaios. O samba vencedor, que não contou com apoio de alguns dos envolvidos na disputa de samba, mas funcionou muito bem no desfile, segundo os desfilantes, e a cobertura dos sites carnavalescos, sendo um dos mais cantados da noite ao lado do samba reeditado da Em cima da Hora⁷⁶.

Nesse ano, boa parte dos componentes afastados retornou a escola, que contou ainda com a ajuda de alguns empresários. O novo presidente da escola era o já

⁷⁶ O tema das reedições vem sendo bastante discutido após o carnaval de 2004, quando uma iniciativa da LIESA incentivou que as escolas cantassem sambas que já haviam desfilado em outros anos com uma releitura do enredo. Algumas escolas, inclusive, reeditaram sambas de outras escolas. Ainda hoje, como naquele ano, as alas de compositores foram as mais ferrenhas opositoras das reedições (NETO; 2005)

apresentado Macalé. Ele foi o principal responsável por realizar a articulação política com a AESCRJ e pelo bom relacionamento com as demais escolas da Ilha. Também foi fundamental a entrada das camadas médias insulanas⁷⁷ na escola, através dos carnavalescos Inalda e Carlos de Albuquerque, mãe e filho participantes ativos do Centro Cultural Elbe de Holanda, no bairro considerado pelos insulanos como de classe média alta Jardim Guanabara. Um dos principais patrocinadores do desfile deste ano foi um comerciante e compositor da União da Ilha, dono de uma loja de celulares.

Como vice-campeã do grupo D, a escola desfilou em 2007 no grupo C, a 4ª divisão, buscando o retorno à Marquês de Sapucaí. Tuninho do Dendê despontou como fundamental na ajuda e montagem do desfile, e como veremos na seqüência de nosso relato, se tornaria presidente da escola em 2009. No ano de 2007, o presidente Macalé conseguiu ainda mediar um importante contato com a diretora das alas de comunidade da União da Ilha, Luana Tallie, filha de uma família de comerciantes conhecida no Cacuaia, local onde foi fundada a União da Ilha.

Além de estar presente na administração da União desde sua fundação, a família Tallie controla uma parte do comércio no Cacuaia. O enredo de autoria e confecção do carnavalesco Severo Luzardo foi planejado como uma trilogia para os carnavais de 2007, 2008 e 2009 que falaria das festas, lendas e danças folclóricas do Brasil. No primeiro ano, em 2007, o foco concentrou-se nas festas com o título “Licença vamos pedir, pra nossa folia brincar, quem quiser entrar na dança, se assim lhe agradar!”. Como a União da Ilha havia apresentado em 2006 um enredo sobre São João Del Rei, boa parte do material foi reutilizado pelo Acadêmicos do Dendê, em 2007. O resultado foi um desfile apontado como “muito luxuoso para o grupo”, elogiado pela maioria dos sites que cobriram o desfile e pelo público presente. A escola alcançou o vice-campeonato, ficando atrás da Mocidade de Vicente de Carvalho – com nota 10 em todos os quesitos - resultado bastante contestado. O regulamento previa a ascensão de apenas uma escola ao grupo B, a 3ª divisão, e o Dendê permaneceu entre as escolas da 4ª divisão.

Dando continuidade à trilogia de enredos folclóricos, Severo Luzardo apresentou, em 2008, o enredo: “Lendas à brasileira, com gosto de manga e perfume de

⁷⁷Sobre camadas médias insulanas ver QUEIROZ, Maria Isaura, Op.Cit., pp.99.

jasmim”. No mesmo ano, graças a seu destacado trabalho no Dendê, Severo foi convidado para trabalhar no Arranco pelo grupo B, passando a dividir seu tempo entre as duas escolas.

Preocupada com boatos que davam conta de que a ligação da escola com o tráfico teria influenciado no resultado do ano anterior, a escola decidiu não mais ensaiar no alto do morro. A quebra da relação com traficantes locais foi reforçada pela notícia da conversão do chefe do tráfico no Dendê ao protestantismo. Com isso, a escola buscava o reconhecimento de um status equivalente ao alcançado pela outra escola do bairro, a União da Ilha..

O resultado do carnaval 2008 foi um tanto quanto decepcionante para as pretensões da diretoria, especialmente para Tuninho e Macalé. A escola apresentou-se com um contingente bem menos empolgado que o do ano anterior. Curiosamente a escola contava com o apoio mais direto de membros de uma chapa de oposição encabeçada pela candidata de oposição na União da Ilha, Luana Tallie. Os membros que permaneciam na União da Ilha não apareceram com tanto fervor quanto no ano anterior, temendo represálias do grupo de situação da União da Ilha. A escola fez um desfile apenas mediano, obtendo a sexta colocação. O grupo político de dirigentes, porém, se fortaleceu, é a partir deste grupo de oposição na administração da União da Ilha que nasceu a proposta de um enredo patrocinado falando sobre a Rádio Manchete, em 2009, que acompanharemos com mais detalhes no capítulo seguinte.

Como vimos nesse registro, passar da 4ª para a 3ª divisão, ascendendo assim ao desfile da Marquês de Sapucaí, representa uma importante passagem de estágio. Considerando todos os estágios superados pelas escolas, os mais traumáticos, segundo a experiência daqueles envolvidos, são a superação do grupo de avaliação (i.e. a passagem de bloco de enredo à escola de samba), que consagra uma agremiação como escola de samba e a integra à competição oficial com as demais setenta e duas escolas que compõem o universo dessa expressão carnavalesca.

Outro importante momento, também sempre assinalado, é a passagem das escolas - ascensão ou queda – entre o Grupo B e o Grupo C (3ª e 4ª divisões), pois com essa passagem altera-se de modo significativo a localização do desfile, entre a Av Marques de Sapucaí, onde desfilam também as maiores escolas, e a Intendente de

Magalhães, onde desfilam as demais escolas e grupos. Se abordarmos as passagens de uma escola de samba ao longo de seus carnavais por diferentes grupos competitivos, a partir das idéias de Turner (1978) de “rito de passagem”, podemos ver esse momento como situação de liminaridade com propriedades marcantes e bem específicas.

Com as passagens de grupo, uma série de relevantes mudanças na estruturação acompanha o cotidiano da escola, tais como: ampliação ou mudança da quadra de ensaios, expansão do quadro social, aquisição de maior patrimônio e mudança do barracão para algum do local de preparação mais próximo da pista de desfiles. Há, também, mudanças em seu funcionamento, pois os ensaios alteram-se na frequência e no público, a escola ganha atenção da mídia especializada, é chamada a participar de mais eventos, festas e projetos com outras escolas e muda também a sua relação com as demais escolas. O Dendê, como veremos, já superou uma vez essa barreira, chegando a desfilarmos no Grupo de Acesso A, a 2ª divisão, mas tem encontrado dificuldades nos últimos anos. O quadro⁷⁸ abaixo resume essa trajetória, que aqui apresentamos, com clareza:

Ano	Enredo	Carnavalesco	Colocação	Grupo
1992	Rio verde que te quero verde	Deco e Zezinho	1°	Avaliação - Blocos
1993	Tem cupido no samba	Deco e Zezinho	3°	Acesso ⁷⁹
1994	Ser Chic na avenida chique	Amarildo de Melo	1°	3 ⁸⁰
1995	Essa água é fogo	Amarildo de Melo	1°	Acesso 2 ⁸¹
1996	Prédio Roubado, Ponha-se na Rua... Ora pois pois	Amarildo de Melo	2°	B
1997	Do Pasto a fantasia, do gado alegoria	Edson Siqueira	9°	A

⁷⁸ Fonte Academia do Samba em <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/academicosdodende/index.htm>

⁷⁹ Atual Grupo Rio de Janeiro IV

⁸⁰ Atual Grupo Rio de Janeiro III

⁸¹ Atual Grupo Rio de Janeiro II

1998	Africano ou baiano, sou natural dos orixás, sou tempero do meu Rio de Janeiro, sou carnaval	Betto Maia & Pierre Le Petit	11°	B
1999	Não desfilou	Não desfilou	12°	C
2000	Dos filhos deste solo és mãe gentil, muito prazer Brasil	Antonio Roberto da Silva & Alaor de Souza Júnior	9°	D
2001	Kid Morangueira: O malandro no Dendê	Antônio Carlos da Costa	1°	E
2002	De azul e branco o Dendê canta a Bossa Nova, chega de saudades...	Antônio Carlos da Costa (Tony)	7°	D
2003	O Brasil e os seres fantásticos	Arnon Carvalhaes	7°	D
2004	O cruzeiro que traz o real desembarca no carnaval	Jorge Mendes	9°	D
2005	Na história do relógio, tudo tem hora certa	Jorge Mendes	5°	D
2006	Com trabalho e cultura, os afro-descendentes constroem o Brasil	Inalda Pimentel e Carlos Albuquerque	2°	D
2007	Licença vamos pedir, pra nossa folia brincar, quem quiser entrar na dança, se assim lhe agradar!	Severo Luzardo Filho	2°	C
2008	Lendas à brasileira, com gosto de manga e perfume de jasmim	Severo Luzardo Filho	6°	C
2009	Pode preparar o seu confete que esse ano na avenida tem Manchete	Paulo Brasil e Luiz Cavalcante	10°	C

Com a análise desse quadro vemos que os últimos anos marcam uma estabilização da escola no Grupo de Acesso C, ou seja, na 4ª divisão. De fato esta tendência é marcante na maioria das escolas. O quadro elaborado por Araújo (2008; pp.139) reforça essa idéia de uma escola “estável”, escolas “que vêm conseguindo manter a posição mais ou menos estável em determinado grupo, e ainda que com alguma oscilação voltam para ele”(ARAÚJO:2008; pp.140). O fato de que, ainda que com o décimo lugar no carnaval de 2009, o Dendê tenha permanecido no Grupo de

Acesso C denota essa estabilidade. Podemos perceber, então, com a leitura do quadro acima, que a superação mais difícil foi a passagem do Grupo de Acesso D, a 5ª divisão ao Grupo C, a 4ª divisão, passagem realizada sete vezes pela escola. Na trajetória de uma escola de samba essa parece ser realmente uma das passagens mais difíceis, na qual são evidenciadas alterações notáveis no processo de estruturação, reestruturação ou decadência de uma escola de samba (ARAÚJO:2008).

O quadro acima é mais interessante ainda quando comparado com a trajetória das outras escolas insulanas: o Boi da Ilha do Governador e a União da Ilha. Claro que outros critérios, como a data de fundação de cada uma delas, deve ser levada em consideração, numa tentativa de traçar um quadro comparativo com o Acadêmicos do Dendê. No entanto, a relação entre as três agremiações, conforme verificamos, é muito importante.

Na trajetória do Acadêmicos do Dendê, chamam atenção ainda os movimentos de aproximação e de afastamento dos traficantes com relação à escola. Esse movimento segue duas variáveis que não necessariamente coincidem. A primeira delas é de ordem pessoal, ou seja, a predileção dos dirigentes do tráfico local pela escola de samba ou seu gosto pelo carnaval. A segunda é mais institucional: a necessidade da escola de samba de angariar fundos para a realização de seu desfile. Verificamos como a escola tentava, mesmo nos momentos de aproximação com traficantes, se afastar, perante o restante da cidade e da própria Ilha do Governador, da identificação produzida por essa proximidade, em um movimento parece indicar seu desejo de não se deixar “poluir” simbolicamente, de acordo com as idéias anteriormente citadas de Douglas (1976), pela dependência do patrocínio de traficantes.

A trajetória do Dendê ao longo dos anos revela dois processos importantes que a movimentam. Em primeiro lugar, uma tentativa de expansão da rede de relações sociais que garanta à escola componentes suficientes e sua necessária participação para a realização de bons desfiles e para o reconhecimento do valor e da representatividade da escola perante o carnaval das escolas de samba na cidade, como um todo. Por outro lado, temos a tentativa de assegurar fontes de financiamento que garantam o bom desenvolvimento da preparação do carnaval, com a busca de patrocinadores e

financiadores seja qual for a origem desse dinheiro ou a situação legal ou ilegal do financiador, bem como sua identificação com o carnaval.

Esse movimento não é exclusivo dos carnavais do Acadêmicos do Dendê, as escolas de forma geral vivem esse dilema na construção do carnaval todos os anos, desde seus primórdios e, em especial, com a modificação da natureza da presença dos contraventores ligados ao jogo do bicho no carnaval carioca nos anos 1970 (Chinelli & Machado, 1993). A dinâmica entre os dois processos indicados criou, na construção de cada carnaval no Acadêmicos do Dendê, uma situação dramática.

No próximo capítulo, ao nos debruçarmos com mais cuidado no acompanhamento etnográfico da preparação do carnaval de 2009 do Dendê, veremos ainda uma sucessão de movimentos e desdobramentos dramáticos a cada etapa do processo de preparação do desfile.

3. Drama Social e Sociabilidade Urbana: o Carnaval 2009 no Dendê.

Através das disputas internas observadas no desenrolar da preparação do carnaval do Acadêmicos do Dendê, percebemos como, em determinados momentos, as escolas de samba funcionam como espaços de mediação e sociabilidade. Na verdade, a conformação do bairro do Dendê como espaço restrito, onde o acesso só é permitido e a visibilidade só é acionada através da escola de samba, torna isso muito mais claro.

Como vimos no capítulo2, o tempo todo esse tipo de associação entre “o morro e a escola” é acionado pelos sambistas e o desfile é o momento de afirmação dessa visibilidade positiva frente toda a cidade. Como consequência da grande visibilidade social alcançada através do desfile, a escola de samba torna-se espaço de disputas internas por espaços sociais de atuação e prestígio, que emergem com clareza no processo de confecção das alegorias e fantasias e nas impressões, comentários e avaliações dos componentes ao término dos desfiles.

Devemos refletir a respeito do tipo de prestígio que está em jogo em uma pequena escola de samba. Quais as vantagens e desvantagens, quais os pontos positivos e negativos que permitem com que os resultados de um desfile sejam elaborados como uma espécie de “termômetro de prestígio político” do grupo que ocupa a direção de uma escola. Qual a natureza do poder de um diretor de carnaval, de harmonia ou até mesmo do presidente de uma pequena agremiação como é o caso do Dendê?

Para responder a essas questões, vamos focar no que seria a definição de política para essas pessoas. Qual a concepção de política no contexto de uma festa popular? O tema já foi tratado por diversos autores. Um dos enfoques mais interessantes e relacionado diretamente ao assunto, é o da antropóloga Alba Zaluar em seu artigo: “Carnaval e clientelismo político” (1985). Nele, a autora trata do tema das relações políticas através das relações estabelecidas entre políticos e uma agremiação carnavalesca em uma localidade “pobre” do Rio de Janeiro.

As relações necessárias para a intermediação concentram-se nos dirigentes que direcionam as necessidades da agremiação para essas relações. Logo, esses indivíduos “mediadores”, que apelam aos candidatos e ocupantes de cargos por materiais e interesses da agremiação, podem ser enxergados em uma perspectiva de aquisição de poder político. Este papel é reservado e evitado, como um campo de conflito iminente,

sendo assim a “política, isto é a competição pelo poder e pelo mando” (Zaluar, 1985, pp.37).

Assim, política, no contexto de uma escola de samba, estaria associada “à fofoca, à violação de regras, à reciprocidade desfeita e se opõe a união, ao esforço comum, à solidariedade” (Zaluar, 1985, pp. 37). Logo, são recorrentes as utilizações do termo “política” para designar assuntos delicados que podem levar à sérias cisões no grupo, ou fora dele. Quando Macalé age em vista da salvação da escola no ápice de sua crise em 1998, como vimos, encontra a solução para crise na reformulação da “política da escola” na AESCRJ. Recorre à Associação que, por sua vez, retribui o apoio “político” da agremiação fortalecendo-a internamente. Essa relação não é aqui entendida como intervenção direta nos resultados de um desfile, mas na concessão de facilidades estruturais, como a indicação de um ateliê para a confecção de fantasias, ou de um profissional para o trabalho no barracão. Em um estágio mais avançado, essa facilitação inclui ter influência direta na gestão dos desfiles o que permite a busca do local mais conveniente de desfile ou mesmo uma estrutura de julgamento que favoreça os quesitos em que uma determinada escola é “mais forte”. Isso corresponde a ter uma “boa política na Associação”, na acepção dos sambistas. É a partir da maior ou menor habilidade na manipulação e na intermediação dessas relações que podemos localizar um primeiro indício do prestígio de um dirigente de pequena escola de samba.

Aqui ressaltamos os aspectos trabalhados pela política enquanto fruto de uma rede de pessoas “que interagem e se influenciam reciprocamente por relações complexas e dinâmicas” (Kuschnir, 2007, pp. 9). Temos também um aspecto da cidade, ressaltado através dessa relação (Moraes, 1983).

Para Simmel, a forma da sociedade humana é potencialmente organizada; parte de um complexo de indivíduos socializados (Simmel, 2006). A forma de organização que nos permite entender a sociedade é apreendida através do conceito de sociabilidade, visto como:

“um tipo ideal entendido como o social puro, forma lúdica (Simmel, 2006) arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si

mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais” (Frugoli Jr., 2007, p. 9).

São, portanto, aspectos fundamentais da sociabilidade em uma escola de samba, que aqui ressaltamos. O caráter lúdico das relações aqui apreciadas, tal qual a encenação de um drama e o envolvimento em um ciclo que desemboca em um “jogo” onde esse caráter relacional é encenado; leva-nos à “política” aqui descrita enquanto drama social. Em outras palavras, a sociabilidade interna aos grupos dirigentes nas escolas de samba é motivada pela “política” e é vivida através de uma sucessão de dramas sociais conectados uns aos outros e reelaborados por meio das posições alcançadas dentro do quadro organizacional da escola e da inserção das pessoas dentro da competição carnavalesca. Cada desfile emerge, desse modo, como um ponto que estabiliza ou desestabiliza redes de relações sociais construídas e redefinidas num processo temporal mais amplo. Um jogo de políticas relacionais em que as pessoas com seu prestígio transformam-se em coisas. Pois, um bom dirigente vale mais, e sobretudo, por sua capacidade em articular redes de relações que mobilizam trocas de materiais que permitam a montagem de um bom desfile.

O pontapé inicial do projeto do Acadêmicos do Dendê, em busca de seu retorno aos desfiles do Sambódromo, foi o enredo para o carnaval 2009 - “Pode preparar o seu confete que este ano na avenida tem Manchete”. Com ele a escola contaria a história do grupo Manchete, no qual os radialistas têm um programa sobre o carnaval.

A tarefa, no entanto, não era tão fácil quanto eles imaginavam e podemos enxergar no processo de preparação para o carnaval 2009 uma sucessão de cismas e continuidades, dramas sociais, tal qual observados e conceituados por Victor Turner, em seu trabalho sobre os Ndembu (1957). Turner dividiu esses processos de conflito em quatro fases:

“Eu identifiquei fases no desenvolvimento que seguiremos e observaremos em uma seqüência mais ou menos regular. Estas erupções que chamei de “dramas sociais” tem uma forma processual. Eu as dividi em quatro grandes fases: quebra, crise, ação reparadora; reintegração ou reconhecimento do cisma.” (TURNER:1996, p.91-92)

O carnaval do Dendê pode ser analisado sob essa perspectiva. Outros trabalhos focaram outros grupos sob o prisma dessa teoria. Como interessantes exemplos e fontes de inspiração, bem como modelo prático para esta abordagem que pretendemos seguir, poderíamos citar a análise ritual e das relações conflitivas em um terreiro de umbanda em “Guerra de Orixás” de Yvonne Magie (2001); e a já citada tese de doutoramento de Ronald Clay, em que um panorama completo da reconstrução simbólica do passado da Portela é construído por meio de dramas que colocam em evidência as relações entre os portelenses (Ericeira, 2009).

Durante o ciclo carnavalesco de 2008/2009, entre a entrada do grupo político da União da Ilha no Acadêmicos do Dendê e os dias seguintes à apuração das notas do desfile de 2009, a experiência social de um certo grupo de atores pode ser examinada segundo essas fases dos dramas sociais. Além desse grupo central que conduzirá nossa análise, cujos personagens principais⁸² foram apresentados nos capítulos anteriores, outros personagens ainda apareceram ao longo do processo e sua apresentação será feita à medida que a trama se desenvolver.

As relações entre as escolas da Ilha do Governador têm importância vital para o seu desempenho dentro do regime competitivo carnavalesco. Essa relação entre “co-irmãs” configura, como veremos, relações de trocas, imersas no desfile compreendido enquanto “fato social total” (Cavalcanti, 2006)..

3.1. As eleições na União da Ilha e a definição do enredo no Acadêmicos do Dendê: a criação de um projeto de desfile⁸³.

- *Quebra e Crise: os carnavais de 2006 e 2007 na União da Ilha*

Como o processo que vamos relatar atravessou o período de três anos, indo do carnaval de 2005 ao carnaval de 2008, é importante lembrar, antes de iniciarmos o relato, que a datação do ano carnavalesco por parte do mundo social do carnaval toma

⁸² O presidente Macalé; o vice-presidente Tuninho; Luana a diretora de carnaval da União da Ilha; os radialistas Jorge Ernane e Antônio Farias; o diretor de harmonia Nem; finalmente o diretor de barracão Fabiano.

⁸³ Buscando preservar a identidade de alguns dos envolvidos e por não ter expressado claramente minha intenção de descrever tal processo no presente trabalho, o nome de alguns dos envolvidos no processo eleitoral da União da Ilha aqui apresentados são fictícios.

como referência a realização do desfile que culmina todo o ciclo de sua confecção. Como essa confecção se inicia mal terminado o carnaval do ano anterior, o ano carnavalesco na maior parte do tempo está um ano na frente do ano cronológico – a maior parte da preparação o “carnaval 2006” ocorreu durante 2005, e assim por diante⁸⁴.

O ponto de partida do nosso primeiro drama pode ser tido como a crise que irrompeu no final do carnaval 2006, na União da Ilha do Governador. As eleições para a diretoria dessa escola ocorrem a cada três anos, e 2008 seria um ano eleitoral, com eleições previstas para o mês de maio. Durante o mês de março de 2008 os candidatos, munidos da lista de votantes da escola, articulavam suas alianças para a formação do conselho composto por duas chapas. Esse conselho é o responsável pela eleição do presidente, pois o processo eleitoral é indireto. Tem direito a voto os sócios-proprietários munidos de título na escola e que pagam uma contribuição mensal há pelo menos um ano antes da realização do processo eleitoral. Acompanhei esse processo como parte do universo de eleitores e desfilantes da União da Ilha.

Durante o período, logo foi necessária uma tomada de posição sem que isso, no entanto, influenciasse na minha circulação entre os membros das duas chapas. Foi, portanto, a partir do meu apoio explícito a chapa de oposição que obtive maior sucesso no recolhimento de informações privilegiadas quanto a movimentos dos candidatos e seus respectivos eleitores. O momento da entrada no processo eleitoral marcou, principalmente por esse dilema próprio da observação-participante, pois não sabia até que ponto minha entrada em um dos grupos poderia ser benéfica para a experiência da pesquisa, resolvido por uma tomada clara de posição baseada em outros trabalhos que utilizaram da mesma metodologia (Foote-Whyte, 2005).

O resultado do carnaval de 2006 se tornaria o estopim para a emergência de diversos atores, que logo se lançariam como prováveis candidatos às eleições que ocorreriam em maio de 2008, ou seja, em pleno ciclo carnavalesco para 2007 com desdobramentos ainda no carnaval seguinte. Enfim, a União da Ilha saiu do carnaval de 2006 com o terceiro lugar, considerado decepcionante para seus componentes, que haviam dado como certo o título e, com ele, a volta ao Grupo Especial⁸⁵, ou a 1ª divisão.

⁸⁴ Sobre a temporalidade própria do ciclo carnavalesco anual, ver Cavalcanti, 2006.

⁸⁵ Naquele ano, porém a vencedora do grupo foi a Estácio de Sá.

Já no carnaval de 2006 uma série de novos atores apresentaram-se dentro do quadro político que se desenhava na União da Ilha. Até então o grupo político de situação era encabeçado pelo presidente, Giordano, apoiado pelo presidente do conselho, Noel Flards, e pelo então diretor de carnaval e vice-presidente, Marco. Desde o carnaval anterior, Giordano havia convidado o então dono de um bingo na Ilha do Governador e também radialista, Jorge Ernane, para participar do cotidiano da agremiação. Jorge Ernane foi ganhando destaque durante o carnaval 2006, estando inicialmente como um simpatizante da agremiação.

Outro personagem que então se destacou foi Sérgio Naves (dono da empresa que explora o trem do Corcovado⁸⁶). Sérgio foi o principal patrocinador do carnaval de 2006, que teve como tema São João Del Rei, sua cidade natal. Ele posicionou-se também como mediador com relação a outros investidores para o carnaval de 2007. Nesse cenário, Luana Tallie surgiu também como importante figura, vista por alguns dos componentes da escola como uma pessoa agregadora, pela desenvoltura com que já havia exercido o cargo de diretora das alas de comunidade da União da Ilha.

Como personagens do grupo de oposição, havia ainda o ex-presidente da União da Ilha e do Acadêmicos do Dendê, Alfredo Fumaça, e o compositor Franco que tinha sido candidato de oposição na última eleição, realizada em 2005.

Tendo desfecho insatisfatório no carnaval de 2006, o carnaval 2007 contou com Jorge Ernane, ocupante do cargo de administrador, criado pelo presidente Giordano. Esse cargo, de certa forma, esvaziava as atribuições do então diretor de carnaval, Marco, e na primeira rixa entre eles, ocorreu uma cisão no grupo de sustentação do presidente Giordano. Surgiu em cena nesse momento mais um importante personagem: o diretor de barracão e ex-presidente Paulinho, tio da diretora Luana, também sobrinha de um importante fundador da União da Ilha. A condução do carnaval de 2007 ficou então basicamente nas mãos dessas três pessoas, já que o presidente Giordano esteve ausente na maior parte do processo.

A retirada de cena de Giordano pode ser atribuída a sua tentativa de omitir-se diante de denúncias de corrupção por parte do grupo de oposição que então se

⁸⁶ O Corcovado havia sido enredo da escola no carnaval 2005: “Das veredas dos trilhos à conquista do pináculo Corcovado tentação.”

configurou, e que divulgou inclusive uma gravação telefônica em que Giordano era acusado de receber propinas em troca de facilidades nas negociações para o patrocínio de enredos da escola. Enquanto Giordano se defendia acusando de ser a gravação uma montagem arquitetada pela oposição, ele enfraquecia o cargo de presidente ao tentar equilibrar decisões favoráveis ao grupo liderado por Marco e o grupo liderado por Luana.

Voltemos nossos olhos ao que ocorria, simultaneamente, no Dendê. Vimos que o fortalecimento dos laços de afinidade do Acadêmicos do Dendê com a União da Ilha deveu-se a uma considerável ajuda para a construção do carnaval de 2007. Aproximando o olhar, como me confirmou em entrevista um dos dirigentes do Dendê, vimos que Luana fora importante na mediação para a cessão dos materiais da União da Ilha ao Dendê..

O carnaval 2007 da União da Ilha foi marcado por uma série de problemas que os integrantes da escola atribuíram à manobras do grupo que estava afastado da escola neste ano, liderado por Marco e Noel. Um deles foi a baixa frequência em dois dos ensaios realizados nas quartas-feiras, devido a boatos anônimos de cancelamento. Já no desfile, o sumiço de um pedaço da fantasia da comissão de frente, fato que foi determinante para o resultado, segundo um dos desfilantes, foi também atribuído a manobras do grupo de Marco, “que teria instigado o carnavalesco a abandonar a escola antes do desfile” o que acarretou o boicote ao desfile do grupo que integrava a comissão de frente.

- Ação reparadora: carnaval 2008

No carnaval de 2007, a União conseguiu apenas um quarto lugar na 2ª divisão. Com isso, o grupo político encabeçado por Luana saiu da direção da escola, após uma manobra direcionada pelo grupo comandado por Noel e Marco. O presidente Giordano entregou então o cargo antes do término do mandato e quem assumiu foi o seu vice-presidente, Marco. No carnaval de 2008 a escola, comandada por Marco, decidiu por uma reedição do samba “É hoje” e obteve a quinta colocação.

Uma grande reforma tomou conta da quadra. Com a ajuda de um novo patrocinador, um estaleiro localizado no bairro dos Bancários na Ilha do Governador, a candidatura da situação ganhou sustentação política. Assim, o grupo de situação lançou

o até então presidente do conselho, Noel, como candidato à presidência da escola, tendo o compositor Dênis Fênix como vice.

No decorrer da confecção deste carnaval de 2008 articulavam-se as chapas que concorreriam à presidência da escola em maio de 2008. De um lado, o grupo da situação e, do outro, a oposição que tinha Luana como candidata à presidência e seu irmão, Léozinho, seu sócio em uma loja de presentes no Cacuia, como vice. Durante a articulação das candidaturas um fato novo surge. Numa tentativa de reaglutinação de forças, Marco propõe a alguns integrantes do grupo de oposição a articulação em torno do seu nome para a presidência da escola, para isso teriam que retirar a presença de Jorge da chapa. Luana não aceitou e a eleição ocorreu entre os dois grupos.

- Reconhecimento do cisma: as eleições

As eleições foram realizadas quase que imediatamente após o desfile do carnaval de 2008. Apenas um mês separou o resultado do carnaval 2008 e o processo eleitoral. Em março de 2008 as eleições aconteceram.

Todos os influenciáveis são peças importantes em um jogo; mesmo os quem não tem título, mas participam de alguma forma da escola são disputados pelos candidatos, inclusive os dirigentes das outras escolas insulanas. Uma minoria dentre os sócios tem participação em funções chave do desfile, como bateria, harmonia, baianas, passistas. Uma considerável parcela da Velha-Guarda participa do processo eleitoral, munida de títulos de baluartes⁸⁷.

Assim, as duas chapas realizavam festas, tentavam mostrar seu poder de influência e testavam a adesão dos eleitores. Pude comparecer às duas festas, ainda que de fato apoiasse a chapa de oposição, encabeçada pela Luana. A presença dos componentes nas duas festas, inclusive quando declaram seu voto à chapa rival é corriqueira. De fato, o que vi foi uma reelaboração do processo de identificação com a União da Ilha. Muitos que se encontravam afastados da escola reafirmavam seu

⁸⁷ Para maiores informações sobre o papel das velhas-guardas nas escolas de samba, ver Ericeira, 2009 op.cit; e (Júnior, 2009).

pertencimento, inclusive aqueles que desfilavam ou eram fundadores de algumas das outras duas agremiações.

A participação das outras escolas da Ilha se dava pela representação de seus dirigentes. O Boi da Ilha, comandado pelo presidente Eloy, tentava manter certa neutralidade, o que lhe conferiria um caráter independente da União da Ilha. Porém, um dirigente apontado como seu provável sucessor, apoiava tacitamente a chapa de situação encabeçada por Noel.

Por outro lado, os dirigentes do Acadêmicos do Dendê apoiavam declaradamente a candidata Luana. Durante os eventos da candidata, sempre estavam presentes o presidente do Dendê Macalé e seu vice Tuninho. Esse apoio como veremos se refletirá na construção do carnaval seguinte da escola.

O desfecho da eleição foi a vitória do candidato Noel que recebeu 222 votos contra 131 votos da candidata Luana, num universo de 500 votantes. Com a eleição de Noel consolidou-se a saída do grupo de Luana da União da Ilha e sua posterior ida para o Acadêmicos do Dendê.

A saída dos integrantes da chapa da Luana para o Acadêmicos do Dendê evidencia uma série de questões latentes, no que tange as relações entre as escolas de samba da Ilha do Governador. Inicialmente vimos as características que distanciavam as escolas umas das outras. Aqui já é possível observar como, na verdade, a relação entre as escolas é problematizada, de forma a criar convenientemente espaços de interação mais ou menos definidos (Park, 1979) ou até mesmo formas de criação de uma identidade simbólica para determinados grupos (Índias & Costa, 1999).

Simultaneamente, observamos como a rede de relações dos produtores e participantes das escolas insulanas é basicamente a mesma. São as mesmas pessoas – como diretores de harmonia, cantores, compositores, ritmistas, baianas, passistas e profissionais de barracão-que circulam entre as três escolas da Ilha do Governador, elaborando e reproduzindo discursos diferentes que podem ou não endossar o processo de produção simbólica daquele grupo.

Temos até aqui o Acadêmicos do Dendê como um espaço de produção simbólica que admite certos valores, muitas vezes atribuídos e idealizados para espaços

segregados da cidade É o Acadêmicos do Dendê visto por seus integrantes dentro da Ilha do Governador, como uma escola pertencente ao “morro”. O espaço proibido, impuro já descrito anteriormente, onde apenas os próprios moradores do Dendê devem protagonizar a mobilização colaborativa que resulta no desfile e na própria performance do desfile, fora de seu “pedaço”.

Além disso, os componentes do Dendê valorizam a apresentação da escola frente ao restante da escola, aproveitando-se da “identidade englobante”, como vimos anteriormente. A expressão da “identidade englobante” indica a União da Ilha como a maior escola do bairro e emerge frente à cidade com suas características próprias, sob um prisma bem particular frente a seu espaço ou ainda seu pedaço (Magnani, 2002).

Vista pelo prisma da União, a Ilha do Governador passa a ser o pedaço da alegria, ou melhor, das camadas médias, uma pequena burguesia bem-humorada, criativa e alegre. Interessante como essa visão emerge frente a um espaço que, como observamos, historiograficamente é caracterizado por uma ocupação de caráter conservador, pois o bairro foi inicialmente habitado, em sua maioria, por militares e seus familiares (Ipanema, 1991). Por outro lado, temos no Dendê, segundo seus componentes, uma “escola de chão”, descrita pelos sambistas como a que “está mais próxima dos moradores do morro”, ainda que muitos de seus componentes não sejam moradores do morro.

Logo, esse conjunto de imagens atribuídas foi retrabalhado pelos componentes e principalmente pelos dirigentes do Dendê, com a entrada do grupo da Luana na política da escola. Inicialmente, essa mudança pode ser percebida no discurso para justificar a opção por um enredo patrocinado frente à opção de um enredo folclórico. O enredo “Pode preparar o seu confete, que esse ano na avenida tem Manchete”, era justificado pela “alegria” e “leveza” do tema. Para tanto, todo um clima de descontração, que se aproximava do “bom, bonito e barato”⁸⁸ da União da Ilha foi criado. Assim, a maior parte dos integrantes da organização da escola foi modificada, com a substituição de especialistas anteriores por especialistas indicados pelos patrocinadores. Foi o que aconteceu com o carnavalesco e seus auxiliares, a assessoria de imprensa e até mesmo

⁸⁸ Enredo do carnaval de 1980 da União da Ilha quando a escola contou sua história. A fórmula para os desfiles da União da Ilha, que segundo seus componentes agradam e conquistam o público mesmo sem apresentar “um carnaval luxuoso” seria o “bom, bonito e barato”.

especulou-se sobre a possibilidade de alterações em outras áreas e setores fora daqueles encarregados dos aspectos plásticos e visuais do desfile, o que de fato não se concretizou.

Passemos, então, a uma minuciosa observação do desenrolar dessa preparação e como essas relações foram encaradas pelos integrantes do Acadêmicos do Dendê, seus dirigentes e patrocinadores.

3.2 - O “Carandiru”: Barracão do Dendê e o “fato total”



Fabiano, diretor de carnaval da escola, na entrada do barracão do Dendê

Até a construção da Cidade do Samba e sua inauguração, em 2006 , os barracões de escola de samba eram “amplos galpões de sua propriedade ou cedidos por empresas ou pelo governo estadual ou municipal, situados preferencialmente em áreas próximas ao centro da cidade, de modo a facilitar o penoso transporte das alegorias para a área de desfile” (Cavalcanti; 2006:147). Entretanto, vale observar que nenhuma escola do Grupo Especial tinha, em 2005, a efetiva posse desses galpões que, em sua maioria, localizavam-se na zona portuária do Rio de Janeiro.

Em 1970, um dos primeiros espaços a serem ocupados com a preparação das alegorias para a festa foi o antigo Pavilhão de São Cristóvão. O curioso a ser observado é que, tal qual ocorre hoje na Cidade do Samba, naquele espaço já conviviam várias

escolas, que apresentavam outras singulares características, como chama atenção Helenise Guimarães (op.cit.)

A confecção dos carros alegóricos e de algumas fantasias de alas que desenvolvem o tema apresentado pelas escolas de samba no desfile ocorrem no barracão (Ferreira & Fernandes, 2007). As alegorias “são formas de arte coletiva que envolvem em sua confecção o carnavalesco e sua equipe de especialistas e ajudantes” (Cavalcanti; 2006:148). O processo de confecção se dá de maneira temporal, com as seguintes etapas que em determinado momento podem até mesmo coexistir – “ferragem; marcenaria; escultura e moldagem; decoração/vidraçaria/mecânica” (Cavalcanti; 2006:148).

A relevância das alegorias no atual formato de desfile é constatada pela importância dada ao processo de construção das escolas e pela rede de relações sociais articuladas a partir das mesmas. A monumentalidade requisitada das alegorias, como um dos aspectos ressaltados, bem como a sua dimensão simbólica dentro do desfile, que transforma pessoas em objetos rituais, como acontece com as composições de carro, transformam o barracão em centro dessa rede de relações sociais (CAVALCANTI:2001).

Em 2006, após dois anos de construção foi finalmente inaugurado o complexo arquitetônico apontado como um segundo marco na história do carnaval carioca: a Cidade do Samba⁸⁹. Trata-se de um espaço inteiramente dedicado à produção do carnaval carioca (BARBIERI;2008). No primeiro pavimento de cada galpão existe uma área interna que comporta doze alegorias, quatro além do máximo permitido no desfile das escolas do grupo especial⁹⁰. Há setores especiais para trabalhos de marcenaria, serralheria, almoxarifado e até mesmo uma mini-recepção nos portões voltados para a área externa da Cidade do Samba. No segundo pavimento funciona refeitório, cozinha e vestiários. Existe ainda um terceiro e quarto pisos, onde funcionam ateliês, escritórios e um pequeno auditório. No quarto piso, funcionam os ateliês para fabricação de esculturas, e há um vão central que possibilita a movimentação das esculturas e a montagem sobre os carros alegóricos, através de um guincho preso a uma monovia. Em

⁸⁹ Em um antigo terreno da rede ferroviária federal, a Prefeitura do Rio construiu 14 galpões, cada um com 7mil m² e 19 metros de altura, a um custo inicial orçado em R\$ 102,6 milhões em um terreno de 98.000 m²

⁹⁰ Desde o ano 2000 o número de alegorias foi reduzido. Essa redução aconteceu numa tentativa de adequar melhor as escolas ao gigantismo do espetáculo.

cada um dos pavimentos existe uma passarela que possibilita diversos ângulos de visão das alegorias, tal qual ocorre com os diferentes setores da Marquês de Sapucaí, onde elas desfilarão.

Os portões para a saída dos carros alegóricos têm 10 metros de altura e são voltados para a praça central interna do complexo. O espaço dispõe ainda de área de lazer central, com praça de alimentação e tendas para shows, estacionamento com 226 vagas, um galpão de recepção aos visitantes e prédio administrativo. O projeto foi elaborado pelo Instituto Pereira Passos, em parceria com a LIESA. A prefeitura desembolsou mais de 80 milhões na construção. Finalizadas as obras, a administração do complexo foi entregue pela prefeitura a LIESA. Os galpões são chamados pelos órgãos oficiais de “Fábricas do Carnaval” pelo seu grandioso porte e sofisticada infraestrutura, que possibilitam uma clara visualização da divisão do trabalho em seu interior, como nas fábricas.

Paralelamente ao projeto de construção da Cidade do Samba, no final de 2004, as escolas menores procuraram se organizar buscando abrigo para suas alegorias. Foi neste momento que como vimos, liderados pelos presidentes Zezinho Orelha, da União do Parque Curicica, por Maneco, pelo presidente da Difícil é o Nome, essas pequenas escolas encontraram abrigo em outro terreno da RFFSA, que servia de oficina de trens, bem próximo da já desativada gare da Leopoldina. A quantidade de lixo e sucata abandonados no local e a estrutura bastante depreciada do prédio, levaram aqueles que ocuparam o espaço a denominarem-no como “Carandiru”. Atualmente, dividem esse espaço, em torno de treze escolas desde a 2ª até a 5ª divisões do carnaval, incluindo um bloco de enredo e uma escola mirim.

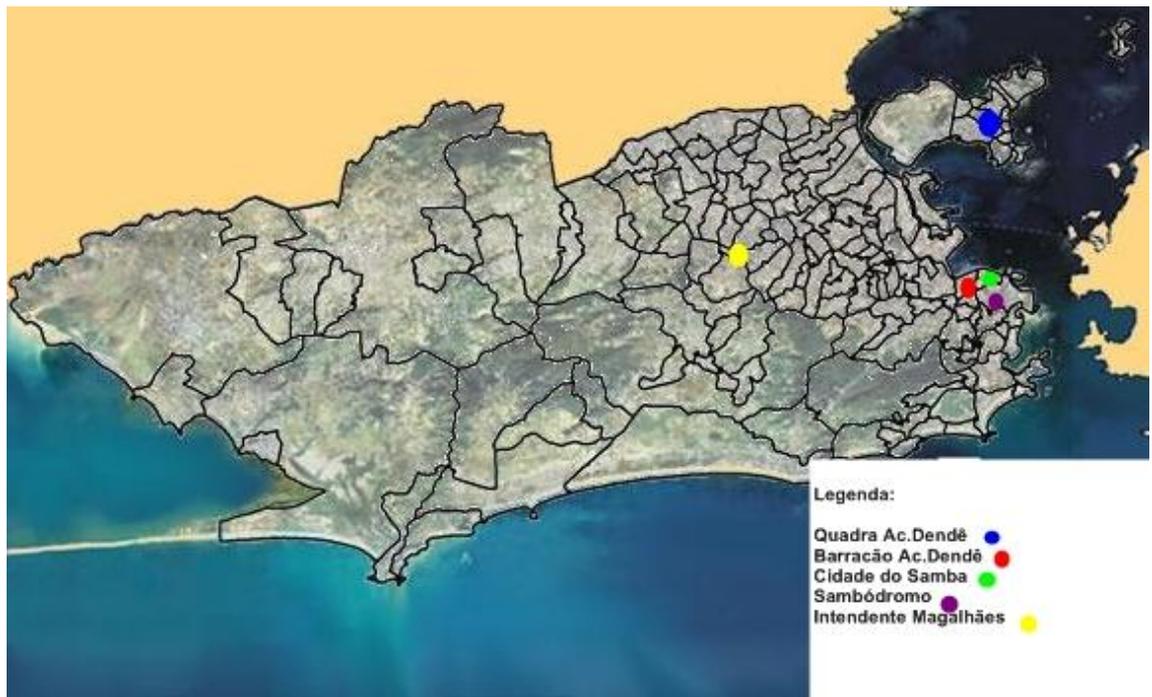
Aqui podemos parar para refletir a respeito do espaço de circulação que estamos tratando. Por um lado, a mudança do local de desfiles das 4ª, 5ª, e 6ª divisões para a Intendente Magalhães, em Campinho, tornou o espaço do Carandiru 1 muito distante do local de realização dos desfiles e esse espaço passou a ser muito menos prestigiado pelas escolas que se encontram nessa escala, dentro do quadro hierárquico. Ainda assim, algumas escolas pertencentes a essas divisões prepararam seus carnavais de 2009 nesse local: o Acadêmicos do Dendê, a Acadêmicos de Vigário Geral, Unidos de Lucas, Difícil é o Nome e Em Cima da Hora.

Por outro lado, alguns dos que ocupam esse espaço o valorizam justamente por sua proximidade do centro da cidade, facilidade de acesso e pela proximidade com os barracões das “grandes escolas” da Cidade do Samba e da Zona Portuária. Interessante notar que aqui há um fechamento do “circuito do Acadêmicos do Dendê”, entendido como um referencial cultural que só faz sentido para o grupo que nele circula (Magnani & Torres, 1996).

Partindo da quadra localizada esta sim, no “pedaço” do Dendê, os seus componentes comumente percorriam as quadras das escolas insulanas. Aqui retomamos as noções de “pedaço” enquanto “referência espacial com presença regular dos membros de um grupo e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (Magnani, 2002, p. 20); e a categoria “circuito” como a que “descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (Magnani, 2002, p. 23).

Temos, então, como integrantes do “circuito das pequenas escolas” como o Dendê. Partindo da quadra da escola passamos aos barracões da Cidade do Samba e das escolas insulanas, localizados na região da Gambôa, importantíssimos no processo de relacionamento e troca com as grandes escolas; o sambódromo valorizado como espaço do “grande desfile”, para onde todas as atenções são direcionadas e os ensaios técnicos das grandes escolas movimentam a rede de relações sociais, além da pista de desfile da Estrada Intendente Magalhães, onde todo o processo desemboca. Um mapa desse circuito pode ser apresentado da seguinte forma:

Mapa do “circuito”do Acadêmicos do Dendê



Poucas obras de adaptação foram feitas pelas escolas no Carandiru 1. Quando elas se instalaram, o máximo que fizeram foi dividir o grande galpão, que anteriormente serviu como oficina de trens da RFFSA, com tapumes demarcando de forma simples o espaço destinado a cada agremiação. De frente para o setor de desembarque da Rodoviária Novo Rio fica um prédio onde funcionava a administração dessa oficina de trens. Atualmente, esse prédio é uma espécie de recepção não-oficial do conjunto de barracões. Nele, além dos trabalhadores se reunirem nos intervalos do expediente de um dia de trabalho, funciona uma espécie de ponto de encontro dos visitantes. Por ser um espaço coberto e protegido das intempéries climáticas, camelôs das redondezas guardam ali os seus carrinhos, e cachorros e gatos descansam em grande número. Nessa entrada sem iluminação alguma, há uma escada que dá acesso a outros dois andares do prédio. No primeiro andar, algumas das salas foram ocupadas pelas escolas de samba e ali funcionam alguns ateliês de costura e adereços. Só tive a oportunidade de visitar um desses espaços: a sala da Unidos de Lucas. Havia outras salas utilizadas, mas não tive oportunidade de visitá-las.

A escuridão dos corredores e o forte cheiro de mofo, além das paredes completamente sujas, não favoreciam a curiosidade de quem subia até ali. Parece haver,

inclusive, certa evitação dos próprios membros das escolas em relação a esse local, que só conheci no período bem próximo ao carnaval de 2009 e acompanhado por dois diretores da Unidos de Lucas.



Área externa da entrada do Carandiru

Logo a seguir, espremido entre o prédio e o início do antigo galpão da oficina dos trens fica o “Cantinho da Curicica”, uma espécie de cantina ou refeitório improvisado. Ali são servidas refeições aos funcionários dos barracões, no estilo “prato-feito”. Porções generosas de um cardápio que inclui arroz e feijão diariamente, como acompanhamentos de duas opções de prato principal a cada dia. Essas opções variam, geralmente, de dobradinha, bife de panela ou macarrão. As refeições custam cinco reais, tendo direito a um copo de guaraná ou suco. Apesar do diretor do Dendê ter me acompanhado a um almoço neste local, ele parece ser freqüentado principalmente pelos trabalhadores dos barracões. Segundo relatos do membro do Dendê, visitantes costumam almoçar na rodoviária ou no restaurante à quilo que fica entre o Carandiru e a quadra da Vizinha Faladeira, localizada na mesma rua do carandiru, a alguns metros de distância.



Entrada e interior do restaurante do Carandiru

O grande galpão, com um pé direito de aproximadamente 20 metros e protegido por telhas de zinco, por sua vez, é dividido em espaços menores entre seis pequenas escolas das 3ª e 4ª divisões do carnaval carioca. Uma grande parte do terreno em volta é descoberta e nesse espaço a céu aberto predominam grandes quantidades de lixo oriundo de materiais inutilizados e dos restos de alegorias abandonadas. Como veremos, esse lixo é “reciclável”, pois boa parte do material ainda é reaproveitado pelas escolas na produção do carnaval.

No grande galpão, onde estão a maior parte das escolas de samba, um comprido corredor central de circulação é formado pelos tapumes de madeira que delimitam os espaços ocupados pelos diferentes barracões. Alguns desses tapumes são pintados ou decorados, de modo a identificar as agremiações a que pertencem, como é o caso da Curicica, da Renascer e da Unidos de Padre Miguel. As escolas que decoram a entrada do barracão com as cores da agremiação e o seu nome são os maiores. Vez por outra, uma escola menor também arruma e decora sua fachada, mas são casos mais raros. Além de marcar o espaço, a apreciação simbólica por parte dos componentes das escolas tem outra razão de ser:

“Tem que arrumar pra ficar bonitinho né, O pessoal logo vê onde fica o barracão. Além disso, somos uma escola organizada. Quem vê a fachada do barracão já percebe isso.” (componente de uma das escolas no Carandiru – 08/10/2008)



Barracões da Renascer de Jacarepaguá e União do Parque Curicica.

As escolas maiores movimentam muito o espaço. Quanto mais o dia de desfiles se aproxima, maior é a movimentação de carros e de caminhões que se dirigem especialmente para os barracões da União do Parque Curicica, Unidos de Padre Miguel e Renascer de Jacarepaguá.

Na ocasião da ocupação em 2004, o assunto repercutiu com alguma relevância na mídia, já que o governo resistia em ceder esta área às escolas. Para tanto, contou muito a influência de alguns dirigentes, como foi o caso do presidente Zezinho Orelha, antigo policial ferroviário e conhecedor do terreno. Quando ia a programas de rádio reivindicar sua permanência, ele geralmente tratava do terreno em questão pelo apelido de “Carandiru”, que acabou se difundindo entre as pessoas envolvidas com a produção do carnaval, o “mundo do samba”.

Essa idéia de um mundo do samba inspira-se na idéia do mundo das artes formulada por Becker em seu famoso “*Art World*” (1982), segundo o autor, as chamadas redes de cooperação se subdividiriam em diversos mundos sociais. No Carandiru, vemos em atividade um mundo social diferente daquele que engloba as escolas do Grupo Especial. Talvez se aplique aqui o modelo dos subcírculos, proposto por Becker, formados no mundo das artes que incorpora elementos e personagens exclusivos definindo um grau de especialização ainda maior do que a daqueles que simplesmente produzem o carnaval (BECKER:1982). Por outro lado, não há aqui uma profissionalização tão explícita quanto no Grupo Especial. Muitas escolas ainda contam

com a doação de outras “co-irmãs” e de seus próprios adeptos, ainda que, de fato, nesses grupos os adeptos que possam vir a tornar-se doadores sejam poucos.

O Dendê fornece um bom estudo de caso sobre a importância desse tipo de relação entre as escolas – aquele em que uma escola depende da doação e colaboração de “co-irmãs”, para a realização de seu carnaval. A importância desse relacionamento se revela na análise da trajetória de ocupação dos barracões por onde a escola preparou seus carnavais. O presidente Macalé contou-me em entrevista um pouco do que foi essa trajetória até a chegada do Dendê ao Carandiru:

“Tínhamos subido pro grupo C (carnaval de 2006) e estávamos no barracão da União da Ilha. Só que a União precisou do espaço. Eu conhecia o Setenta, nosso ferreiro, que me indicou pra conversar com o Zézinho Orelha. E eles me jogaram aqui pro Carandiru. Primeiro eu ficava em um espacinho no canto, cheio d’água e depois botaram a gente aqui nesse espaço especial.” (Macalé, presidente do Dendê – 30/10/2008)

O espaço tão valorizado pelo Presidente Macalé é um galpão anexo que fica separado do grande galpão que abriga as demais escolas. Apesar de bem menor, essa separação o torna bastante valorizado, pois a maioria das escolas menores divide seus barracões com alguma outra escola em um galpão maior.



Barracão do Dendê



Demais barracões do Carandiru

Como indicou Macalé, antes de chegar ao Carandiru, o Dendê já ocupava um espaço descoberto ao lado do barracão da União da Ilha do Governador e da Tradição, no acesso à Linha Vermelha na zona da estação ferroviária Leopoldina. O espaço, além

de acanhado, era descoberto, o que causava sérios transtornos para a escola. Até 1994 a escola fazia suas alegorias dentro da quadra. Logo depois, no período entre 1995 e 1998, passou a ocupar um galpão dentro da favela Kelsons, em Ramos. Quando a escola desceu a ponto de ficar um ano licenciada, esse trabalho foi transferido para o espaço contíguo ao barracão da União da Ilha. O presidente Macalé, apesar de ter sido obrigado a se transferir para o Carandiru pela União da Ilha, que retomou o espaço anteriormente cedido, demonstra bastante gratidão com relação à “co-irmã” do bairro:

“A Vila Isabel era madrinha na época que o Dendê era bloco, mas nunca ajudou em nada apesar de ser madrinha até hoje. Ela veio só continuar depois que viramos escola.(...) Meu pai foi mestre-sala, meu pai saiu em um monte de escola. Meu pai falava em Vila e Capela ele chorava. Então ele tinha esse carinho pela Vila. Como ele foi um dos fundadores do bloco ai ele chamou a Vila pra batizar. Ai a Vila foi lá no pé-no-chão, no barro e batizou a escola e isso foi em 72 ou 73(...) meu pai era vivo ainda quando passou de bloco para escola. Ai lembrou que era a Vila a madrinha. Meu pai foi lá na Vila de novo e tá nisso.(...) Mas olha rapaz, sem brincadeira, quem ajuda e já ajudou muito o Dendê, sem brincadeira, a União já ajudou muito.”

A União da ilha não ajudou apenas no momento de transferência de espaço da escola. Como já citado, o carnaval do ano de 2007, quando o Dendê foi a vice-campeã da 4ª divisão, foi praticamente todo ele construído com materiais re-aproveitados da União da Ilha. No carnaval de 2006, a União havia desfilado com um enredo sobre São João Del Rey. Os anjos e elementos barrocos foram abundantes nos carros. Ainda no carnaval de 2006, Luana Tallie era uma das diretoras da União da Ilha do Governador, seu cargo era de comando das alas da comunidade da escola. No carnaval de 2007, o tio de Luana, Paulinho, assumiu a direção do barracão da União da Ilha e Luana foi promovida à direção de carnaval, tornando-se uma das articuladoras da ajuda, com a doação de materiais para o desfile do Dendê. Entusiasmada com o carnaval da escola, ela ainda desfilou no Dendê em 2007 e vários componentes da União da Ilha a acompanharam. É verdade que boa parte das pessoas que desfilam no Dendê também desfilam na União da Ilha. Porém, nesse ano de 2007, a novidade estava na expansão da

rede social da escola, que contou com componentes da União da Ilha que nunca haviam desfilado antes pelo Dendê.

Além do caso já citado, envolvendo o Acadêmicos do Dendê e a União da Ilha, observei outras relações do mesmo tipo envolvendo o Dendê e a Unidos de Padre Miguel. Muito dessa relação é levada a cabo por alguns dos componentes das escolas em suas relações pessoais trançadas no mundo do carnaval, cada um deles se torna um potencial centro de articulação e de mediação ao conectar-se com diferentes escolas. A proximidade dos barracões da Acadêmicos do Dendê e da Unidos de Padre Miguel estreitou ainda mais esses laços de colaboração. No carnaval de 2009, o diretor de barracão do Acadêmicos do Dendê, Fabiano, tinha relação muito próxima com o carnavalesco da Unidos de Padre Miguel, Guilherme Alexandre. O bom relacionamento entre os dois remontava ao período em que Fabiano trabalhou como diretor do Boi da Ilha e Guilherme era também carnavalesco.

Assim, durante a preparação do carnaval de 2009, a Unidos de Padre Miguel cedeu algumas esculturas excedentes, não utilizadas nos seus tripés que viriam antes do abre-alas da escola. Antes mesmo da chegada da Unidos de Padre Miguel ao Carandiru em 2008, as relações entre as duas escolas já eram cordiais, com a troca e cessão de esculturas em anos anteriores. Com a chegada da Unidos ao espaço do Carandiru já praticamente acertada, o Dendê inclusive utilizou, até pouco antes da chegada da escola ao local, uma parte do espaço para guardar um chassi adquirido por seus patrocinadores junto a uma outra escola, a Porto da Pedra. Como essas relações cordiais remontavam a um período anterior à chegada de Fabiano no Dendê, podemos ver que o carnavalesco Guilherme Alexandre foi o elemento chave para o estabelecimento do relacionamento de troca entre a Unidos e o Dendê.

Não podemos esquecer também das relações encetadas através da mediação dos patrocinadores, que foram muito abrangentes no caso do Dendê na preparação do carnaval de 2009. Para tanto, vamos analisar aspectos importantes da criação das alegorias no barracão do Acadêmicos do Dendê.

3.2.1. Por onde passam os conflitos: o barracão em movimento

Meu primeiro contato com o barracão do Dendê na preparação para o carnaval 2009 foi em 12 de outubro de 2008. Na ocasião, combinei com o então presidente Macalé de acompanhar o processo de manobra do já mencionado chassi, adquirido pela escola junto a Unidos do Porto da Pedra e que seria o abre-alas do Dendê naquele ano. Como já vimos, esse chassi foi fruto de uma negociação direta do patrocinador, no caso a rádio Manchete, por meio do radialista Jorge com o presidente da Unidos do Porto da Pedra. Curioso notar que, já nessa época, as relações entre os dirigentes do Dendê o patrocinador encontravam-se desgastadas. Um dos motivos, segundo os dirigentes do Dendê, era o fato da ajuda do patrocinador vir condicionada a interferências diretas no processo de construção do carnaval sem participação financeira nos gastos. Por outro lado, o patrocinador retrucava dizendo que a ajuda financeira era revertida materialmente e que, caso houvesse interesse, os dirigentes do Dendê deveriam mandar a “nota fiscal” comprovando os gastos do pedido.

O confronto velado logo se converteu em confusão, quando pouco depois da minha visita, dirigentes do Dendê foram até a Rádio Manchete cobrar no ar “maior presença financeira e menor interferência diretiva” dos dois articuladores e idealizadores do enredo: Jorge e Antônio. O encontro resultou em uma discussão que começou no ar e terminou fora do ar com a agressão entre Antônio e o vice-presidente do Dendê, Tuninho. Antes mesmo das relações se encerrarem, boa parte do material de ateliê do Dendê foi cedido através de relações dos patrocinadores, que também conseguiram o chassi que veio da Porto da Pedra para a escola. Um dos motivos do desgaste dessa relação foi a cessão desses materiais. A ala das baianas no carnaval de 2009 do Dendê, por exemplo, seria reaproveitada do desfile do ano anterior da Porto da Pedra. Apesar do porte grandioso da doação, os dirigentes do Dendê não se conformavam com ela, pois, segundo eles, esse material “não tinha nada a ver com o enredo”.



Chassi que o Acadêmicos do Dendê recebeu dos patrocinadores

No dia da manobra dos carros, estavam presentes Macalé, o diretor de harmonia Nem, o ritmista Chuab, a diretora do departamento feminino Vivian e o diretor de harmonia Carlos. Diante deste quadro não havia como não ajudar e eu acabei participando da rápida limpeza do barracão e empurrando os carros. Começamos às 18 horas e terminamos apenas às 21 horas. O barracão é um espaço interessante para analisarmos a presença de certos traços característicos do discurso dos sambistas. Retomando o tema do conceito de “comunidade”, que apareceu no segundo capítulo, percebemos agora um aspecto importante da composição dessa noção outra vez presente na fala de um dos participantes:

“Pode reparar que aqui é todo mundo Dendê de verdade(...) O Macalé ama o Dendê mesmo por isso tá sempre aqui botando a mão na massa. Ele é um exemplo pra quem gosta mesmo do Dendê. Mesmo na harmonia sempre que posso venho aqui ajudar” (Nem, diretor de harmonia do Dendê – 30/10/2008)

“Eu gosto de vir aqui e trabalhar pra ver como está a minha escola. Essa é a minha escola de verdade.(...) Tem que amar muito para carregar esse peso todo, mas eu só faço isso pelo Dendê, pela União e pelo Boi. Já fui até no barracão da Tijuca buscar escultura para levar pra Ilha.”(Chuab, ritmista do Dendê – 30/10/2008)

O barracão é o espaço do trabalho, do esforço e da “demonstração de amor à escola”. Quem vai ao barracão não se satisfaz com suas funções regulares e quer dedicar um pouco mais à sua escola de coração. Assim o barracão coloca a prova o amor pela escola, ao passo que a quadra recebe os visitantes de ocasião. No barracão somente os que mais se dedicam aparecem oferecendo mais do que o componente tem a “obrigação” de dar para a escola – participar de seu desfile e de seus ensaios.



Macalé e Chuab limpam o barracão

Interessante notar que a declaração de Chuab revela o compartilhamento de seu esforço e dedicação entre as três escolas da Ilha do Governador e reforça o múltiplo pertencimento ao qual chamamos atenção no capítulo 2. Fica clara ainda a importância do presidente Macalé, como uma referência para os componentes do Dendê. Na maior parte das vezes, é ele o articulador central dos rumos que a escola toma.

Os conflitos em geral são também solucionados direta ou indiretamente pela mediação de Macalé. Um exemplo é o respeito que os funcionários do barracão têm por ele. O ferreiro Setenta, logo em seu primeiro contato comigo, deixou isso bem claro. Arredio ele não se mostrou muito simpático diante da idéia de conceder-me uma entrevista. Só aceitou após conversarmos sobre a figura de Macalé. Neste dia em que conheci Setenta, eu aguardava a chegada do Fabiano no Carandiru. Fabiano, naquela

altura (já passávamos de meados de Novembro), já tinha assumido o cargo de diretor de barracão do Dendê.

Simultaneamente, as relações com o carnavalesco Paulo Brasil encontravam-se desgastadas. Paulo desenvolvia o carnaval da escola a convite dos patrocinadores, mas naquele momento encontrava-se ausente tanto do barracão quanto do ateliê, pois dividia a função de carnavalesco do Dendê com a de figurinista da Portela. Com a saída dos patrocinadores, o Dendê tinha dificuldades para pagar profissionais, como era o caso do carnavalesco, bem como para comprar materiais para iniciar o trabalho no barracão. Era essa uma das reclamações do Setenta, personagem que vale a pena aqui descrever brevemente.

Como vimos, o trabalho no barracão começa com a desmontagem da estrutura de adereços e madeira do carnaval anterior. Essa etapa do trabalho já havia sido toda realizada pelo diretor de barracão, Fabiano, e por Macalé. A próxima etapa seria a construção da estrutura de ferro que sustenta a cobertura de madeira em cada um dos carros. A ferragem estava prevista para começar em novembro, mas só começaria de fato em dezembro de 2009, graças ao atraso na compra do material. Setenta, entretanto, elogiava o Macalé, a quem atribuía o seu prazer de sempre trabalhar para o Dendê. Setenta é um nome reconhecido e prestigiado e que inspira muito respeito quando as escolas querem contar com um profissional para a preparação da parte estrutural da ferragem dos carros.

O processo de ferragem é a primeira e mais demorada etapa do processo de construção das alegorias, terminando apenas quando falta pouco mais de um mês para a realização dos desfiles (Cavalcanti, 2006). Com passagens por Império Serrano, União da Ilha e Cubango, já fazia três anos que Setenta trabalhava também com o Dendê, onde havia sido contratado pelo presidente Macalé, na época diretor de carnaval. No carnaval 2009, além do Dendê, no Carandiru Setenta trabalhou com a Unidos de Padre Miguel:

“Esse ano estou mais devagar. É muita violência. Antigamente eu ficava até tarde na rua sem problema, hoje tenho medo. Além disso, a doença não me deixa mais exagerar.”(Setenta, ferreiro do Dendê – 11/12/2008)

Tornou-se conhecido como compositor da Caprichosos de Pilares, onde ganhou o concurso de samba-enredo de 1987. Antes mesmo já compunha e foi até mesmo

parceiro do Martinho na Unidos de Vila Isabel e em “sambas de meio de ano⁹¹”. Naquela época trabalhava como serralheiro e quando conheceu o barracão da Unidos de Vila Isabel entrou para a equipe de ferragem, segundo o mesmo “há uns 40 anos atrás”. Orgulha-se de ser “um dos mais antigos na função”. Hoje comanda uma equipe de dez pessoas na Unidos de Padre Miguel. No Dendê revezavam-se dois funcionários sob seu olhar atento, que pode ajudar pouco devido a um derrame que sofreu recentemente.

“Só estou aqui hoje em consideração ao Macalé porque não pode atrasar um trabalho fácil desses. Se eu já tivesse o material não levava nem vinte dias pra terminar isso aqui. Agora eu vou ter que dar meu jeito, vou catar ferro naquele lixo ali do lado e tentar fazer o possível, mas sem os tubos minha equipe fica parada.” (Setenta, ferreiro do Dendê – 11/12/2008)

Um mês depois, a montagem da estrutura de ferro já teria se encerrado, não sem antes parar outras vezes por falta de material. A solução do reaproveitamento seria bastante útil, mas não o suficiente para suprir todas as necessidades no processo de preparação. A tensão que se instalou no caso da compra de material para início do processo de preparação da ferragem seria apenas mais uma dentre as tantas que se seguiram no processo de construção dos carros.

⁹¹ Como os compositores das escolas de samba se referem às músicas que não tem relação com os desfiles.

3.2.1.2. O Dendê com novo carnavalesco: os diversos responsáveis pelo carnaval



Croqui do abre-alas do Acadêmicos do Dendê

A saída do carnavalesco Paulo Brasil do Dendê foi oficializada em janeiro, porém antes, com a desgastada relação com os patrocinadores ele já aparecia muito pouco no barracão. Com sua saída quem liderou o trabalho foi um de seus auxiliares, o antigo carnavalesco Luiz Cavalcanti. Já em dezembro, porém, era o diretor de barracão Fabiano quem idealizava soluções e expunha um planejamento dos materiais que usaria na produção dos carros alegóricos.

Temos aqui o retorno do conflito, presente na maioria das redes de produção artísticas, como indicado por Howard Becker (1977). Enquanto o carnavalesco era o responsável pela articulação dessas redes, planejando e estruturando artisticamente essa produção, suas “redes de cooperação” travavam uma batalha pela apropriação da produção artística (Becker, 1977, p. 205).

Já no início da produção das alegorias, quem me apresentou um projeto do carro abre-alas foi o Fabiano. Não era ainda uma planta, mas um simples croqui apresentado constantemente por ele como o projeto do carro. A partir daquele desenho toda a

estrutura de madeira e ferragens do carro pode ser pensada. Ao descrevê-lo Fabiano detalhava cada engrenagem que moveria até mesmo um enorme pandeiro na parte frontal que giraria com o símbolo do Dendê ao centro. Ele apresentou-me mais de uma vez essas idéias, como fruto de sua experiência e imaginação, atribuindo ao carnavalesco apenas a idéia inicial. Por questões estruturais e financeiras, as adaptações teriam que ser feitas e neste momento entravam em ação as redes de cooperação, criando novos meios e trabalhando com os limites das convenções tal qual descritos por Becker(1977, 209.). Minha pesquisa foi prejudicada pelo pouco contato que tive com o carnavalesco durante todo o período em que presenciei os eventos na quadra e acompanhei o trabalho de preparação das alegorias no barracão. É, no entanto, notória a contrariedade do topo dessas redes de produção, sendo este topo aqui tomado como o carnavalesco, no sentido de dividir a autoria do trabalho com um conjunto de pessoas.

Como principal fator que justifica a quebra de convenções e estimula a expansão das redes de relações sociais, temos as restrições e limitações orçamentárias, que caracterizam a experiência das escolas dos grupos inferiores. No caso do Acadêmicos do Dendê, a produção das alegorias é toda limitada por esses fatores. O chassi que sustentaria a produção do carro abre-alas foi negociado através das relações dos patrocinadores com os dirigentes da Unidos do Porto da Pedra, de onde vieram também as fantasias “base” da ala das baianas.

O reaproveitamento de materiais de outros carnavais das escolas maiores torna-se evidente, no entanto, quando se trata de esculturas. O planejamento do carro abre-alas, apresentado a mim por Fabiano, incluía esculturas que já haviam sido negociadas com a Portela pelo antigo carnavalesco. O rompimento entre a escola e ele levou o Dendê a buscar alternativas, e a saída foi a compra de esculturas da Unidos de Padre Miguel.

Boa parte da movimentação nos barracões das escolas do Carandiru advém dessa intensa movimentação de trocas e negociações de esculturas, que muitas das vezes vão muito além dos limites da cidade. Em uma das ocasiões pude presenciar a visita de Jorginho Katispero, o presidente da escola de samba de Unidos de Aquário, de Cabo Frio, ao barracão do Dendê, negociando a compra de esculturas. . Ele chegou acompanhado de Cadinho da Ilha, já apresentado aqui como intérprete do Boi da ilha e

compositor do Boi da Ilha e do Dendê. Podemos perceber, com essa situação, que a função de mediação e articulação de relações nas escolas de samba vai muito além do carnavalesco ou do presidente, pois Cadinho era também intérprete da escola de Cabo Frio e tornou-se uma espécie de embaixador de Jorginho Katispero e as escolas insulanas. da mesma forma que Fabiano significava a ligação com a Unidos de Padre Miguel por conta de sua constante ligação com os carnavalescos da escola.

O carnaval do Dendê se construiu inclusive com infortúnios, como o caso de um suposto roubo de esculturas de uma escola vizinha no Carandiru. Segundo um dos funcionários do barracão do Dendê não havia sido a primeira vez que isso acontecia:

“Aqui tem que ficar ligado que não tem bobo.(...) então ontem eu tava aqui trabalhando nesse carro e ouvi um barulho ali nos fundos, tinha um caminhão e eles disseram que estavam levando as esculturas que compraram da(...)” (Funcionário do barracão do Dendê – 13/01/2009)

A negociação para solucionar o conflito envolveu a troca de algumas esculturas no lugar das que foram levadas do barracão do Dendê pela escola vizinha.



Família de Fabiano trabalha no barracão

A fase de decoração dos carros iniciou-se em meados de janeiro e, nesta fase, a presença do presidente Macalé no barracão era constante. Ao lado dele, trabalhavam

Fabiano, a irmã e o pai de Fabiano. O trabalho compartilhado era fruto da paixão da família pelo carnaval:

“Sempre gostei de samba. Esse ano vou desfilar de composição no abre-alas do Dendê e desfile no Porto da Pedra e na Unidos de Padre Miguel. Ainda não tenho certeza mas vou desfilar no Boi da Ilha também. Gostando fica mais fácil trabalhar aqui e enfrentar todos os sacrifícios no barracão.” (pai de Fabiano, diretor do Dendê– 27/01/2009)

Enquanto a família de Fabiano abria mão de suas noites de sono para trabalhar no carnaval do Dendê até um dia antes do desfile, o trabalho no ateliê de fantasias estava praticamente encerrado.

3.2.2. Os ateliês do Dendê: o da “comunidade” e o de “Dona Marli”

Entre as escolas menores a produção das alas se articula de maneira bem diferente do que a das grandes escolas. Enquanto nas escolas da 1ª divisão o trabalho de produção das fantasias é descentralizado, no caso do Dendê, e de outras escolas do mesmo porte, a produção é totalmente centralizada.

O momento de produção das fantasias e de articulação dos grupos que desfilam em alas do Grupo Especial, a 1ª divisão do carnaval das escolas de samba, é marcante do ponto de vista da expansão das redes de relações sociais de uma escola na cidade.

“As alas descentralizam radicalmente a organização do carnaval e a espalham por diferentes bairros da cidade mesmo por diferentes cidades do país, sem falar dos estrangeiros que podem nela desfilar. Cada ala tem um nome permanente (...). O nome próprio da ala atravessa os diferentes carnavais vividos por ela, e assinala a autonomia e a permanência de sua rede de sociabilidade” (Cavalcanti, 2006, pp. 207-208).

No caso do Dendê, a produção de todas as fantasias, bem como a distribuição e a mobilização de todas as alas, gira em torno das figuras que ocupam os cargos de direção na escola. O principal articulador dos desfilantes, junto aos moradores do Morro do Dendê, era assim o Presidente Macalé. Quando

se tratava de mobilizar desfilantes de outros bairros da Ilha do Governador, o mesmo Macalé dividia esta tarefa com o vice-presidente, Tuninho.

A produção das fantasias começou bem antes das alegorias e sua mobilização havia se iniciado no dia do lançamento do enredo da escola, na Associação Atlética Portuguesa, no bairro da Portuguesa. Para a ocasião do lançamento dos croquis dos figurinos foi escolhido o salão nobre desse que é um dos mais importantes clubes da Ilha do Governador. Ainda neste período, os patrocinadores e dirigentes da escola tinham um discurso em comum e compartilhavam dos mesmos objetivos. A festa envolveu um grande número de pessoas e inclusive dirigentes de outras escolas, como o presidente do Boi da Ilha e o diretor de carnaval da Unidos do Porto da Pedra, que compareceram ao lançamento dos figurinos.



Lançamento do enredo e croquis das fantasias para o carnaval 2009

Alguns dias após esse evento, o ateliê já estava funcionando. O ateliê principal de produção de fantasias do Acadêmicos do Dendê localizava-se na residência de Dona Marli, bem próximo do Carandiru, no pé do Morro da Providência, no Centro do Rio de Janeiro. Olhando de longe era impossível dizer em qual casa localizava-se o ateliê de Dona Marli. Ao entrar na sua casa era possível perceber que o carnaval ali começava bem cedo. Já em outubro, durante minha primeira visita, ao lado do presidente Macalé, passei pela entrada da casa, onde armações de arame ocupavam a maior parte do espaço da pequena varanda no térreo. Subindo as escadas e chegando na casa de Dona Marli, quatro pessoas trabalhavam na laje, em uma mini oficina, com balcões e máquinas em atividade, que preparavam as fantasias das alas.

Antes passamos por sua sala, toda ocupada por pedaços de fantasias. Todo o processo de produção de fantasias ficava por conta de Dona Marli que, segundo Macalé, era “de absoluta confiança para a escola”. Foi ela quem me explicou o processo de confecção::

“Primeiro o carnavalesco passa pra gente o figurino, ai o ateliê faz a modelagem das roupas. Depois da modelagem vem o corte, depois do corte vem a costura e depois vem o adereço(...) A bateria por exemplo está nesse momento no processo de adereço, já está terminado.” (Dona Marli, chefe do ateliê do Dendê – 9/10/2008)

O número de fantasias variava de acordo com o tipo da ala. A mais numerosa era a da bateria, com cento e vinte reproduções. Segundo Dona Marli, a prioridade eram as alas com maior número de componentes. Logo após a bateria, seriam produzidas as fantasias das alas das baianas, das crianças e as demais alas. A bateria era também a mais trabalhosa para confecção no ateliê. Ao mesmo tempo, Dona Marli prestava serviço para outras escolas e alas, inclusive escolas que, naquele ano, concorriam com o Dendê, na 4ª divisão. Ela, no entanto, conseguia dar conta de todos os compromissos, pois em outubro o ateliê já tinha concluído todas as fantasias, quase um mês antes da finalização das alegorias.





Alguns dos momentos no processo de produção das fantasias no ateliê de Dona Marli

A confecção dessas alas ficava inteiramente por conta do ateliê. Pequenas alas e outras reproduções de fantasias em determinados momentos seriam enviadas a uma pequena força-tarefa, montada na quadra da escola na Ilha do Governador nas semanas que antecederam o carnaval. Geralmente, essa produção prossegue durante os eventos e ensaios da escola, onde muitos dos componentes presentes contribuem para a confecção das fantasias.

3.3. O desfile

Superadas as etapas de preparação, é hora de pensar na performance da escola na avenida, o desfile propriamente dito. Com todo o ciclo ritual de um ano voltado para este grande momento, a expectativa no Acadêmicos do Dendê era a de superar a oitava colocação no Grupo de Acesso C, a 4ª divisão, obtida no ano anterior. E veremos como o desenrolar da apresentação do Dendê na Avenida Intendente Magalhães, em Campinho, seria o desenrolar de um novo drama. Este é o drama principal, para onde convergiram todas as situações sociais marcantes no processo de preparação.

O que marca o espetáculo performático das escolas de samba é o viés competitivo que norteia a apresentação processional. Todas se preparam pensando em seu desempenho nos “quesitos” de julgamento. Este fato determina as apresentações, e cada um desses quesitos articula desse modo “dramas” compartimentados. Além dos quesitos, a chegada ao local do desfile e a “concentração”, ou seja, a preparação da escola nos momentos imediatamente anteriores ao desfile e a sua “dispersão”, quando os componentes vão ultrapassando a linha oficial que demarca o final do desfile, seriam,

naquele ano, situações sociais marcantes e ilustrativas das redes encetadas durante a preparação do carnaval.

Para um desempenho considerado satisfatório entre os sambistas é necessário, antes de tudo, que os componentes estejam bem ensaiados. No Dendê, foram poucos os ensaios realizados naquele ano, mas todos teriam sido muito bons na avaliação dos dirigentes. Como consequência de sua quadra ser descoberta, os ensaios eram realizados apenas nas sextas em que não houvesse chuva. O ano de 2008 infelizmente havia sido bastante chuvoso, especialmente nos finais de semana:

“Temos esse problema da chuva esse ano. O concurso quase não andou e não ensaiamos o samba todas as vezes que queríamos. É um samba fácil, acho que vamos nos sair bem, mas a chuva atrapalhou”
(Tuninho, vice-presidente do Dendê – 31/01/2009)

“A primeira coisa que farei quando subir é cobrir a quadra. Depois dá pra recuperar todo o dinheiro investido com shows e arrecadação na quadra. A chuva atrapalha até os ensaios com a quadra descoberta.” (Macalé, presidente do Dendê – 26/01/2009)

Além dos problemas em relação aos ensaios, o Dendê, na última hora, ainda deparou-se com o problema da locomoção dos componentes da escola, pois faltavam recursos para o aluguel de ônibus que os levasse da Ilha do Governador para a pista de desfiles, em Campinho. Já sem patrocinadores e com a ajuda de alguns poucos comerciantes, investida nas fantasias e nas alegorias da escola, os dirigentes se viram então, quando faltavam algumas semanas para o desfile, obrigados a recorrer a União da Ilha. Como os dirigentes da União da Ilha eram aqueles mesmos que haviam vencido a chapa que fora apoiada pelos dirigentes do Dendê, a ajuda foi negada. Assim, foi mesmo o vice-presidente, Tuninho, quem financiou o aluguel dos ônibus para o transporte dos componentes. Outros pequenos detalhes do desfile foram resolvidos pela iniciativa do presidente Macalé, junto a empresários e a componentes que participavam da escola: um dos compositores, por exemplo, pagou os empurradores das alegorias.

A chegada das alegorias para o desfile também foi problemática. Durante o trajeto entre o Carandiru e a Intendente Magalhães, dois carros foram danificados, em um deles, a estrutura dos eixos e, no outro, uma das esculturas. Um dos componentes já

havia me explicado que o transporte das alegorias era um dos momentos de grande tensão:

“Tem que levar com todo cuidado. Normalmente vamos com três ou quatro carros no comboio. Cada carro vai à frente do reboque com os carros alegóricos. Tem que ir devagar para não quebrar os carros. Passamos por muitas áreas de risco então temos muito cuidado também. Sem falar na saída do Carandiru que é muito difícil.” (componente do Dendê – 13/01/2009)

Chegando à Intendente Magalhães, as alegorias eram vigiadas por componentes da escola. Muitas das esculturas foram encaixadas na concentração e esse trabalho começou assim que elas chegam a Campinho.

3.3.1. A concentração

Nos desfiles da Intendente Magalhães, a concentração acontece, como vimos, no entroncamento da Intendente Magalhães com a Rua Domingues Lopes. A grande preocupação nesse momento é preservar os carros de possíveis atos de sabotagem, apesar de nunca eu ter presenciado ou ter sido informado de algum. Uma outra preocupação é com o trânsito da Rua Domingues Lopes, que não é fechado durante os dias de desfiles. Assim, toda a movimentação da concentração acontece junto com o movimento do trânsito da via. Ali, os últimos detalhes dos carros são preparados, como o encaixe das esculturas desmontáveis das alegorias que são retiradas para sua preservação durante o trajeto entre o barracão e o local de desfiles.

Conforme o momento do desfile se aproxima, a tensão aumenta e, com ela, a circulação de pessoas próximas aos carros alegóricos. A fixação das esculturas e a conclusão de seu acabamento são os referenciais simbólicos da aproximação do momento em que a escola desfilará. Uma parte dos componentes aguarda sua chegada nas barraquinhas próximas da Praça onde a escola começará a “armação”.

A “armação” é a última etapa da concentração para o desfile. No momento da armação, os diretores de harmonia orientam os componentes a ocuparem, cada um, o seu respectivo lugar no desfile. Para iniciar o desfile cruzando a faixa que marca o seu

início; cada escola deve preparar-se enquanto a escola anterior desfila, antes que ela cruze a faixa do fim de desfile. Enquanto os últimos componentes ocupam seus lugares, a bateria se posiciona na rua perpendicular à estrada Intendente Magalhães, ao lado da praça. Após autorização da coordenação de desfiles da AESCRJ, inicia o chamado “esquenta”. Durante o “esquenta”, a bateria executa os movimentos rítmicos que apresentará em sua evolução ainda sem o samba, com o objetivo de preparar os ritmistas e componentes da escola para o desfile. Depois da breve apresentação da bateria ainda no “recuo”, os cantores iniciam uma rápida passagem de som que inclui a execução de um samba antigo da escola ou o chamado “samba exaltação⁹²”, a opção do Dendê, em 2009, foi o último citado, com o seguinte samba:

“Dendê, amor, razão, paixão

Coisas do meu coração

Não é morro, montanha, nem colina, não

Uma cidade pro alto

Que a luz de Deus ilumina

Minha Oração, minha prece

Minha vida, meu clima, meu prazer

Por que mudar daqui, porque, pra quê?”

Geralmente o samba exaltação é repetido duas vezes, uma com a participação da bateria e outra apenas na voz dos cantores, com o acompanhamento do cavaquinho. Ele ajuda a aumentar a expectativa e conclama a participação dos componentes para o sucesso do desfile. Com o fim da execução do samba, na maior parte das vezes algum dirigente da escola faz um discurso lembrando a importância da participação satisfatória dos componentes, cantando o samba para o sucesso do desfile. No caso do Acadêmicos do Dendê, foi o presidente Macalé quem fez o seguinte discurso, antes do desfile:

“Alô minha comunidade quero muita dedicação de vocês hoje na avenida!

Quero muita garra! Quero muita luta! Quero vocês brincando o carnaval e

⁹² O samba exaltação geralmente evoca características simbólicas presentes em um acervo afetivo do componente. Em alguns casos refere-se à localidade ao qual a escola está ligada, em outros a desfiles marcantes, às cores da agremiação ou às grandes figuras da história da escola. Para mais informações sobre os sambas de exaltação ou de terreiro ver (Ericeira, 2009).

se divertindo. Eu quero que vocês saiam bem, porque vocês são Dendê e Dendê é garra, é luta, é fibra! Alô Dendê! Alô Dendê! Alô Dendê! Alô Dendê, alô meu compadre Tuninho, muito obrigado meu irmão pelo que você tá fazendo pela gente. Obrigado Tuninho, obrigado a quem ajudou a gente.”

Percebemos como a evocação do nome da escola serve para inflamar os componentes que, cada vez que o ouvem, respondem com gritos e aplausos. A terceira sirene da coordenação de desfiles da AESCRJ anuncia, então, que a escola já está autorizada a iniciar o seu desfile e o intérprete da escola dá seu grito de guerra, uma marca característica dele e da escola: é a senha para que os componentes comecem a cantar o samba acompanhando o carro de som composto pelo intérprete principal e por outros três cantores de apoio. Após cantar o samba de enredo oficial do desfile, uma vez somente, acompanhado do cavaquinho, um surdo e uma caixa de guerra, a bateria começa a tocar e a acompanhar o intérprete. A escola começa a “evoluir” na avenida e o desfile é iniciado.

3.3.2. Escola em desfile: a comissão de frente



O primeiro quesito a se apresentar no desfile é a comissão de frente. Segundo o manual do julgador⁹³ ela deve ser julgada segundo:

⁹³ Usarei o manual dos jurados do Grupo Especial como referência no julgamento de cada quesito na ausência de um manual específico aos jurados desse grupo.

“O cumprimento da função precípua de saudar o público e apresentar a Escola, sendo obrigatória a exibição em frente às cabines de julgamento deste Quesito; a coordenação, a sintonia e a criatividade de sua exibição, que será obrigatória em frente às cabines de julgamento deste Quesito, podendo evoluir da maneira que desejar; a indumentária da Comissão de Frente que poderá ser tradicional (fraques, casacas, summers, ternos, smokings etc, estilizados ou não) ou realizada de forma relacionada ao enredo, levando-se em conta, neste caso, sua adequação para o tipo de apresentação proposta.” (LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba)

Neste desfile de 2009 a comissão de frente do Dendê encontrou problemas para se organizar. Inicialmente, com o rompimento do carnavalesco com a escola, uma nova coreografia teve que ser ensaiada, pois o coreógrafo também mudou. Os problemas continuaram na concentração. Uma parte da roupa dos componentes não foi para o desfile e a fantasia não teve, portanto, o efeito esperado; a comissão apresentou-se apenas com malhas brancas e faixas de adereço decoradas com pompons. Se por um lado os componentes da comissão de frente comemoravam o sucesso de suas apresentações em frente aos jurados durante o desfile, lamentavam, por outro, o ocorrido com a roupa. O quesito em questão acabou recebendo nota 10 dos dois jurados E, apesar da tensão, o problema da fantasia não atrapalhou a apresentação satisfatória da comissão de frente.

3.3.3. Escola em desfile: Bateria



O grande problema enfrentado pela bateria do Dendê foi o mesmo já citado no processo de preparação da escola: a falta de ensaios. Um problema adicional foi a mudança do “mestre” que a comandaria. Aqui vemos um outro importante ponto de articulação da escola de samba com a cidade. A bateria de uma escola de samba é ponto interessante para tal análise, como comprovam os estudos de Neto (2002) e Kuijlaars (2009).

Segundo Antoinette Kuijlaars (op. cit) a participação em uma bateria de escola de samba requer tempo e disciplina, bem como o desenvolvimento de relações que auxiliam na difusão e reconhecimento de um prestígio social, mesmo fora da escola de samba. Nota-se ainda, entre os componentes da escola e os próprios ritmistas, um grau diferenciado de reconhecimento entre os mestres de bateria. Esse prestígio ou capital simbólico é muito importante para o mestre de bateria de uma pequena escola. Geralmente são iniciantes no ofício, porém, deles se espera mais do que habilidades musicais, a capacidade de mobilização e espírito de liderança.

A baixa adesão de componentes da bateria de uma pequena escola denota dificuldades do mestre no cumprimento desses requisitos. Sem um grupo coeso e de grande identificação com a escola, essa relação se complica ainda mais. Foi recorrente entre os componentes da bateria o reconhecimento do valor do Mestre Alan do Dendê em sua capacidade de congregar componentes e dirigi-los de forma coesa:

“O mestre Alan teve esse problema de indefinição, pois não sabiam se o mestre seria ele o Luiz Fernando ou o Rabicó, mas ele é bom. Teve o problema dos poucos ensaios também. (...) Isso não tem problema pois a maioria da bateria se conhece do Boi, da União e outras escolas.” (ritmista do Dendê – 31/01/2010)

Interessante também notar que a coesão do grupo foi obtida graças a presença dos mesmos ritmistas em outras escolas maiores, o que dispensaria sua presença em ensaios da Acadêmicos do Dendê, ainda que o Dendê preparasse “paradinhas” e “convenções” adequadas ao seu samba de enredo. O número reduzido de ritmistas presente nos ensaios só vem, portanto, comprovar a necessidade do desenvolvimento de uma boa rede de relações por parte do diretor de bateria. Quem ocupa essa função precisa conjugar capacidade de mobilização e garantir a qualidade do contingente mobilizado.

O desfile da bateria no carnaval de 2009 não teve percalços, segundo avaliou o diretor de bateria ao fim do desfile. Para ele, a bateria apresentou-se corretamente, sem problemas que comprometessem o desfile. Segundo o manual do julgador deve-se observar em uma bateria:

“A manutenção regular e a sustentação da cadência da Bateria em consonância com o Samba-Enredo; a perfeita conjugação dos sons emitidos pelos vários instrumentos; a criatividade e a versatilidade da Bateria”.

(LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba)

Neste caso, o julgamento da performance quase perfeita dos integrantes da bateria ao fim do desfile coaduna-se com o julgamento dos dois jurados oficiais, que concederam notas 9,9 e 10 à bateria do Dendê. Segundo um dos ritmistas “faltou um pouquinho mais de ousadia”, o que talvez, segundo ele mesmo, pudesse explicar o décimo perdido no quesito.

3.3.4. Escola em desfile: O casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira



Atualmente, o papel do casal em uma escola de samba é estudado com atenção, tamanho o seu protagonismo (Gonçalves, 2008). No desfile de uma escola de samba, o casal de mestre-sala e porta-bandeira é responsável por carregar o símbolo mais importante do cortejo, o pavilhão da escola. Uma série de características bastante específicas caracteriza a sua dança. O primordial é o traje. Vestindo roupas nobres, ele se destaca às demais alas. Sua dança representa uma quebra em relação ao chamado

“samba no pé” dos assistas e dos demais componentes (Toji, 2008). Aqui a apresentação requer um bailar elegante que evoca quase um “flutuar pela avenida”. Nas “mãos” ou nos pés de duas pessoas concentra-se a responsabilidade das duas notas do quesito no desfile do Dendê. O Dendê trazia dois jovens nessa função: a porta-bandeira Tuane, de 13 anos, e o mestre-sala Pedro Henrique, de 14 anos.

A tensão se iniciou com a preparação da entrada dos dois no desfile. Houve alguns problemas no momento da Porta-bandeira Tuane vestir-se, ainda na concentração. O resultado da apresentação foi surpreendente para as expectativas de alguns dos componentes, que apontavam o nervosismo como um dos empecilhos para o bom desempenho dos dois no desfile. O casal obteve duas notas 10 dos jurados.

3.3.5. Escola em desfile: O carro de som, a harmonia e o samba-enredo



Aqui deslocaresmos uma análise individualizada dos quesitos julgados durante o desfile para estes três elementos que, de certa forma, se coadunam. Durante o processo de escolha do samba de enredo, o diretor de harmonia, Nem, ressaltou a sua “ ligação com outros quesitos e setores da escola”. O carro de som, sobretudo, era visto como fundamental no momento do desfile e determinante do desempenho do na avenida.

Nesse desfile, a apresentação dos cantores se iniciou com certo nervosismo. O carro de som, encarregado de conduzir o samba da escola, durante todo o desfile era formado por três cantores e dois cavaquinistas. O intérprete principal, Ednaldo de Lima, era a voz predominante e seu microfone foi ajustado mais alto do que os outros dois, no início de desfile. O intérprete principal é o responsável por dar o “grito de guerra” que convoca a escola para o início do desfile. É ele, também, quem dita o ritmo e sustenta o canto do samba de enredo através dos chamados “cacos”, pequenas chamadas que

incentivam os componentes a cantar o samba durante sua execução na avenida. São os “cacos” que ocupam os espaços melódicos vazios entre os versos. Os outros cantores servem como “base” cantando o samba de maneira contínua e uniforme, dando a chamada “sustentação” ao samba. Os cantores “base” do intérprete Ednaldo de Lima nesse desfile foram Dudu e um sobrinho do presidente Macalé. Logo durante o esquentar da escola, o sobrinho do presidente, empolgado com sua participação no desfile, começou a gritar “cacos” exercendo uma função que não lhe cabia segundo o convencional antes do desfile. Irritado, o intérprete Ednaldo alertou aos diretores de harmonia próximos ao carro de som, que repreenderam o rapaz. Isso não foi suficiente e o sobrinho do Macalé ainda arriscou mais alguns “cacos”. Depois disso, entretanto, as coisas se desenrolaram normalmente.

Dois quesitos estavam em jogo nesse caso, samba de enredo e conjunto harmônico. A harmonia, como vimos no caso do início do desfile, tem papel determinante na organização e condução destes quesitos. Ela atua inclusive entre as alas procurando animar e estimular os componentes a cantar o samba, mas também atua de maneira a organizar a escola em sua evolução no desfile. A organização é aqui entendida de acordo com os seguintes termos:

“A harmonia tem que colocar a escola certinha na avenida (...) e manter a ordem até o final. Não pode deixar uma ala entrar na outra, nem abrir buracos. Tem que manter uma evolução constante e agradável todo o desfile, nem rápido demais nem lento (...) Ainda tem que conduzir os carros. No desfile tem muito trabalho para harmonia.” (Nem, diretor de harmonia do Acadêmicos do Dendê – 28/10/2008)

Um dos problemas com que a harmonia teve que lidar nesse desfile foi o número reduzido de baianas. Um dispositivo regulamentar desse grupo exige que cada escola desfile com um número mínimo de trinta baianas. Faltaram muitas baianas para completar esse número ainda na concentração. A solução foi mobilizar componentes da harmonia que recorreram inicialmente às mulheres de outras alas da escola. Esgotado esse recurso, passaram a procurar voluntárias no público do desfile e mesmo baianas de outras escolas ainda na concentração. Problemas organizacionais, porém, fizeram com que apenas 28 baianas fossem levadas ao desfile. Um integrante da harmonia declarou

que as roupas não foram levadas ao desfile⁹⁴. A escola desfilou com um número menor que o mínimo de baianas e perdeu por isso quatro décimos⁹⁵. Ainda durante o desfile a falta das baianas gerou uma pequena crise. Na dispersão, o presidente Macalé acreditava que a escola não seria punida pela ausência de duas baianas, pois na ata de desfile que assinou após seu término, não constava a punição anunciada apenas no dia da apuração.

Porém, além da perda de pontos nessa “obrigatoriedade”, a escola perdeu também dois décimos no quesito “samba-enredo” e seis décimos no quesito “conjunto harmônico”. Os próprios integrantes da escola não avaliaram positivamente esses dois quesitos ao final do desfile. Eles consideraram que o samba “não rendeu o esperado”, pois poucos componentes cantavam o samba, ou só cantavam o refrão. A responsabilidade do baixo rendimento do samba foi atribuída aos poucos ensaios realizados pela escola. Além disso, a escola apresentou irregularidades na evolução que “comprometeram o desfile”, segundo um dos componentes da harmonia. Essas irregularidades foram causadas por “alas esvaziadas”, ao que se atribuiu uma quebra no conjunto⁹⁶ visual, fator que interferiria também nos quesitos visuais e plásticos a seguir apresentados.

3.3.6. As alegorias e fantasias em desfile



Enquanto objetos rituais as alegorias só fazem sentido no momento do desfile. Antes, mesmo prontas e completamente montadas na concentração, enquanto ainda despidas das “composições, pessoas que ao ocupar espaços na alegoria dotam a mesma de um determinado sentido e de humanos se transformam em objetos (Cavalcanti, 2006).

⁹⁴ Posteriormente, Fabiano afirmou a mim que as roupas foram levadas sim ao desfile.

⁹⁵ Dois décimos para cada uma abaixo do número mínimo.

⁹⁶ Muitos dos aspectos em relação ao formato de apresentação das alas são esclarecidos na tese de Araujo (2008).

No caso da Intendente Magalhães, tudo é agravado pelo orçamento reduzido com que cada escola trabalha o seu carnaval. O público e os componentes muitas das vezes trabalham com o referencial da espetacularização da 1ª divisão (que desfila nos mesmos dias, só que na Sapucaí). Os espetaculares e gigantescos carros são confrontados muitas vezes com os pequenos, mas não menos espetaculares, carros que desfilam em Campinho (Araújo, 2008). Geralmente são construídos com esculturas reaproveitadas e, principalmente, com material barato e de grande efeito. Aqui temos o desafio da quebra de convenções em ação no desfile, tanto na construção das alegorias, quanto na confecção das fantasias.

O Acadêmicos do Dendê, no carnaval de 2009, apresentou seu enredo em três carros alegóricos e vinte alas. O primeiro carro da escola, o abre-alas, representou os grandes bailes. Todo em azul e branco, com detalhes em dourado, esse carro trazia ao centro um círculo com o nome “Dendê”, indicando a entrada da agremiação na avenida. Segundo Macalé, já é uma tradição e uma exigência dos componentes que o nome da escola venha no abre-alas. Nesse carro, várias composições vinham representando foliões nos bailes, ao centro um pequeno coreto abrigando arlequins e colombinas, lançando confetes durante o desfile. Na parte de trás do carro as esculturas de mulatas, que não chegaram a vir da Portela, como vimos, foram substituídas por esculturas de “adoradoras de deusas”, cedidas pela Unidos de Padre Miguel. Com a impossibilidade de movimentação do círculo ao centro da alegoria, a escola resolveu investir na iluminação do carro que, entretanto, não funcionou no momento do desfile.

O segundo carro, representando os carnavais por todo o Brasil, foi o único que passou totalmente iluminado. Trazia um grande trio elétrico ao centro, e índios e canoas ao fundo, representando os carnavais do norte do Brasil. Era o menor carro da escola e, como posteriormente me confessou Fabiano:

“Este era o carro que menos apostávamos na escola. Foi o que deu mais certo” (Fabiano, diretor de barracão – 30/05/2009)

Finalmente, o terceiro carro da escola todo decorado com LPs, revistas e jornais antigos, além de um imenso rádio ao fundo, também teve problemas com o gerador e passou com as luzes apagadas. Nesse caso, a iluminação estroboscópicas integrava sua decoração e era fundamental. Após o desfile, Fabiano comentava que o problema nos geradores teria sido causado pela falta de manutenção e planejamento:

“Foi tudo muito corrido. Não deu tempo de testar os geradores. Esses geradores que alugamos da Corações Unidos do Amarelinho eram muito antigos, provavelmente não eram nem usados com frequência.” (Fabiano, diretor de barracão do Dendê – 30/05/2009)

Por outro lado, as fantasias não obtiveram uma avaliação tão positiva, tanto dos jurados quanto dos componentes. Ao término do desfile muitos criticaram as mesas como “mal-acabadas” e “confusas”.

3.4. A “apuração” e um balanço das redes de sociabilidades e influências

O Terreirão do Samba é o palco da apuração das escolas do Grupo de Acesso no Rio de Janeiro. Além da utilização por parte das escolas de samba, se realizam ali a apuração dos desfiles de bloco e enredo, coretos e blocos de embalo do Rio de Janeiro. Em um dia atípico, em que o carnaval persiste em sobreviver na cidade e um dia que, teoricamente, a festa começa a se despedir, na quarta-feira de cinzas, as grandes escolas realizam sua apuração na Praça da Apoteose e a grande campeã comemora o resultado em sua quadra. Já na quinta-feira os jornais destacam, em suas capas, a festa da vencedora do concurso das escolas do Grupo Especial. No mesmo dia da semana quando o trânsito é normalizado, as pessoas voltam a circular e a rotina é retomada, o Terreirão do Samba recebe a cerimônia onde são anunciadas as notas das pequenas escolas que desfilam na terça-feira na Marquês de Sapucaí e as demais que desfilam na Intendente Magalhães.

Nos dias anteriores o Terreirão, localizado próximo a Passarela do Samba, é palco de muitas folias. Artistas de apelo popular realizam shows a baixo custo em horários paralelos aos desfiles que ocorrem na Sapucaí. Sendo assim, o espaço que conta com um grande palco batizado João da Baiana.

O espaço conta ainda com diversas barracas que vendem quitutes e bebidas dos mais diversos durante os dias de funcionamento do Terreirão. Antes da realização da apuração das escolas de samba, o espaço já fica movimentado pela apuração dos coretos e blocos de enredo, ainda pela manhã. A apuração das escolas de samba filiadas à AESCRJ, aconteceu pontualmente às 13 horas, quando foram abertos os envelopes da primeira apuração do Grupo de Acesso E, a 6ª divisão. A seguir, sucessivamente, são apresentadas as notas dos grupos D, C e B; as 5ª, 4ª e 3ª divisões do carnaval carioca.

Esta é uma ocasião única onde é possível observar todos os representantes de todas as escolas dos grupos lá representados, além de alguns representantes de escolas dos Grupos de Acesso A e Especial, a 1ª e 2ª divisões respectivamente.

Ali é possível observar o desenrolar de diversas redes de relações sociais que envolvem as escolas de samba. Os mandatários e dirigentes de todas elas lá estão presentes, com os componentes mais ativos que batalharam o ano inteiro pelo bom resultado e sucesso de suas escolas. . Mesmo quem conhece um pouco sobre o desfile das escolas de samba, pouco conhece sobre essa apuração no Terreirão do samba. Portanto, chega a espantar que um número tão grande de pessoas esteja envolvido nessa apuração.

No primeiro ano em que observei essa apuração me deparei com quadro bem parecido com o das apurações seguintes, inclusive a que acompanhei durante o carnaval pesquisado, junto ao Acadêmicos do Dendê, em 2009. Ali acontecia o fechamento do ciclo carnavalesco de 2008:

“Escolas com expectativa de título como foi o caso da Inocentes de Belford Roxo e Unidos de Padre Miguel levam grande torcida a apuração. A disposição das mesas espalhadas pelo terreirão segue a um entrelaçamento ritual que envolve o desfile. Escolas rivais se evitam, aquelas que matem uma afinidade se aproximam. Na ocasião os componentes do Boi que primeiro chegaram logo foram saudados por componentes da Corações Unidos do Amarelinho, que fazia parte do Grupo de Acesso C.” (Barbieri, 2009)

Interessante observar que movimento parecido ocorreu no carnaval de 2009. Dessa vez, o novo entrelaçamento da malha de rede aproximou os componentes do Boi da Ilha e do Acadêmicos do Dendê. Os primeiros representantes de ambas chegaram juntos, conversando e se acomodaram em uma mesma mesa. À medida que mais componentes chegavam, as escolas ficavam mais divididas em duas mesas. Um pouco mais à frente estavam componentes da Unidos de Padre Miguel, inclusive o carnavalesco Guilherme Alexandre e o diretor do Dendê Fabiano, que terminou por desfilar também como harmonia da Unidos de Padre Miguel, no carnaval de 2009. Ambos posicionaram-se à direita do palco, onde as notas eram anunciadas.

O que percebe-se encenado na apuração dos grupos de acesso é uma intensa hierarquização da festa carnavalesca, numa direção contrária a já afirmada por clássicos da antropologia brasileira (DaMatta, 1980). Vemos reforçado, na hierarquia competitiva do desfile das escolas de samba, o modelo de dominação da sociedade brasileira, numa posição bastante parecida com a apontada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999) .

Quando as escolas ritualizam suas relações de trocas entre “co-irmãs” o que se observa é uma reafirmação das posições de dominações das escolas mais poderosas que são controladas por bicheiros poderosos ou tem dirigentes ricos. O caso pode ser exemplificado pela relação entre Unidos de Padre Miguel ou Boi da Ilha e Dendê: as primeiras ocupam uma posição hierarquicamente superior dentro da competição se comparadas ao Dendê.

Assim, todos os anos, essa relação de dominação persiste na sua forma de conflito, explicando também a estrutura social que se ergue a partir da festa. Uma escola que ajuda outra de um grupo inferior pode, por sua vez, ser ajudada em outra ocasião. Uma escola que hoje se encontra num grupo inferior pode ascender aos superiores em pouco tempo. Neste caso há algo interessante a ser observado, não obstante as condições conflitivas que se erguem no caso citado. Os componentes do Dendê e do Boi da Ilha, por exemplo, misturam-se em múltiplos pertencimentos que os levam a vibrar ou sofrer com notas de até três escolas diferentes, inclusive do mesmo grupo⁹⁷.

Recuperaremos aqui o principal impulso no desenvolvimento do conceito de rede, que veio do estudo das relações entre famílias, realizado por Elizabeth Bott. Inspirada no conceito de Barnes, ela desenvolveu tipificações que caracterizam os diversos tipos de rede, tomando os estudos com as famílias como parâmetro. Através da amostragem de vinte famílias inglesas, ele dividiu a rede de relacionamentos dos casais em *redes de malha estreita* e *redes de malha frouxa* (BOTT:1976). Nos casos mais próximos, como nos casos de múltiplo pertencimento que enfocamos, observamos redes de malha estreita, onde o entrelaçamento de seus membros é mais efetivo e visível.

⁹⁷Vivi esta situação quando fui compositor da Vizinha Faladeira e um dos cantores do carro de som do Boi da Ilha no mesmo ano, em 2008. Naquele ano ambas desfilavam pelo mesmo grupo. Como me posicionei entre as duas mesas presenciei a curiosa vibração de notas 10 anunciadas no quesito samba-enredo para a Vizinha Faladeira por alguns dos meu amigos do Boi da Ilha.

Não é apenas na questão das redes que podemos atribuir a importância da observação dos movimentos feitos pelas escolas na apuração. Enquanto desfecho de um ciclo carnavalesco, a apuração serve como um espaço de balanço do resultado final do carnaval. Muitos dos comentários após os desfiles são reelaborados e propagados entre os componentes e dirigentes mais importantes.

O prestígio dos dirigentes é colocado em jogo e a permanência ou mudanças em direções estratégicas para o desfile começam a ser articuladas. O caso das baianas foi o mais comentado na apuração. Diversos componentes lamentavam a perda de pontos pela ausência do número mínimo de baianas, ainda que estes pontos não influenciassem na posição final da escola. Alguns componentes se apressaram em encontrar um culpado para os erros cometidos no desfile. Enquanto uma parte destes culpava o diretor de harmonia, Nem, uma outra parte atribuía a culpa ao vice-presidente Tuninho. Os patrocinadores foram lembrados e responsabilizados por outros. Foi curioso notar que ninguém responsabilizou ou citou o presidente Macalé, como possível culpado, tampouco sua ausência na apuração foi contestada. O próprio Macalé havia me avisado que não iria à apuração, pois sempre “ficava nervoso e estressado”, assim preferia acompanhar pelo telefone, pois poderia “analisar as coisas de cabeça fria”. Esse caso confirma o grande prestígio do presidente Macalé, enquanto mediador entre diversos atores. Seu esforço é reconhecido por componentes que dizem saber o quanto ele “lutou e batalhou pela escola”.

“Só que o Macalé é Dendê, gosta de verdade do Dendê, tudo que ele faz é pensando no bem do Dendê. (Depoimento de componente do Dendê - 27/02/2009)

Encerrada a apuração e terminados os “balanços” sobre os resultados o que pode se estender por até um mês, as escolas fazem uma pausa em suas atividades, cuja duração depende de sua mobilização para a produção do carnaval seguinte. Quando boatos de contratação e de dispensa, possíveis temas de enredo surgem, o ciclo se reinicia e se renova sem, entretanto, deixar de refletir o que aconteceu no carnaval anterior.

Conclusão

Fazer antropologia na cidade onde vivemos, não é fácil, especialmente quando o tema ou o grupo estudado nos é familiar. As coisas tornam-se mais complicadas ainda quando participamos há muito tempo, bem antes do interesse etnográfico despertar, do grupo a ser estudado. Esses desafios me foram colocados desde o início desta pesquisa. Esse desafio de “estranhar o familiar” levou-me por tortuosos caminhos, que ainda assim não foram capazes de turvar a imagem daquilo que procurava: entender o funcionamento de uma pequena escola de samba. O que afinal leva as pessoas a lutarem por sua sobrevivência? O que motiva suas disputas com concorrentes muito mais fortes dentro de um pequeno espaço? O que faz com as pessoas participem de várias destas concorrentes ao mesmo tempo e reproduzam o discurso competitivo? Como elas se apresentam perante a cidade e o bairro de origem? O que as leva a competir por espaços de poder dentro das escolas?

Curioso notar que minhas questões iniciais não eram essas e diziam respeito muito mais a questões de ordem simbólica e da prática da preparação das escolas para os desfiles através da construção do seu carnaval. Entratanto, através do olhar, no espaço do barracão, sobre as trajetórias dos envolvidos com a construção do desfile (Velho, 2003) e sobre suas relações com componentes das “co-irmãs”, um quadro revelador e intrigante se abriu.. Questões de natureza diversa das iniciais, é verdade, mas que se revelaram decisivas para entendermos o funcionamento das pequenas escolas. Obtive respostas intrigantes que conduziram essa pesquisa rumo aos meandros da “sociabilidade urbana” e seus múltiplos aspectos (Simmel, 2006).

A proximidade com o grupo e a observação-participante (Foote-Whythe, 2005) foram bastante úteis. Tive acesso a informações talvez negadas a pessoas “de fora”. Foi importante ainda, ao ampliar a visão do ambiente político, perceber como esse ambiente era elaborado e com que objetivos. Um exercício ímpar de reflexão foi necessário. Boa parte do discurso me chegava através da transmissão de impressões entre os integrantes da escola. As redes de relações sociais encetadas pela “fofoca”, objeto de estudo de reflexões sociológicas significativas (Elias & Scotson, 2000), exercem aqui protagonismo interessante. Após os eventos da escola, durante as visitas ao barracão, e mesmo em encontros pelas ruas da Ilha do Governador, sempre os componentes do Dendê comentavam comigo algo sobre a escola. Aqueles que no ciclo carnavalesco de

2009 estavam envolvidos com as outras escolas da Ilha do Governador, também passavam impressões e buscavam informações sobre o andamento da preparação do Acadêmicos do Dendê comigo. Desenvolvi com a escola um processo interessante de associação..

Não rompi com minha participação na União da Ilha e no Boi da Ilha. Ao realizar processo semelhante de “múltiplo pertencimento” (Barth, 2000) a mais de uma agremiação, percebi-me reproduzindo o comportamento de boa parte dos componentes das três agremiações. Essa múltipla participação foi importante para a observação da diferença na natureza da apresentação das escolas dentro do “pedaço” e na cidade onde realizaria seu desfile. A opção por uma “identidade englobante” permeada de características da maior e mais antiga escola, a União da Ilha, pode ser explicada por seu caráter hegemônico na atualidade. Os encontros das escolas nos desfiles como participantes do mesmo grupo na hierarquia competitiva mostram, no entanto, que este caráter hegemônico pode ser colocado em jogo. A legitimidade da estrutura-competitiva do carnaval carioca é fundamental para que a dinâmica desse processo ritual seja preservada. O que observamos nos últimos anos é justamente o contrário. É cada vez menor espaço de ascensão e descenso entre os graus hierárquicos do desfile. Especialmente difícil é o ingresso no grupo mais alto, que, desde 2002, permite o acesso apenas da escola vencedora do grupo imediatamente inferior. Assim, a possibilidade de encontros competitivos no horizonte de escolas hoje classificadas em diferentes grupos torna-se cada vez mais remota. Simultaneamente, as diferenças estruturais entre os grupos acentuam essas diferenças.

As relações desenvolvidas pelo Acadêmicos do Dendê com a Ilha do Governador e com a cidade do Rio de Janeiro revelam a importância das pequenas escolas na vida da cidade. Muito mais do que um pequeno organismo, uma pequena instituição, elas são palco de conflitos que envolvem interesses dos mais diversos atores citadinos. Seus dilemas refletem as dimensões mais complexas da metrópole. A participação e sua representatividade têm caráter revelador em relação às redes de cooperação artísticas influentes no universo das escolas de samba. Olhar não só o Acadêmicos do Dendê como todas as pequenas escolas de samba mostra como esse campo de estudos é fértil para a abordagem da antropologia urbana.

Bibliografia

Araújo, Eugênio. (2008). Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos Grupos de Acesso C, D e E do Rio de Janeiro. São Luís: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro .

Bakhtin, Mikahil. (1987). *A cultura popular na idade média e no renascimento*. São Paulo: Huitec.

Banducci, Álvaro., & Barreto, M. (2005). *Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica*. Rio de Janeiro: Papyrus Editora.

Barbieri, Ricardo. J. (2008). Cidade do Samba: Do barracão de escola às fábricas de carnaval. In: M. L. Cavalcanti, & R. S. Gonçalves, *Carnaval em Múltiplos Planos* (pp. 125-144). Rio de Janeiro: Aeroplano.

_____. (2009) “Apuração no Terreirão”. *Textos escolhidos de Folclore e Cultura Popular*. Volume 6, número 1. (pp.173-182) Rio de Janeiro

Barth, Fredrik. (2000). *O Guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora.

Becker, Howard. (1977). A arte como ação coletiva. In: H. Becker, *Uma teoria da ação coletiva* (pp. 102-115). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. (1982). *Art Worlds*. Califórnia: University of Califórnia Press.

Bott, Elizabeth. (1976). *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Ed.Francisco Alves.

Burke, Peter. (1989) *Cultura Popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

Cabral, Sérgio. (1996). *As escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar.

Cavalcanti, Maria. Laura. (2006). As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. *Textos escolhidos de Cultura e Arte Populares* , 17-27.

- _____. (2006). *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*". Rio de Janeiro: UFRJ.
- _____. (2001). Espetacularidades, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca. *Cadernos de Antropologia e Imagem* .
- _____. (1999). *O Rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chinelli, Filipina., & Machado, Luiz. A.** (1993). O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista do Rio de Janeiro* , Ayuri.
- Cruikchank, J.** (2009). Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: M. d. Amado, *Usos e Abusos da história oral* (pp. 149-166). Rio de Janeiro: FGV.
- DaMatta, Roberto.** (1980). *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1974). O Ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: E. d. Nunes, *A Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social* (pp. 23-35). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1973) . O Carnaval como rito de passagem. In: *Ensaaios de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1973). *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Douglas, Mary.** (1976). *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Durkheim, Émile.** (1989). *Formas Elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus.
- Elias, Norbert.& Scotson, J.** (2000). *Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro; Zahar Editores
- Ericeira, Ronald. C.** (setembro de 2009). A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba. Rio de Janeiro: Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Ferreira, Felipe.** (2006). *Inventando Carnavais*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- _____. (2004). *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. (2006). Traduzindo o enredo: o processo de produção das escolas de samba. In: J. A. Kamel, *Engenharia e entretenimento: meu vício, minha virtude* (pp. 99-111). Rio de Janeiro: E-papers.
- Foote-Whythe, William.** (2005). *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Frugoli Jr., Heitor.** (2007). *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gluckman, Max.** (1987). Análise da Situação Social na Zululândia moderna. *Antropologia das sociedades contemporâneas* .
- Gonçalves, Renata. S.** (2008). A dança nobre no espetáculo popular: a tradição como aprendizado e experiência. Rio de Janeiro: tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Guimarães, Helenise. M.** (2004). A Cidade do Samba - Na paisagem da gambôa, as novas fábricas de sonhos para o carnaval carioca. Rio de Janeiro: mimeo.
- Hannerz, Ulf.** (1980). *Exploring the city: Inquires toward an urban anthropology*. NY: Columbia University Press.
- Índias, Graça. C., & Costa, Antonio. F.** (1999). Bairros: Contexto e Intersecção. In: G. Velho, *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal* (pp. 58-79). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ipanema, Cibele. d.** (1991). *História da Ilha do Governador*. Rio de Janeiro: Livraria e editora Marcello de Ipanema.
- Junior, Nilton.R.** (2009). O que faz da Velha-Guarda, velha-guarda? In: *Carnaval em Múltiplos planos* (pp.309-338). Rio de Janeiro: Aeroplano.

Kuijlaars, Antoniette. (2009). A difusão dos saberes musicais dos ritmistas fora da escola de samba: Uma alternativa profissional? *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, 6, 67-81.

Kuschnir, Karina., & Velho, Gilberto. (2001). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

_____. (2007) *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lozano, Jorge. Eduardo. (2006). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: M. d. Amado, *Usos e Abusos da história oral* (pp. 15-26). Rio de Janeiro: FGV.

Magie, Yvonne. (2001). *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Magnani, José. Guilherme. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de ciências sociais*.

_____. (2003). *Festa no pedaço*. São Paulo: Unesp.

_____., & Mantese, B. (2007). *Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome.

_____., & Torres, L. d. (1996). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP.

Mauss, Marcel. (1978). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Mitchell, Clyde. (1969). *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press.

Moraes, Evaristo. d. (1983). *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática.

Neto, Paulo. C. (2002). *A pura cadência da Tijuca: estudo da bateria da escola de samba Unidos da Tijuca*. Rio de Janeiro: Relatório de Iniciação Científica UFRJ.

_____. (2005). *Recordar é viver? A autenticidade nas reedições de sambas e enredos de carnavais passados*. Rio de Janeiro: mimeo.

Park, Robert. E. (1979). A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: O. G. Velho, *O Fenômeno Urbano* (pp. 26-67). Rio de Janeiro: Zahar.

Pavão, Fábio. (2009). As escolas de samba e suas comunidades. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, 6 (1), 183-195.

_____. (2005). Uma comunidade em transformação: modernidade, organização e conflito nas escolas de samba. Niterói, Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Queiroz, Maria. Isaura. (1999). *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São paulo: Brasiliense.

Rio, João. d. (2008). *Alma Encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Companhia do Bolso.

Santos, Nilton. d. (2006). "Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!": Carnavalesco Individualidade e mediação cultural. Rio de Janeiro: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade federal do Rio de Janeiro.

Silva, Marília. t., & Santos, Ligya. (1989). *Paulo da Portela: Traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: FUNARTE.

Simmel, Georg. (2006). *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Toji, Simone. (2008). Passistas da Mangueira: o desfile das emoções na festa carnavalesca carioca. In: M. L. Cavalcanti, & R. S. Gonçalves, *Carnaval em múltiplos planos* (pp. 195-220). Rio de Janeiro: Aeroplano.

Turner, Victor. (1978). *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1996). *Schism and continuity in an african society: a study of Ndembu village life*. Washington: BERG.

Varela, Dráuzio. (1999). *Estação Carandiru*. São Paulo: Cia das Letras.

Velho, Gilberto. (2003). *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Zaluar, Alba. (1985). *Carnaval e clientelismo político*. Cadernos CERU (pp.36-64)

Sites e artigos em jornais usados como referências:

Duarte, D. T. (Agosto de 2006). *www.obatuque.com*. Acesso em 30 de Agosto de 2006, disponível em OBatunque.com: <http://www.obatuque.com/opiniaio>

Filho, Edgar. (24 de Junho de 2009). *Didi, o mito*. Acesso em 16 de Novembro de 2009, disponível em Galeria do Samba: <http://saideira.galeriadosamba.com.br/BL.asp>

LESGA - Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso. (s.d.). Fonte: www.lesga.org.br

LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba. (s.d.). *LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba*. Acesso em 20 de Dezembro de 2009, disponível em site da Liga Independente das Escolas de Samba: <http://liesa.globo.com/2010/por/03-carnaval10/Regulamento%20Carnaval%202010%20-%20LIVRO.pdf>

Miranda, M. O. (s.d.). *Acadêmia do Samba - O Maior Portal do carnaval brasileiro*. Acesso em 13 de Março de 2008, disponível em Acadêmia do Samba: <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/academicosdodende/index.htm>

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. (s.d.). *Armazém de Dados - Informações sobre a cidade do Rio de Janeiro*. Acesso em Dezembro de 2009, disponível em Portal GeoRio: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/portalgeo/index.asp>

OBatunque.com – www.obatuque.com

Galeria do Samba – www.galeriadosmaba.com.br

Sambario – www.sambariocarnaval.com

Acadêmia do Samba – www.academiadosamba.com.br

SRZD carnavalesco – www.carnavalesco.com.br

O Dia na Folia – www.odianafolia.com.br

Tudo de Samba – www.tudodesamba.com.br

LIESA – www.liesa.globo.com

LESGA – www.lesga.org.br

AESCRJ – www.aescrj.com.br

Troféu Sambanet – www.sambanet.com

Todas as fotos não creditadas durante o trabalho são de autoria e do acervo pessoal do autor

Anexos:

Sinopse:

*Os sonhos ganharam cores nas telas de TV
Foliões ,sambistas e artistas viraram atores
A sapucaí sempre será um palco
Onde tudo pode acontecer*

*E se acontecer.....
Vira manchete..é o sonho do dendê
Notícia de campeão , despertando da comunidade
Toda uma grande paixão*

*Da avenida se fez samba
Refletida pelas telas
Explodindo pelo Brasil
A alegria das passarelas*

*Carnavais do Rio , São Paulo e Manaus
Com repiques e rebolados
E os trios ganhando as ruas da Bahia
E o axé sendo revelado*

*Os bailes dos grandes clubes
Também foram retratados
E os desfiles de fantasias
Para sempre eternizados*

*No clique do destaque
A revista mostra a cara
Do sambista ou da celebridade
Não tem segredo...é carnaval de verdade*

*Ao som da alegria
Meu rádio faz ecoar
Notícias do carnaval , na cidade do samba
Sempre em alto astral*

*Tem manchete no meu rádio
É carnaval o ano inteiro
Vai dar samba de verdade
No meu Rio de Janeiro*

*Para a alegria do samba a academia do dendê
Não vai deixar ninguém esquecer
Pode preparar o seu confete
Que este ano na avenida tem manchete*

1º setor:

Ala 1- Arlequins cinegrafistas - retratando o carnaval pela manchete

Ala 2- Pierrot mostra o carnaval do Brasil para o mundo

Ala 3- Colombina na inauguração do sambódromo através da praça da apoteose

Ala 4- Os galhardetes (nomes que marcaram os concursos de fantasias): Clóvis Bornai, Evandro de Castro Lima, Jesus Henrique, Wilza Carla entre outros.

Ala 5 – Crianças – carnaval de rua piratas, índios, odaliscas e bailarinas

Ala 6 - Baile Gay

Ala 7 – Baianas – Baile de mascaras

Ala 8 – Passistas – Baile do Diabo

Ala 9 – Bateria – Baile do vermelho e preto

2º setor:

Ala 10 – Trio elétrico

Ala 11 – Filhos de Gandhi

Ala 12 – Manaus na folia

Ala 13 – Índio com samba no pé

Ala 14 – O Brasil passa na Manchete

3º setor:

Ala 15 – Nas ondas do rádio

Ala 16 – Os radialistas

Ala 17 – Samba Enredo (compositores)

Ala 18 – Esquentando os tamborins

Ala 19 – Cidade do samba

Ala 20 – A revista (aconteceu virou manchete)



**ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**
CNPJ: 42.100.487/0001-24 – Insc. Mun.: 160.323.121-00

CARNAVAL 2009 - FICHA TÉCNICA - CARNAVAL 2009	
Escola	G.R.E.S. ACADÊMICOS DO DENDÊ DA ILHA DO GOVERNADOR
Presidente Admin.	Ubiraci de Oliveira
Vice-Presidente Admin.	Antônio Luis dos Santos Costa
Fundação	25/08/1989
Cores	Azul e Branco
Sede	Rua Tupinambá nº. 6 – Morro do Dendê – Rio de Janeiro
Quadra	Estada do Dendê nº. 191 – Tauá – Rio de Janeiro
Barracão	Praça Marechal Hermes nº. 63 bloco C fundos – Santo Cristo – Rio de Janeiro
Enredo	PODE PREPARAR O SEU CONFETE QUE ESTE ANO NA AVENIDA TEM MANCHETE
Autor do Enredo	COMISSÃO DE CARNAVAL (LEILA TAUFIE, JOÃO ESTEVAN AILTON CREITAS, BARBIERI)
Autor do Samba Enredo	
Intérprete	EDNALDO DE LIMA, BIRINHA, BRUNO REVELAÇÃO, NILTON
Diretor de Carnaval	MARLI MATOS
Carnavalesco	LUIS CAVALCANTE E PAULO BRASIL
Figurinista	PAULO BRASIL
Diretor de Barracão	FABIANO COSME DO NASCIMENTO
Diretor de Harmonia	Edson Honorato
Diretor de Bateria	WESTER ALAU
Resp. Ala das Baianas	Dona Sebastiana
Resp. Ala das Crianças	Edson Honorato
Resp. Galeria da Velha Guarda	Ana de Oliveira
Resp. Comissão de Frente	ERICK BRUNO
CASAIS DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA	
Primeiro Casal	JEAN E PATRICIA
Segundo Casal	PAULO HENRIQUE E TUANY
Terceiro Casal	

Sede Própria: Rua Jacinto, 67 – Méier – CEP 20725-020
Tels.: 2269-3445 / 2596-1127 / 3899-8897

G.R.E.S. ACADÊMICOS DO DENDÊ

Presidente: Macalé

Vice Presidente: Tuninho

Carnavalesco: Desenvolvimento - Luiz Cavalcanti / Autor – Paulo Brasil

Interprete: Ednaldo de Lima

Compositores: Barbieri, Timbó, Ito Melodia, Marquinhos do Banjo,
Hilton Barbieri e Jaú

VEM MEU AMOR,
HOJE QUERO ABRIR MEU CORAÇÃO
BOTEI A BOCA NO MUNDO
POR UM SEGUNDO, CHOREI DE EMOCÃO
AO RECORDAR BELOS CARNAVAIS
BAILES E DESFILES GENIAIS
VIAJEI NO TEMPO, VESTI A FANTASIA
NAS CORES DA TELINHA, NOSTALGIA
PIERROT E COLOMBINÁ SE ENCONTRAM PARA AMAR
EU TÔ AO VIVO, TÔ NA TELA, TÔ NO AR

NA BAHIA MEU DENDÊ TEM AXÉ
MANAUS E SAMPA TAMBÉM TÊM SAMBA NO PÉ
CHEGUEI AO RIO, ME EMBALEI NA POESIA
BRINQUEI NA RUA, CAÍ NA FOLIA

} BIS

PODE ESQUENTAR OS TAMBORINS
MINHA CIDADE É DO SAMBA, SIM
VOU CONGELAR ESSE MOMENTO DE AMOR
A SUA IMAGEM TEM MUITO VALOR
FAÇO DESSE SONHO A REALIDADE
O SAMBISTA É O ARTISTA DE VERDADE
COM MINHA BATERIA VIM PRA TE ENCANTAR
DE AZUL E BRANCO COLORINDO O TEU OLHAR

VOU NA REVISTA, VOU NA RÁDIO E NA TV
MINHA RECEITA DA VITÓRIA TEM DENDÊ
VOU ESPALHANDO NA AVENIDA MEU CONFETE
ACONTECEU NO CARNAVAL VIROU MANCHETE

} BIS